



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTARDO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

GABRIEL PIGOZZO TANUS CHERP MARTINS

**POR UM BRASIL MAIS ACESSÍVEL: ESPALHE OS SINAIS -
LIBRAS**

Dissertação de Mestrado submetido a Universidade Federal Fluminense visando à
obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof^a Dr^a Ruth Maria Mariani Braz

Niterói
2016

GABRIEL PIGOZZO TANUS CHERP MARTINS

**POR UM BRASIL MAIS ACESSÍVEL: ESPALHE OS SINAIS -
LIBRAS**

Trabalho desenvolvido no Laboratório do SpreadBrazil, Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

Dissertação de Mestrado submetido a Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ruth Maria Mariani Braz

GABRIEL PIGOZZO TANUS CHERP MARTINS

**POR UM BRASIL MAIS ACESSÍVEL: ESPALHE OS SINAIS -
LIBRAS**

Dissertação de Mestrado submetido a
Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial visando à
obtenção do grau de Mestre em
Diversidade e Inclusão.

Banca Examinadora:

Ruth Maria Mariani – CMPDI (Orientador/Presidente)

Dilvani Santos–CMPDI– UFF

Glauca Aragon –CMPDI- UFF/ UENF

Jaqueline Barros – Departamento – Universidade Lusófona (membro externo)

Luiz Andrade– CMPDI– UFF

Mylene Santiago – Revisora Departamento de Educação - UFF



M386 Martins, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp

Por um Brazil mais acessível: espalhe os sinais-libras / Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins. – Niterói: [s.n.], 2016.

105f

Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

1. Pessoa com insuficiência auditiva. 2. Acesso à educação.
3. Língua brasileira de sinais. 4. Bibliografia. 5. Site da Web.
6. Tradução. 7. Vídeo. I. Título.

CDD. 371.912

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

DEDICATÓRIA

à minha filha Maria Eduarda

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me proporcionar a experiência única de testar meus limites e minha competência e me oferecer todos os instrumentos necessários para chegar aonde eu quiser. O que é possível eu faço, o impossível é por conta do Pai. Obrigado!

À minha filha, Maria Eduarda ou carinhosamente Duda, Futrica, Sapeca, Frozen, Elsa, Valente, Princesa Sophia, Menina Maravilha e tantas outras, que apesar do pouco tempo nesse planeta, compreende os meus momentos de ausência e pela inspiração que traz para eu conseguir trilhar meu caminho.

À minha esposa, Jacqueline, minha maior incentivadora. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grato a você por compartilhar cada sentimento nesses anos de união. Obrigado por compreender cada dia longe de você, longe de seus abraços, carinhos, suas palavras de incentivo e muitas vezes palavras de ordem que serviram de combustível para dar este primeiro passo.

Aos meus pais, Geraldo Tanus Cherp e Semíramis Pigozzo Martins, meus ídolos, meus exemplos. Tenham certeza que minha prática, minha dedicação, meu esforço, meu comprometimento é reflexo dos pais que tenho.

À minha querida orientadora Ruth Maria Mariani. Mulher guerreira, fantástica. Me acolheu com carinho e mostrou o caminho que deveria ser seguido. Obrigado pelos “puxões de orelhas” e pelas vezes que fui obrigado a “beber água”. Meu sucesso é seu sucesso. Você sabe o quanto “ralamos” para chegar até aqui....

À minha parceira e amiga Ana Paula. Obrigado. Cada palavra, cada texto, cada artigo que escrevemos juntos é resultado de muito esforço, dedicação, estudo e amor. Amor pelo que fazemos e acreditamos.

Aos companheiros da “Panela do Fundão”, Ângela, Tati Gregório, Thiago, Danilo (Coronel) e Gisele. Impossível seria aguentar tudo sem vocês. Nos encontramos por afinidades...

Aos parceiros do “Cafofo”, Juliete Viana. Aline Angel, Noemi, Luís Ricardo, Fátima, Alex, Sandro, Sabrina e todos os outros que compartilham saber, experiência, amor e felicidade. Vocês são demais!!!

À Universidade Federal Fluminense, por proporcionar o contato com profissionais maravilhosos e com um ambiente onde o conhecimento e as informações circulam de maneira livre, sem barreiras.

Às professoras Glauca Aragon, Mirian Crapez e Cláudia Márcia que acreditaram em meu trabalho e solicitaram minha contribuição para a disciplina ministrada por vocês.

O olhar educacional proposto pela revisora deste estudo, professora Mylene Santiago.

Aos demais que direta ou indiretamente participaram deste primeiro passo, o meu muito obrigado!

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	vii
AGRADECIMENTOS.....	viii
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	xii
LISTA DE QUADROS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xiii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
1.INTRODUÇÃO	1
1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1.2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	3
1.3. ACESSIBILIDADE E O SURDO.....	8
1.3.1 CONCEITUANDO QUESTÕES DIGITAIS.....	11
2. OBJETIVOS	15
2.1. OBJETIVO GERAL:	15
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	15
3. METODOLOGIA:.....	16
3.1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	16
3.2. O SITE ACESSÍVEL.....	17
3.3 O LEVANTAMENTO DOS SITES ACESSÍVEIS:	19
3.4. CRIAÇÃO DOS VÍDEOS EM LIBRAS COMO OBJETOS DE APRENDIZAGEM	19
3.5. CRIAÇÃO DE VÍDEOS EM LIBRAS PARA A DISCIPLINA ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL	20
3.6. O CANAL NO <i>YOUTUBE</i>	21
3.7. AS ENTREVISTAS	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	23
4.2 SITES ACESSÍVEIS:	32
4.3 VÍDEOS PRODUZIDOS	39
4.4 O SPREADTHESIGN E SPREADBRAZIL	41
4.5 ENTREVISTAS: QUAL A OPINIÃO DOS SURDOS SOBRE ACESSIBILIDADE.....	46

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
7.APÊNDICES	65
7.1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
7.2- AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	66
8. ANEXOS	67
8.1. REGISTRO DAS AULAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA TURMA 2015 DO CMPDI E ALGUMAS PALESTRAS QUE OCORRERAM NO INÍCIO DO CURSO	67
8.2 GLOSAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DAS AULAS DA DISCIPLINA “ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL”	91
8.3. GLOSAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DA PÁGINA DO <i>SPREADBRAZIL</i>	97
9. ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL TRIBUNA DE MINAS EM 2016.....	100

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Print da tela sobre a festa de 20 anos da ASJF	26
FIGURA 2 - Página do Youtube sobre a festa de 20 anos da ASJF	26
FIGURA 3 - Evolução da Internet brasileira	27
FIGURA 4 – Site Projeto de Acessibilidade Virtual.....	33
FIGURA 5 – Site Nós Todos.....	34
FIGURA 6 - Print da tela acesso para todos.....	34
FIGURA 7 – Exemplo de site Música e Inclusão.....	35
FIGURA 8 – Exemplo de site acessível.....	35
FIGURA 9 - Exemplo do site UTFPR	36
FIGURA 10 – Exemplo do site da UFJF	36
FIGURA 11 - Exemplo do site acessível da UFF	37
FIGURA 12 – Exemplo de site acessível Via Quatro	37
FIGURA 13 – Exemplo de site acessível do curso de Letras/LIBRAS da UFSC.....	38
FIGURA 14 – Apresentação da Disciplina Atualização Profissional 1º/2016	40
FIGURA 15 – Página da Disciplina Atualização Profissional	40
FIGURA 16 – Página da Disciplina atualização Profissional – apresentação da aula 1	41
FIGURA 17 – Página do Spreadthesign.....	43
FIGURA 18 – Página do SpreadBrazil.....	45
FIGURA 19 – Print da tela do email da UFF	45
FIGURA 20 – Tabela de Configuração de mãos.....	53
FIGURA 21 – Alfabeto Manual.....	54

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - das influência das cores.....	50
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

1. ASJF – Associação dos Surdos de Juiz de Fora
2. AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
3. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
4. CAEE – Centro de Atendimento Educacional Especializado
5. CES/JF – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
6. CMPDI – Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
7. EUA – Estados Unidos da América
8. INES- Instituto Nacional De Educação de Surdos
9. L1 – Primeira Língua
10. L2 – Segunda Língua
11. LA – Língua Alvo
12. LG/S- Língua Gestual/Sinais
13. LGP – Língua Gestual Portuguesa
14. LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
15. LO- Língua oral
16. LP – Língua Portuguesa
17. LS – Língua de Sinais
18. NTI – Núcleo de Tecnologia e Informação
19. TIC's – Tecnologia da Informação e Comunicação
20. TIL's – Tradutor Intérprete de Língua de Sinais
21. UC – Unidade Curricular
22. UFF –Universidade Federal Fluminense
23. UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

A utilização de recursos audiovisuais vem crescendo a cada dia. Para os sujeitos Surdos, as tecnologias da comunicação e informação são de uso diário e imprescindível. Usam telefones celulares, Smartphones, tablets, câmeras de vídeos de computadores pessoais entre tantos recursos para se comunicar, se formar e informar. Mas, com todos estes recursos a web é um ambiente acessível para estes indivíduos? Todas as informações, conhecimentos, entretenimentos e etc. são acessíveis aos Surdos em sua primeira língua (Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS)? Propomos como produto desta pesquisa a criação de materiais digitais acessíveis em LIBRAS, destacando-se janelas de LIBRAS no site do SpreadBrazil (www.spreadbrazil.uff.br) a fim de, tornar os conteúdos desta página acessíveis a este público em sua primeira língua. Utilizamos o sistema de transcrição em glosas para realizar a tradução entre línguas (Língua Portuguesa e LIBRAS) e filmamos e editamos o produto final no laboratório do SpreadBrazil – Universidade Federal Fluminense - UFF. Como resultado de toda a pesquisa, filmagens e edição temos a página acima citada acessível aos Surdos em sua língua natural, a ser habilitada em provedor que comporte o acesso direto aos vídeos produzidos, uma vez que, o provedor da Universidade Federal Fluminense (UFF) não permite assecibilidade aos vídeos produzidos neste trabalho.

Palavras chaves- acessibilidade na Web para os Surdos; interpretação em LIBRAS, produção audiovisual em LIBRAS.

Produto final: Acessibilidade para Surdos na página da *web*. www.spreadbrazil.uff.br

ABSTRACT

The use of audiovisual resources is growing every day. For the Deaf subjects, the technologies of communication and information are essential and daily use. Use mobile phones, smartphones, tablets, personal computers of video cameras among many resources to communicate, train and inform. But with all these resources the web is an accessible environment for these individuals? All information, knowledge, entertainment, etc. They are accessible to the Deaf in their first language (Brazilian Sign Language - Libras)? We propose as a product of this research creating accessible digital materials POUNDS, especially LIBRAS windows in SpreadBrazil website (www.spreadbrazil.uff.br) to, make the contents of this page accessible to this audience in their first language . We use the transcription system in glosses to translate between languages (English and Language LIBRAS) and filmed and edited the final product in the laboratory SpreadBrazil - Universidade Federal Fluminense - UFF. As a result of all the research, filming and editing have the above mentioned page accessible to Deaf people in their natural language, to be enabled in provider incorporating direct access to videos produced, since the provider of the Federal Fluminense University (UFF) does not allow assecibilidade the videos produced in this work.

Keywords: Web acessibility to the deaf, Brazilian Sign Language interpretation; audio-video production in Brazilian Sign Language.

Final Product: web acessibility to the deaf on the page www.spreadbrazil.uff.br

1.INTRODUÇÃO

1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar a produção deste texto e deste produto faz com que minha trajetória profissional e acadêmica falem por mim. Ter a Geografia como formação inicial me proporcionou um conhecimento do/no/sobre o mundo nunca antes experienciado. A diversidade de relações sobre o Globo, sejam elas pessoais, econômicas, culturais, políticas, informacionais e tantas outras, são na verdade relações de poder (SANTOS, 2000). Poder este que emana de uma categoria hegemônica que dissemina seu pensamento, cultura e “verdades” sobre uma massa populacional que se vê, muitas vezes, sem ter como reagir a essa massificação ideológica.

Pensar a acessibilidade na/da *Web* para sujeitos Surdos¹, faz com que esta massificação ideológica se torne mais presente e viva nas relações entre Surdos e a interface digital, uma vez que as mesmas foram projetadas para ouvintes (Pivetta, *et. al.*,2013). Assim, os conhecimentos e/ou informações contidas nestas interfaces digitais, ficariam restritas à camada hegemônica da população, que são os ouvintes.

A escolha por trabalhar com este estudo parte das minhas experiências como Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa (TILS) e de docente de Língua Portuguesa (LP) como Segunda Língua (L2) para Surdos. Licenci-me em Geografia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e me especializei (Lato-sensu) em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e Língua de Sinais. Meu caminho profissional me levou a buscar uma nova especialização (Lato-sensu) que me trouxesse melhores condições de compreender o universo em que atuo e então iniciei uma pós-graduação em Tradução, Interpretação e Docência de LIBRAS na Uníntese. Ao longo da formação, e concomitantemente à prática docente e de TILS, busquei sempre a compreensão

¹ O Surdo escrito com letra maiúscula se refere ao Ser Surdo, numa perspectiva sócioantropológica do termo. Sujeito que possui identidade Surda, Cultura Surda, vive uma experiência visual e faz uso da Língua de Sinais para se comunicar.

sobre todo o processo de inclusão dos alunos Surdos na escola comum² (ALBRES, 2015). Além deste processo de inclusão escolar, questões sobre como se dá o aprendizado dos alunos Surdos sempre povoaram meus pensamentos e me motivaram a buscar sempre a excelência do meu trabalho.

Atualmente atuo como TILS e como professor de L2 para Surdos em dois Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) da rede de ensino do município de Juiz de Fora, Minas Gerais e procuro responder algumas questões que, indiretamente aparecem nas relações destes alunos com os profissionais envolvidos com os atendimentos no contra turno: se este aluno, filhos de pais ouvintes, não possui a Língua de Sinais (LS) como língua natural, como ele se relaciona com seus pares, sem uma língua constituída? Se ele sinaliza uma língua diferente dentro do espaço escolar, cuja língua oficial é a LP, como se dá o ensino deste aluno? Qual o *status quo* da LS dentro do espaço da WEB? Existe um aprendizado significativo da LP como L2? A WEB é inclusiva, atende as expectativas de aprendizagem dos alunos Surdos, uma vez que, a LS não é a língua de instrução? Ele realmente é alfabetizado/letrado em LS e LP? Os métodos de ensino de LP respeitam a metodologia de ensino de L2? Estes e outros inúmeros questionamentos fazem com que as relações de poder existentes dentro dos espaços escolares se tornem relações conflituosas pois há uma luta invisível, uma luta ideológica, uma luta de interesses. Os Surdos acessam a WEB com frequência para realização dos seus trabalhos escolares? Quais são os sites acessíveis para que eles possam pesquisar?

Respondendo alguns destes questionamentos a educação de Surdos nos últimos anos vem sendo tema de debates nos mais variados campos do saber, como a antropologia, a sociologia, a linguística, a política entre outros, e isso mostra a representatividade desta “grande” minoria linguística, que vem conquistando seus direitos com muita luta. Luta pela valorização e defesa de sua língua, para torná-la visível em um “mundo” de ouvintes, em fazer valer seus direitos enquanto minoria linguística. No entanto, na prática, percebemos que não existe efetivamente uma

² ‘Escola comum’ consiste da escola laica, gratuita e para todos. Apesar de, por vezes, os termos escola comum e escola regular serem usados indistintamente, optamos por não utilizar o termo escola regular. O termo escola regular carrega o conceito de que a escola especial ou exclusiva para Surdos seria uma escola “irregular”. (ALBRES, 2015, p. 14-15)

educação bilíngue para Surdos, sua cultura é, muitas vezes, denominada subcultura e o indivíduo Surdo reprimido. Trabalhamos dentro de um sistema que o inibe e o estigmatiza, não considerando sua língua em sua especificidade linguística. Quadros (2005) nos mostra como essas políticas públicas (“sistema educacional”) são aplicadas na realidade:

As políticas públicas para a educação de Surdos estão voltadas para a garantia de acesso e permanência do aluno Surdo dentro das escolas regulares de ensino. Entende-se “dentro da rede regular de ensino” que o aluno Surdo deverá ter condições escolares na escola da esquina de seu bairro. No entanto, ao mesmo tempo, com a legislação vigente garantindo o direito linguístico ao Surdo de ter acesso aos conhecimentos escolares na língua de sinais, esse “dentro da rede regular na escola da esquina de seu bairro” passa a ser um problema. Imaginem ter aulas em uma língua que não é a língua falada na escola em qualquer escola que haja, pelo menos, um Surdo matriculado. Os próprios articuladores que encabeçam as políticas públicas de educação chegam à conclusão de que isso seria extremamente dispendioso e acabaria criando situações garantidas por lei, mas sem serem concretizadas (QUADROS, 2005, p. 2).

Percebemos na fala de Quadros (2005) alguns elementos que permearam parte de nossa pesquisa, ou seja, qual a melhor forma para se ensinar os conhecimentos curriculares para os Surdos. Uma questão chave para essa discussão da educação de Surdos atualmente é escola comum versus escola bilíngue. Estudar em uma escola onde a língua de instrução não é a LIBRAS pode gerar inúmeras dificuldades e barreiras para professores e principalmente para estudantes Surdos. A falta de acessibilidade comunicacional e linguística trazem prejuízos incalculáveis não somente para a educação formal, mas para a formação cidadã deste sujeito.

1.2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Quando pensamos e refletimos sobre a educação de Surdos, muitas vezes a primeira ideia a que nos remetemos é a alfabetização destes sujeitos. Mas que alfabetização é essa? Como pensar, agir e alfabetizar as crianças Surdas? Alfabetizar ou letrar? Interessante perceber que muitos de nossos alunos Surdos

são filhos de pais ouvintes, que em inúmeros casos desconhecem a Língua de Sinais (FREEMAM, 1999, MARIANI, 2014). Isso faz com que essas crianças cresçam em lares cuja língua que circula dentro do ambiente doméstico é a Língua Portuguesa e não a Língua de Sinais. Este “pequeno” detalhe linguístico faz com que as crianças cheguem à escola sem uma língua internalizada, pronta, adquirida.

Esta escola é uma escola comum, inclusiva. Cuja sua rotina, seus documentos, sua estrutura, suas aulas, avaliações, metodologias foram e são pensadas por ouvintes e para ouvintes, desconsiderando as especificidades linguísticas e identitárias das crianças Surdas. Estas são “colocadas” em salas de aula comuns com alunos ouvintes, sendo afastadas de seus pares Surdos, ou seja, não há uma comunicação satisfatória entre alunos da mesma classe.

Sendo toda a estrutura pensada por e para ouvintes, como se dá o processo de educação “formal”, dos conhecimentos curriculares que estes alunos Surdos têm que aprender? Sua língua é levada em consideração neste processo? Metodologias são pensadas para todos? Existe, com naturalidade dentro da sala de aula, o uso da pedagogia visual?

Há uma clara relação de poder entre as línguas e é percebido facilmente o que é levado em consideração neste processo educacional, ou seja, o aprendizado da língua majoritária do país, a Língua Portuguesa. E como os Surdos aprendem a língua majoritária? São perguntas que ainda temos que responder com várias pesquisas, não podemos afirmar que as escolas estão prontas para a educação de Surdos, pois a escola é um espaço que depende dos atores que estão envolvidos. Cada uma terá um resultado diferente, pois as realidades e as vivências dependem muitas vezes das relações que foram ou serão traçadas.

Para os Surdos aprenderem a Língua Portuguesa é necessário que ter uma língua adquirida, ou seja, que a criança tenha internalizado sua língua materna, a Língua de Sinais. Assim a LIBRAS se torna sua primeira língua (doravante L1) e a Língua Portuguesa sua segunda língua (L2) (FREITAS, 2014).

Neste momento, se faz mister abrir um espaço para que se possa estabelecer conceitualmente o termo usado anteriormente de língua materna. Propositamente, foi posto no parágrafo acima para que se possa estabelecer o que

acreditamos e o que defendemos e como iremos conduzir o texto deste trabalho. Aportaremos-nos em Quadros e Cruz (2011) para definir este conceito:

O termo “língua materna” é utilizado no campo linguístico e da psicanálise. No primeiro, o termo faz sentido, pois a língua materna é aquela em que a criança se significa e significa o outro por meio de uma língua ou línguas, normalmente usadas no contexto em que a criança cresce. **Nesse sentido, a língua materna é análoga a língua nativa ou primeira língua.** (*Grifo nosso*) No campo da psicanálise, o termo apresenta o sentido relacionado com a interação que acontece entre mãe e filho. Comunicação que acontece até mesmo antes do nascimento, relacionando a palavra “materna” com a “mãe”. Neste trabalho, usamos os termos língua materna ou primeira língua na perspectiva linguística. (QUADROS; CRUZ, p. 26, 2011).

Como a maioria dos Surdos são filhos de pais ouvintes, ou seja, cerca de 90% (FREEMAM, 1999; QUADROS E SCMIEDT, 2006; MARIANI, 2014), a concepção da psicanálise não se enquadra dentro da realidade destas crianças. Assim, como Quadros e Cruz (2011) trabalharemos neste estudo dentro das concepções da linguística.

De acordo com o Decreto 5.626/05 em seu capítulo VI, a educação de Surdos deverá ser ministrada da educação infantil ao anos iniciais do ensino fundamental por professores bilíngues (BRASIL, 2005). Isto significa que a língua de instrução destes alunos é a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Neste sentido, podemos perceber que desde o momento que o aluno Surdo entra no processo de escolarização ele terá acesso aos conteúdos em LIBRAS, sua L1. Este tipo de educação é o que denominamos de educação bilíngue para Surdos, que segundo o Capítulo IV da Lei 13.146 de 6 de julho 2015 (Lei Brasileira de Inclusão) em seu artigo 28 é incumbência “ do poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar”: no inciso IV, “a oferta de educação bilíngue, em LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e escolas inclusivas” (BRASIL, 2015).

No panorama apresentado acima, podemos ter uma ideia de como deve ocorrer o processo de alfabetização dos alunos Surdos. Se faz mister primeiramente

a aquisição de sua L1 para então ocorrer o aprendizado de sua segunda língua (L2) (FREITAS, 2014; SILVA, 2001; GUARINELLO, 2007; GESUELI, 2011; KARNOPP e PEREIRA, 2011. GIORDANI, 2011). Se, durante os anos iniciais do processo de escolarização da criança Surda a LS for a língua de instrução e a LP trabalhada de forma correta na perspectiva de uma segunda língua, podemos fazer com que estes alunos Surdos consigam se alfabetizar na língua majoritária de nosso país, evitando assim lacunas no aprendizado.

O Ministério da Educação (MEC) disponibiliza uma bibliografia que norteia o trabalho para o ensino de L2 para Surdos (QUADROS e SCHMIEDT, 2006; SALLES, 2007a; SALLES, 2007b. GUARNIELLO, 2007, GIORDANI, 2011). São autores que de forma didática e com uma clareza de explicações e ideias nos permitem adquirir um arcabouço teórico/prático sobre assunto, norteando o trabalho docente. Diante disso, compreendemos que as concepções de alfabetização para alunos Surdos se diferem das concepções para alunos ouvintes. É imperioso que o Surdo se alfabetize primeiramente em sua L1, para que possa ter uma base linguística para o aprendizado de uma L2.

Pelo fato de não ouvir, o Surdo apoia-se menos e indiretamente na relação oralidade/escrita tornando possível considerar o aspecto visual da escrita como um fator relevante no processo de aquisição. Tornam-se nesse contexto, portanto, necessários uma reflexão sobre a concepção de texto e um distanciamento da noção de escrita como representativa da oralidade, ou ainda, como algo palpável e concreto (GESUELI, 2011. p. 39)

Essa representatividade imagética é uma das ferramentas que a Pedagogia Visual se utiliza para que se possa trazer para os Surdos um ganho em qualidade na aprendizagem. Lembrando, mais uma vez, que são sujeitos que interagem com o mundo de maneira visual, utilizando uma língua de modalidade gesto-visual. No entanto, acredito e defendo que o uso de imagens pode auxiliar e muito os Surdos no aprendizado, não somente do Português como L2, mas de todas as outras disciplinas curriculares.

Dentro da perspectiva de texto apresentada por Gesueli (2011), ou seja, considerando a escrita como imagem podemos refletir sobre a:

[...] possibilidade de a imagem fazer parte da produção textual do aluno Surdo, dada a experiência visual a que está imbricado, sem que necessariamente esta imagem deva ser substituída por palavras escritas. Sob a ótica da diversidade, poderíamos considerar que os textos dos Surdos estivessem permanentemente constituídos de imagens? Seria possível considerar a produção da escrita dos Surdos como um texto multimodal [...] (GESUELI, 2011. p. 47).

Esse aspecto multimodal e visual da escrita do sujeito Surdo está imbricado nas experiências visuais que estes indivíduos vivenciam em seu cotidiano. Por isso, profissionais que atuam no ensino de segunda língua para Surdos devem conhecer a estrutura da língua Brasileira de sinais (LIBRAS) para compreender as formas de letramento deste grupo. É importante esclarecer que, de acordo com Lodi (2013) as crianças surdas devem antes de aprender a L2 em sua modalidade escrita possuir um conhecimento satisfatório em LIBRAS (L1), para que a primeira seja ensinada em um ambiente linguístico que favoreça a interação em L1. Em outras palavras,

[...] apropriar-se da linguagem escrita exige da criança um alto grau de abstração em relação ao mundo e aos objetos, alcançado, unicamente, no decorrer do desenvolvimento da LIBRAS. A escrita é assim entendida como uma linguagem no pensamento, nas ideias, estabelecendo, desse modo uma relação com a linguagem interior construída no processo de aquisição da primeira língua. (LODI, 2013. p. 172)

Dessa forma, percebemos como o aprendizado da primeira língua (L1 - Libras) é fundamental para o aprendizado da segunda língua (L2 - Língua Portuguesa). Uma vez que, os conhecimentos da L1 propiciarão um conhecimento de mundo, que possibilitará ao aluno Surdo ler, entender e significar a escrita. Essa aprendizagem do português escrito como segunda língua,

tem na L1, a base para a compreensão e significação dos processos socioculturais, históricos e ideológicos que perpassam a L2. A palavra em língua estrangeira (L2) não é considerada como sendo ideologicamente “vazia”; ela transporta consigo forças e estruturas distintas daquelas subjacentes à L1. No ensino de L2 é instaurado,

assim, um confronto ideológico, um “campo de lutas” e de contradições (LODI,2004. p. 31 – 32, *apud* LACERDA & LODI, 2010. p.147).

Muitos desses confrontos e ideologias perpassam pela história da educação de Surdos no Brasil e no mundo e vem refletindo em outros setores como na web, por exemplo. É reflexo de uma educação voltada para o oralismo, para o treino da fala e auditivo, para obrigatoriedade de normalizar o sujeito Surdo, a fim de torná-lo “normal”. Nas palavras do Sr. Dr. Ladreit de Lacharrière, Presidente do Comitê de Organização (Seção de Ouvintes) do Congresso Internacional para Estudos das Questões de Educação e de Assistência de Surdos Mudos³, que ocorreu em 1900 na cidade de Paris na França: “Enquanto o ingresso na escola é um direito para o que escuta, é um favor para o Surdo-mudo”. Assim sendo, acreditamos que a acessibilidade na WEB também se faz necessária, por isso definimos o ambiente virtual de aprendizagem no próximo capítulo.

1.3. ACESSIBILIDADE E O SURDO

Na era da informação e da comunicação, tanto computador como informática são recursos que pertencem ao cotidiano de grande parte da população mundial. Há uma infinidade de habilidades, recursos e ferramentas que auxiliam nos mais variados tipos de acesso à informação, ao conhecimento e à comunicação (blogs, e-mails, web sites, fóruns, mensagens instantâneas, chats entre outros). Estes recursos podem e devem ser utilizados de maneira adequada e acessível a fim de minimizar barreiras comunicacionais na vida das pessoas Surdas no que se refere ao acesso à informação e ao conhecimento proveniente da rede mundial de computadores.

Para efeito deste trabalho, consideraremos os Surdos não como Deficientes Auditivos (DA) e sim como minoria linguística, por entender que a surdez o torna diferente linguisticamente. Não percebemos a surdez enquanto falta, déficit,

³ CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DAS QUESTÕES DE EDUCAÇÃO E DE ASSISTÊNCIA DE SURDOS-MUDOS. Rio de Janeiro: INES, 2013 (Série histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 5)

algo a ser normalizado, normatizado, tratado terapeuticamente. Percebemos o Surdo como um sujeito ativo, pertencente a um grupo minoritário que possui especificidades comunicacionais diferentes da população majoritária do país.

De acordo com o exposto no texto “Os direitos das minorias”, publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2008, p. 18), entende-se por minoria “[...] um grupo não dominante de indivíduos que partilham certas características nacionais, étnicas, religiosas ou *linguísticas*, diferentes das características da maioria da população” (grifo nosso).

Para efeitos conceituais nos aportaremos sobre algumas legislações sobre acessibilidade. Uma delas é a Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, que dispõe sobre normas e critérios para promoção da acessibilidade. De acordo com a mencionada lei em seu artigo 2^o, inciso I, acessibilidade é:

possibilidade e condição de alcance para a utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com possibilidade reduzida. (BRASIL, 2000)

Acerca do conceito de acessibilidade exposto acima e pensando nas especificidades linguísticas do sujeito Surdo, nosso objetivo é fazer com que as informações contidas na página do www.spreadbrazil.uff.br, tornem-se acessíveis para este grupo. Para isso, destacamos no artigo 2^o, inciso II o conceito de barreiras, pois, a quase totalidade das informações contidas nos sites da Web são escritas em Língua Portuguesa e esta é para os Surdos uma L2. Neste caso,

barreiras são qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança de pessoas, classificadas em: barreiras arquitetônicas urbanísticas, barreiras arquitetônicas na edificação, barreiras arquitetônicas nos transportes e barreiras nas comunicações. (BRASIL, 2000).

Dentre as barreiras destacadas pela Lei 10.098 (BRASIL,2000), a que nos interessa eliminar é a barreira comunicacional. Entendida como “qualquer entrave ou

obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de informação, sejam ou não de massa” (BRASIL,2000). Para que possamos trazer esta acessibilidade comunicacional é necessário que o conteúdo da página supracitada, seja traduzido e interpretado para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Outro texto interessante que nos apresenta um olhar diferenciado, ampliando o horizonte de discussões sobre o que é esta acessibilidade que buscamos, é o Decreto Federal nº5296/2004, que em seu oitavo artigo, inciso I estabelece que:

I – acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida; (BRASIL, 2004).

Novamente a acessibilidade em meios de comunicação e informação é tratada com destaque pela legislação acima, trazendo a “retomada” da autonomia (total ou assistida) como forma de tornar esta barreira transponível. O que percebemos é que há uma limitação na abrangência desta lei, uma vez que apresenta como público alvo “pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida”.

Dentro da perspectiva da surdez enquanto minoria linguística e pensando em um conceito que atenda as reais necessidades de acessibilidade destes sujeitos em ambientes virtuais, o conceito de acessibilidade posto pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), nos aponta elementos que nos fazem refletir sobre o real acesso e permanência deste grupo em sites da *World Wide Web* ou simplesmente *Web*. De acordo com a Norma Brasileira (NBR 9050:2004) no item 3.1 define acessibilidade como “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.” (ABNT, 2004).

Possibilidade, condição percepção e entendimentos, são conceitos que acreditamos ser essenciais na navegação *online* destes sujeitos em igualdade de oportunidades. Compreender e interagir com o mundo, através de informações e

conhecimentos disponibilizados na *Web* é um grande desafio para estes sujeitos, pois este mundo está grafado e não sinalizado.

Para que possamos atingir os propósitos desta pesquisa, buscamos nos referendar também com o conceito de acessibilidade *Web*, da W3C Brasil, publicado na “Cartilha de Acessibilidade na *Web*” no ano de 2013. Para a W3C Brasil acessibilidade na *Web* é:

Acessibilidade na *Web* significa que pessoas com deficiência podem usar a *web*. Mais especificamente, a acessibilidade *Web* significa que pessoas com deficiência podem perceber, entender, navegar, interagir e contribuir para a *Web*. E mais. Ela também beneficia outras pessoas, incluindo pessoas idosas com capacidades em mudanças devido ao envelhecimento. (W3C, 2013 p. 21)

Interessante destacar neste conceito de acessibilidade **na *Web*** é a abrangência do público alvo, “[...] Ela também beneficia outras pessoas, [...]”. Isso nos faz crer que minorias linguísticas podem ter seus direitos respeitados (no caso dos Surdos, à língua) e a garantia de acesso aos bens culturais, informacionais, científicos, políticos entre outros disponíveis neste *espaço-tempo* mundial que se encontra a um clique do indivíduo que busca fazer parte desta rede.

Percebe-se que esta garantia de acesso pode trazer para estes sujeitos uma infinidade de possibilidades que antes ficariam restritas à nossa maioria linguística. A acessibilidade na *Web* é a forma com que os Surdos encontram de fazer parte das relações interpessoais, interculturais, interpolíticas, intereconômicas e interinformacionais que circulam pelas redes computacionais existentes por todo o globo terrestre. É transformar a garantia de acesso em uma utilização autônoma e segura.

1.3.1 CONCEITUANDO QUESTÕES DIGITAIS

Para que se possa ter uma melhor compreensão e entendimento sobre a acessibilidade *Web* e para a leitura deste estudo, faz-se necessário que alguns conceitos sejam definidos. Aportaremos-nos, entre as diversas fontes pesquisadas, também na Cartilha Acessibilidade na *Web* da W3C Brasil. A “*World Wide Web*

Consortium (W3C) é um consórcio internacional em que organizações filiadas, uma equipe em tempo integral e o público trabalham juntos para desenvolver padrões para a *web*” (W3C, 2013, p. 7).

O W3C Brasil conta com um grupo de trabalho com foco em acessibilidade na *Web* e uma das demandas foi a criação desta cartilha que orientasse os usuários a entender e compreender como funciona a *web*, seus benefícios e potencialidades (W3C, 2013).

Abaixo segue os conceitos que nortearão todo o percurso deste estudo:

- **WWW (*World Wide Web*):** “Ambiente multimídia da internet que é ocupado com informações (textos, fotos, animações gráficas, sons e até vídeos) de uma empresa ou de uma pessoa” (KENSKI, 2014, p. 141);
- **Web:** “imenso conjunto de documentos, que nos são apresentados em pequenas porções chamadas de páginas web” (W3C, 2013, p.18); ou segundo Kenski (2014, p. 141) é a “abreviatura de *World Wide Web*”.
- **Páginas:** “Conjunto de textos e ilustrações mostrados em uma mesma tela” (KENSKI, 2014, p. 139);
- **Hiperlinks:** “são conexões que interligam as páginas *web*. Cada *hiperlink* cria uma relação com outra página” (W3C, 2013, p.18);
- **Hipertexto:** “é um texto que possui marcações especiais indicando sua ligação ou *hiperlink* com outros hipertextos. Além dos *hiperlinks*, as marcações do hipertexto indicam também sua estrutura”. (W3C, 2013, p. 18 - 19);
- **Hypertext Markup Language (HTML):** “é a linguagem usada para a marcação destas estruturas e *hiperlinks* nos hipertextos” (W3C, 2013, p. 19);
- **Internauta:** “É a palavra usada para identificar o usuário da internet, a pessoa que usa a internet para comunicação, pesquisa, trabalho e/ou lazer” (KENSKI, 2014, p. 137);
- **Interatividade:** “Processo de comunicação bilateral, em que os elementos se complementam” (KENSKI, 2014, p. 137);

- **Internet:** “Rede de redes de computadores que se comunicam de forma transparente ao usuário, através de um protocolo comum que atende pelas siglas TCP/IP (Protocolo de controle de Transparência/protocolo de internet). Assim, todos os computadores que entendem essa linguagem são capazes de trocar informações entre si e podem conectar a computadores de diferentes tipos (KENSKI, 2014, p. 137);
- **On-line:** “Termo utilizado para designar todo tipo de transação entre computadores” (KENSKI, 2014, p. 137);
- **Plataforma:** “Sistema operacional utilizados pelo internauta (Windows 95, NT, Unix et.) (KENSKI, 2014, p. 139);

Neste universo informacional que ora nos abre, com uma enxurrada de novos termos, novas ideias e novos conceitos, alguns destes ainda ficam vagando em nossos círculos de conversa de forma a seguir o senso comum. Queremos deixar registrado abaixo, de acordo com a W3C os conceitos de *site* e *sítio*, assim como o de *home page*, a fim de, possibilitar uma maior compreensão deste mundo informacional que fazemos parte, uma vez que,

A maior parte das informações e serviços é disponibilizada na internet por meio da web. As páginas web não são armazenadas aleatoriamente, de maneira dispersa, mas, sim, com uma organização própria. Um conjunto de páginas web interligadas e que possuem o mesmo endereço principal e a mesma administração é chamado de **site** ou **sítio**. O *sítio web* possui uma página inicial, também chamada de **home page**, considerada o ponto principal de acesso às outras páginas da aplicação ou do serviço. (W3C, 2013, p. 19).

Estes conceitos permeiam cotidianamente nossas relações. Sejam elas pessoalmente, face-a-face, ou virtualmente. A internet ocupa um lugar determinante em nossas vidas. Somos movidos pela rede mundial de computadores em busca de informações, conhecimento, comunicação e interação. Enviamos e recebemos mensagens, email's, produzimos e consumimos informação, compramos e vendemos, relacionamos com o mundo de maneira nunca antes possível. Tendo referendado o sujeito Surdo na perspectiva linguística, neste estudo iremos propor a

acessibilidade comunicacional para estes sujeitos na página do *SpreadTheSign Brazil* (*SpreadBrazil*).

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL:

O objetivo geral desta pesquisa é produzir materiais em LIBRAS para a acessibilidade em ambientes digitais, em especial o site SpreadBrazil e o produto da dissertação de Mestrado é a acessibilidade do referido site com janelas de LIBRAS, para os sujeitos Surdos. (www.spreadbrazil.uff.com).

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1- Realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema acessibilidade na *Web* em LIBRAS e traduções em LIBRAS.
- 2- Buscar os sites adaptados em LIBRAS no que se refere à acessibilidade para os sujeitos Surdos.
- 3- Criar vídeoaulas explicativas em LIBRAS para os alunos e professores visando à confecção de objetos de aprendizagem.
- 4 - Criar vídeos em LIBRAS para a disciplina Atualização Profissional, a fim de promover a acessibilidade aos temas propostos em cada unidade;
- 5 - Habilitar a acessibilidade do site *SpreadBrazil* e uma página no *Youtube* onde possamos armazenar todos os vídeos que serão traduzidos para a LIBRAS.
- 6- Validar o site *SpreadBrazil*, tornou-se acessível através de entrevistas videogravadas.

3. METODOLOGIA:

3.1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para realizar o levantamento dos fundamentos referentes aos aspectos de produção audiovisual e a tradução e interpretação em LIBRAS, que envolvem o tema produção de vídeos em LIBRAS, selecionamos vários artigos e livros que estão citados no referencial bibliográfico. Essa primeira leitura flutuante do conteúdo e o diálogo com os textos pesquisados nos permitiu uma interpretação para definir o corpus da pesquisa.

Inicialmente buscamos ampliar o conceito de acessibilidade através de uma pesquisa bibliográfica realizada, *a priori*, e que descortinou para nós, outras possibilidades e uma variação dos tipos de acessibilidade o que nos permitiu, desta forma, chegar ao conceito de acessibilidade *Web*, foco desta pesquisa.

Utilizamos de inúmeras palavras-chave para buscar os referenciais selecionados, tais como: Ensino de/para Surdos utilizando a LIBRAS, Inclusão social, Produção audiovisual, redes sociais para Surdos, acessibilidade na web, interpretação em LIBRAS, processos de tradução, acessibilidade *web* para Surdos, sites acessíveis, sites acessíveis para Surdos, sites acessíveis em LIBRAS.

O cruzamento desta série de palavras-chave, previamente estabelecidas, foi realizado nos sites de busca abaixo:

- Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.org/php/index.php>);
- Periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>)
- Google acadêmico (<http://scholar.google.pt/>)
- Lilacs (<http://lilacs.bvsalud.org/>)
- PubMed (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>).

Como o objetivo desta pesquisa se traduz nas questões de tornar acessível a página do *SpreadBrazil* para os sujeitos Surdos, pois a mesma encontra-se em um formato que privilegia a Língua Portuguesa, se fez mister, o uso dos

conceitos de tradução e interpretação que, comumente são usados como sinônimos, mesmo possuindo significados e sentidos distintos, para que o produto desta pesquisa se apresente de forma a contemplar nossos objetivos e se tornando, realmente, acessível. Tais conceitos se fizeram presentes no planejamento e na execução das filmagens realizadas no Laboratório do *SpreadBrazil*.

3.2. O SITE ACESSÍVEL

Para cumprir o objetivo geral deste estudo, que é a acessibilidade para Surdos na página do *SpreadBrazil*, foi necessário primeiro a criação da página.

A professora Dr^a Helena Carla Castro, colaborou neste estudo *SpreadBrazil*, solicitando ao Núcleo de Tecnologia e Informação (NIT) da UFF a criação da página. Após a criação da referida página, as informações relevantes sobre o laboratório brasileiro foram postadas pela orientadora desta dissertação. A nós, pesquisadores e responsáveis por esta pesquisa, ficou a incumbência de realizar a tradução/interpretação, filmagem, edição e postagens dos vídeos na página em questão.

Para promover a acessibilidade proposta nesta pesquisa, fizemos a tradução/interpretação de todo conteúdo em Língua Portuguesa (LP) da página do *SpreadBrazil* (www.spreadbrazil.uff.br) para LIBRAS, utilizando janelas de LIBRAS (interpretação), segundo normatização da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – NBR) 15290/2005.

Para a confecção dos vídeos foi necessário num primeiro momento fazer a tradução interlingual⁴ do conteúdo da página que está em Língua Portuguesa para a Língua de Sinais, usando para isso o sistema de Glosas.

De acordo com Camargo (2010),

⁴ Segundo Camargo (2010) a tradução interlingual envolve a atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro.

As frases foram divididas em partes significativas, porque na língua de sinais há marcações não manuais e simultaneidade que são fundamentais para o entendimento do texto, onde o tradutor por vezes deve expandir usando mais recursos ou comprimir os sinais para garantir fidelidade semântica ao texto original. (CAMARGO, 2010, p. 3).

As glosas de tradução interlingual deste estudo encontram-se em anexo. Para que possamos apresentar brevemente o que seriam essas glosas, segue abaixo o modelo por nós usado.

TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA

TRANSCRIÇÃO PARA LÍNGUA DE SINAIS
--

Após a montagem das glosas, passamos à segunda etapa, as filmagens. As mesmas foram realizadas no laboratório do *SpreadBrazil* UFF. Para que as filmagens fossem realizadas, o processo adotado é o de interpretação, uma vez que, o sinalizador realizava a interpretação simultânea no momento de gravação.

Silvério (2012), nos aponta que:

No momento de registro final do TA⁵, é possível afirmar que o tradutor o otimizou, tornando-o mais funcional e mais fluente em Libras, como se fizesse uma revisão da tradução anteriormente proposta. Vale dizer que no momento de registro final, o tradutor teve que lidar com uma situação de interpretação simultânea, o que exigiu dele muita *atenção, memória* e um grande *esforço de coordenação*. (SILVÉRIO, 2012. p. 6)

Esse momento do trabalho (filmagens) é um momento muito delicado, pois há uma exigência muito grande do sinalizador para que a interpretação seja realizada com maior fluência possível, para que o entendimento do vídeo seja alcançado.

Terminados os vídeos os mesmos foram para a edição, utilizando o software Adobe Premiere Elementes 11 e 13. A edição dos vídeos fora realizada

⁵ TA: texto alvo. Num processo de tradução/interpretação de LIBRAS para Língua Portuguesa, a primeira é texto fonte (TF) e a segunda é texto alvo (TA).

pela Orientadora desta dissertação e por Aline Vargas Angel, jornalista e colaboradora da pesquisa.

Terminados os procedimentos técnicos, realizamos as postagens na página do *SpreadBrasil*. Como o conteúdo da página se encontra em Língua Portuguesa (LP) não realizamos a legendagem para o português, nos vídeos.

3.3 O LEVANTAMENTO DOS SITES ACESSÍVEIS:

Foram realizadas inúmeras buscas no portal do Google (www.google.com.br), para encontrar quais sites estariam acessíveis em Língua de Sinais. Para estas buscas utilizamos algumas palavras e/ou expressões durante o período de investigação:

As palavras utilizadas foram: acessibilidade, *web*, língua de sinais, surdez, Surdo, deficiente auditivo e LIBRAS. Elas foram a cada busca tomando sequências diferentes para tentar encontrar o maior número possível de sites acessíveis para Surdos.

3.4. CRIAÇÃO DOS VÍDEOS EM LIBRAS COMO OBJETOS DE APRENDIZAGEM

Concomitantemente ao andamento da pesquisa bibliográfica e da criação do produto final, sinalizamos vídeo em LIBRAS com as anotações de aula, das disciplinas obrigatórias do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), da turma 2015. Estas aconteceram no laboratório do *SpreadBrazil*. Foram filmadas (sinalizadas em LIBRAS) as anotações realizadas em sala de aula e nos auditórios da UFF, dos mestrandos Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins e Ana Paula Xavier.

O intuito em criar estes vídeos sinalizados foi tornar o conhecimento trazido para dentro de sala acessível aos alunos Surdos. A turma 2015 possui 12 alunos Surdos e intérpretes de LIBRAS/Língua Portuguesa. Nossa preocupação se

deu pelo motivo dos Surdos “perderem” informações durante o processo de tradução/interpretação, não em função da competência ou não do profissional que realiza a tradução/interpretação, mas pelo fato dos Surdos serem sujeitos que compreendem o mundo de forma visual. Precisando prestar atenção aos intérpretes para compreenderem o que está acontecendo e o que está sendo mediado em forma de conhecimento acadêmico. Assim, muitas vezes não realizam o registro escrito das aulas.

Após esta etapa de registro foi realizada a tradução/interpretação, edição e postagem das mesmas em canal fechado do *Youtube*, que foi criado para este fim, tendo como público alvo os alunos da turma 2015/CMPDI. As filmagens e edições seguiram os mesmos caminhos explicitados no item 3 deste estudo.

Para que todos os vídeos estivessem acessíveis aos sujeitos Surdos e respeitando, principalmente, as características gramaticais da LIBRAS, os mesmos, depois de filmados, passaram pela apreciação dos alunos Surdos do CMPDI (turma 2015). Eles avaliaram as estruturas gramaticais próprias da LIBRAS, bem como a fluência e proficiência da pessoa que sinalizou e a clareza das informações que se pretendeu tornar acessíveis.

3.5. CRIAÇÃO DE VÍDEOS EM LIBRAS PARA A DISCIPLINA ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Preocupadas com a acessibilidade da disciplina Atualização Profissional, que é realizada através de encontros presenciais e no modelo EaD (Educação à Distância), utilizando a plataforma Moodle, as docentes responsáveis, nos procuraram para que pudéssemos realizar a sinalização dos textos que iniciavam cada semana de atividades desta disciplina.

Para a realização da interpretação interlingual, filmagens e edição, utilizamos os mesmos métodos realizados anteriormente. Uma singularidade desta criação foi o estudo e a pesquisa realizada sobre as teorias que são discutidas durante a disciplina. Visando a qualidade do produto final (os vídeos), se fez necessário este aprendizado para que o processo de tradução ocorresse o mais fiel possível ao texto fonte (TF).

Realizada a tradução para glosas, as mesmas foram enviadas para as professoras da disciplina para apreciação e aprovação. As mesmas se reuniram conosco para discutir alguns pontos que não houve entendimento. Este momento foi riquíssimo, pois pudemos realizar inúmeras trocas de saberes e conhecimentos acerca do que seria filmado, ou seja, produzido. Terminada essa reunião, as docentes autorizaram as filmagens.

Outra particularidade deste processo foi que as próprias docentes se encarregaram de postar os vídeos na plataforma.

3.6. O CANAL NO YOUTUBE

O *Youtube* é uma página onde inúmeros vídeos são depositados com objetivos diversos e variados. Compartilhar, comentar, assistir e criticar são algumas das possibilidades que estes canais permitem aos usuários realizar. A vantagem desta possibilidade de divulgar vídeos com objetivos educacionais na referida página, é fazer com que os indivíduos que tenham acesso à internet possam desfrutar e interagir de conteúdos que agreguem informações e conhecimentos aos sujeitos, tornando a aprendizagem significativa.

Nosso objetivo em criar este canal (denominado IncluirLIBRAS) é disponibilizar materiais em LIBRAS para os mestrandos Surdos do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), turma 2015. Os materiais disponíveis neste canal são anotações das aulas das disciplinas obrigatórias do CMPDI turma 2015, que foram traduzidas, interpretadas, filmadas, editadas e postadas no referido canal. Em anexo (8.1), em formato de glosas, encontram-se as aulas registradas.

3.7. AS ENTREVISTAS

O objetivo das entrevistas é validar as filmagens de modo a verificar junto aos entrevistados se, após a inserção dos vídeos em LIBRAS, houve acessibilidade da página do *SpreadBrazil*. As entrevistas foram realizadas com Surdos sinalizantes,

mestrandos do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF), que fazem parte do *SpreadBrazil*.

As entrevistas foram videogravadas porque esperamos dar oportunidade aos Surdos de avaliar o site do *SpreadBrazil* na LIBRAS. Cada entrevistado foi avisado com 1 (uma) semana de antecedência sobre a entrevista, tendo tempo suficiente para a análise do site do *SpreadBrazil*.

Para a realização desta etapa da pesquisa realizamos entrevistas, solicitamos a todos os participantes que assinassem o termo de livre consentimento de participação na pesquisa (TCLE), bem como a autorização do uso de imagens, que se encontram nos anexos nº 7.1; 7.2.

Para a realização da pesquisa solicitamos apreciação ao comite de ética da UFF e dessa forma, este projeto foi aprovado pelo CEP da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob o certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) número 43032715.9.00005243.

Segue abaixo as perguntas realizadas aos Surdos durante as entrevistas.

Pergunta 01: Qual a importância da acessibilidade *web* para os Surdos?

Pergunta 02: A tradução e interpretação dos textos aconteceram de forma a respeitar as especificidades da língua alvo (LA), LIBRAS (nos vídeos postados no *youtube*)?

Pergunta 03: Você considerou importante a interpretação dos conteúdos da página do *SpreadBrazil*?

Pergunta 04: Qual a sua opinião sobre o *layout* das páginas da internet?

Após a entrega dos vídeos pelos sujeitos entrevistados, foi realizada a tradução dos vídeos para a língua portuguesa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Questões sobre a acessibilidade *web* para Surdos são abordadas de diferentes maneiras. A concepção dos autores acerca do conceito de acessibilidade é fator determinante para a produção intelectual sobre a temática. Diversos artigos são produzidos e publicados com reflexões em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), sobre o uso das redes sociais, o uso das tecnologias digitais como forma de ampliação da cidadania, responsabilidades sociais, contribuições das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) para uma aprendizagem mais acessível aos Surdos, criação de dicionários, glossários e programas para o ensino de LIBRAS também são apresentados quando o assunto é acessibilidade.

É sabido que a LIBRAS é a língua natural dos Surdos e a forma de comunicação e expressão usada por este grupo minoritário. É a língua pela qual as informações e conhecimentos são veiculadas pelas pessoas que participam da Comunidade Surda. Interessante destacar que, a partir da década de 2000, mais precisamente após a aprovação da Lei que torna a LIBRAS língua oficial desta comunidade, inúmeros esforços vão sendo despendidos a fim de torná-la nacionalmente conhecida. Um destes é a criação do InfoLIBRAS, que segundo Faqueti *et al.* (2005), tem por objetivo a criação de um ambiente virtual para auxiliar o ensino da LIBRAS.

O principal objetivo do ambiente [...] é fornecer uma ferramenta para o ensino da Língua de Sinais com termos da Informática. O enfoque é dado no auxílio de professores ouvintes, pois a inclusão de alunos Surdos em salas regulares é uma realidade. No entanto, com a disponibilidade na Internet, com características aplicáveis a iniciantes na Língua de Sinais, pode ser utilizado por qualquer pessoa interessada nesta área de estudo. (FAQUETI, *et al.*, 2005, p. 2864).

Percebemos na citação acima que o objetivo deste ambiente é restrito ao ensino de vocabulários de Informática da Língua de Sinais. Muito válido, uma vez que a falta de léxicos em algumas áreas da Língua de Sinais é um entrave para o

entendimento e compreensão por parte dos interlocutores. Faqueti *et al.* (2005) nos apresenta, em seu texto, que foram criados 320 sinais relacionados ao vocabulário específico de informática. Estes sinais surgiram a partir da necessidade de um Surdo, que cursava um curso superior em Ciência da Computação, e de seu Intérprete que não encontraram léxicos que os satisfizessem (FAQUETI, *et al.*, 2005) no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais (CAPOVILA e RAPHAEL, 2006).

Corradi e Vidotti (2009) nos apontam uma perspectiva diferente de acessibilidade para Surdos na *web*. Para os autores essa (acessibilidade) passa a ser objeto de crescente preocupação dos profissionais que se dedicam ao trabalho de criação, implantação e divulgação de sites, sempre buscando uma vertente inclusiva para seus projetos. Isso faz com que haja um aumento de “ambientes informacionais digitais acessíveis promovendo condições ampliadas, tanto de acesso quanto de uso (CORRADI; VIDOTTI, 2009, p.2) para os mais diversos sujeitos que “navegam” por este mar de informações e conhecimento”.

De acordo com estes autores a acessibilidade passa a ser objeto de estudo e investigação a partir do fim da Guerra do Vietnã, nos Estados Unidos da América (EUA). O cenário era de soldados que por conta de inúmeros fatores gerados pelos confrontos retornavam para seus lares (EUA) e necessitavam de adaptações para retornarem ao convívio social (CORRADI; VIDOTTI, 2009).

Ao buscar compreender estas “adaptações”, aqui tratadas como acessibilidade, pensamos como esta acontece com o sujeito Surdo na sua inter-relação com a *web*. Encontramos nas ideias de Corradi e Vidotti (2009) como a *web* vem sendo utilizada por este grupo minoritário.

A internet tem sido utilizada para viabilizar formas de interação entre pessoas, entre consumidores, entre produtores, entre intelectuais, entre cidadãos. Neste sentido, pode considerar os Surdos sinalizadores como usuários *web* que necessitam de ambientes informacionais adequados para atender tanto suas necessidades de bens e consumo quanto linguísticas, sendo que estas podem ser melhor adequadas com aplicação de elementos de acessibilidade em ambientes digitais (CORRADI; VIDOTTI, 2009, p.2,3).

Ao trazer a citação acima, percebe-se que dentro da sociedade em que vivemos os Surdos são sujeitos que interagem com a sociedade, que consomem produtos e ideologias, que se manifestam nas redes sociais, que buscam informação e conhecimento ao clique de um mouse. Isso nos faz crer na real necessidade de acessibilidade para este grupo minoritário, cuja participação/presença social vem crescendo a cada dia. Por participação social, entende-se a presença de Surdos nas universidades, na política, na educação e entre tantos outros locais que antes eram ocupados “apenas” por não-Surdos. E essa intensa participação/presença social tem como um de seus instrumentos a internet, a *web*. Daí a necessidade de tornar este ambiente acessível, com intuito de tornar ainda mais eficiente e eficaz a participação/presença destes sujeitos em nossa sociedade.

Pensar espaços acessíveis para Surdos nos fazem crer que estes precisam ter a presença da LIBRAS, adequando a navegação deste público na *web*. Tornar-se-iam ambientes inclusivos e acarretariam melhores resultados nas interações entre usuários e sistemas. Corroborando com o que acreditamos ser essencial, Corradi e Vidotti (2009) nos apresentam que:

A presença da Língua de Sinais pode caracterizar ambientes digitais inclusivos mediante seu adequado uso e aplicação como recurso de acessibilidade em interfaces hipermídia. Os avanços na informática e na internet possibilitam que haja comunicação e interação síncrona e assíncrona por meios de tecnologias de informação e comunicação, considere-se, por exemplo o uso de *webcam* e do ambiente *web* do youtube. Por meio do youtube os Surdos de diferentes comunidades têm se comunicado, enviando convites para festas e atividades artísticas desenvolvidas em diferentes comunidades geográficas de Surdos espalhados pelo mundo CORRADI; VIDOTTI, 2009, p.11).

Em relação ao uso da *web* para diversas atividades, é notório o que os Surdos vêm fazendo. Concordamos com os autores acima citados, sobre o uso do *youtube* para convites e outros assuntos e acrescentamos ainda as redes sociais como veículos de informação dos mais diversos assuntos sobre essa comunidade que se espalha e cresce pelo nosso país e pelo mundo. A título de exemplificação, abaixo segue duas imagens (Figura 1 e 2), da Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF), retirada do *youtube*, sobre um vídeo da referida associação convidando esta comunidade para as comemorações de seus 20 anos de existência.



FIGURA 1 - Print da tela sobre a festa de 20 anos da ASJF

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VISdtEHcM3E> – acesso em 06 de julho de 2016.

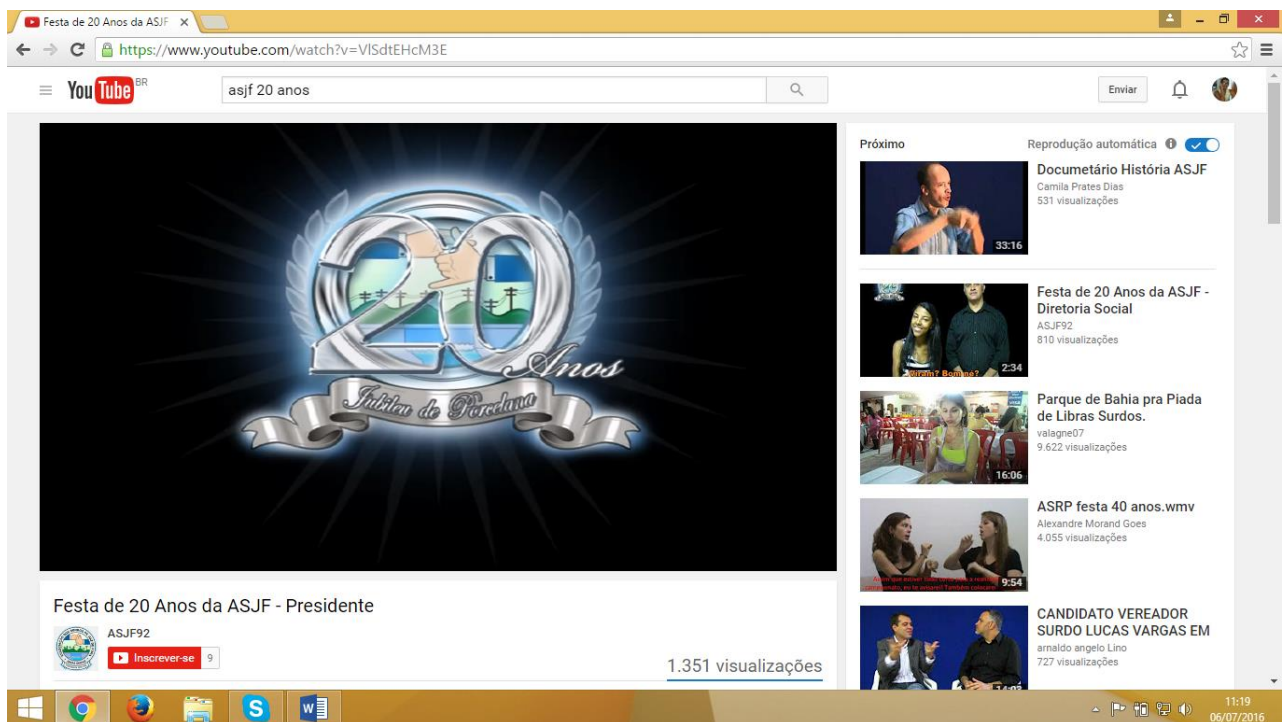


FIGURA 2 - Página do Youtube sobre a festa de 20 anos da ASJF

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VISdtEHcM3E> – acesso em 06 de julho de 2016

Dentro do mesmo padrão de ideia e concepção Andrioli *et al.* (2013) nos apontam para uma equiparação de oportunidades de acesso e compartilhamento de conhecimentos. Mas para isso acontecer, os autores acreditam, assim como nós, que primeiramente deve ser garantido o direito de uso a todos os cidadãos. Segundo as autoras esse uso autônomo das tecnologias faz com que o sentimento de pertença (cidadania) ao mundo seja realmente vivenciado, ou seja, é a conquista da cidadania através deste uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's).

Em seu texto Andrioli *et al.* (2013) apresentam dados significativos em relação ao uso das novas TIC's. O recorte feito pelas autoras traz um período de dez anos, como exemplifica na figura 3; ou seja, de quando a LIBRAS foi reconhecida como língua da comunidade Surda do país em 2002 (BRASIL, 2002) até o aniversário desta Lei (10.436/02) em 2012.

FIGURA 3 - Evolução da Internet brasileira



Fonte: ANDRIOLI, M. G. P.; VIEIRA, C. R.; CAMPOS, S. R. L. 2013.

Percebe-se com estes dados que o aumento de usuários ativos e pessoas com acesso cresceu significativamente, assim como o número de aparelhos de celulares, computadores pessoais, domínios registrados, acesso à banda larga e internet nos aparelhos celulares. Isso mostra como novos indivíduos começam a se tornar ativos num processo de ampliação destes serviços e os Surdos estão inseridos neste. Se faz mister neste ponto esclarecer que após a aprovação da Lei que reconhece a LIBRAS como língua a sociedade começa a passar por transformações nunca antes pensadas e/ou imaginadas. A LIBRAS começa a ganhar forma e adeptos de outras comunidades e os Surdos à lutar por seus direitos de acesso. E isso traz para essa sociedade, que antes estava estacionada, acomodada, estável, motivos suficientes para pensar nessas questões que este grupo linguisticamente minoritário começa a apontar.

Andrioli *et al* (2013) nos indicam que “uma das principais contribuições das Tecnologias Digitais para as pessoas Surdas é o fato de facilitar a comunicação com o mundo, tirando-os do isolamento em que viveram durante tanto tempo”.

A pesquisa destas autoras trouxe em seu corpo, entrevistas com diversos Surdos, selecionados previamente, para que através destes relatos pudessem perceber questões sobre esta temática a partir do olhar destes que vivem sobre estas barreiras comunicacionais, informacionais e de conhecimento. Destacamos abaixo dois relatos que podem corroborar com o que expusemos acima relacionando o vertiginoso aumento de usuários, a surdez e a cidadania.

Antes, os Surdos estavam fechados no espaço social. Os ouvintes estavam livres, se comunicando, e o Surdo, fechado, convivendo apenas com a família, sempre. Hoje, os Surdos transitam, circulam iguais aos ouvintes e se misturam. Por isso, a evolução tecnológica tirou o Surdo desse lugar (Ricardo)⁶.

Eu sempre junto com a minha mãe e quando ela morrer, eu ignorante, como seria? Com autonomia, eu tenho que fazer por mim mesmo, e assim fui trabalhando. Comecei a faculdade... Eu mesmo escolhi, sem interferência da minha mãe, de ninguém. Eu fiz o caminho. Cidadania significa: - Eu sou Surdo! Tenho uma vida dentro de mim. Dois significa: tenho uma cultura, respeito a cada uma das

⁶ Preservamos os nomes dos indivíduos citados por Andrioli *et al* (2013) a fim de trazer maior fidedignidade ao texto.

peças, também respeito a minha própria cultura. Ok? (Fábio).
(ANDRIOLI, *et al.* 2013, p. 1800 – 1801)

Percebe-se nas falas dos dois entrevistados uma enorme vontade de se tornar autônomo, livre, independente. E estes recursos tecnológicos são ferramentas que possibilitam esta autonomia perante a vida, a conquista de sua cidadania. É como se tecnologia (acesso) fosse sinônimo de cidadania, de independência. Por isso estamos buscando compreender as questões que permeiam este (não) acesso dos Surdos ao mundo virtual.

Andrioli *et al.* (2013) nas considerações finais de sua pesquisa nos aponta que:

A evolução e a crescente democratização do acesso às Tecnologias Digitais, bem como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua oficial do Brasil⁷, foram aspectos essenciais para a ampliação da autonomia e participação social dos Surdos. É possível, ainda, afirmar que a própria tecnologia facilitou a disseminação da LIBRAS, por meio da comunicação *online* dos próprios Surdos, seja por celulares ou mesmo outros dispositivos. (ANDRIOLI, *et al.*, 2013, p. 1802)

Acreditamos que, mesmo com toda a democratização e acesso às novas TIC's este acesso não é pleno e os Surdos ainda encontram muitas barreiras linguísticas, comunicativas quando da interação com os ambientes virtuais. E, corroboramos com a ideia de que a própria *web* pode ter sido uma importante ferramenta de divulgação da LIBRAS e das demais LS de outros países.

Como explicitarei no início desta seção, vamos destacar pontos de alguns autores sobre o que consideram acessibilidade virtual ou acessibilidade *web* para Surdos. Ao buscar estes textos (referenciais) encontramos um artigo muito interessante escrito por Lagarto e Mineiro (2011), onde trabalham numa perspectiva de acessibilidade educacional para Surdos a partir de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) num curso de graduação oferecido pela Universidade Católica Portuguesa. Os autores no início de seu texto/pesquisa nos apresentam a ideia de que “o desenvolvimento das TIC propicia novas soluções para problemas antigos e que, de algum modo, inibiam o desenvolvimento de competências de ordem

⁷ A LIBRAS é a língua oficial da comunidade surda brasileira e não a segunda língua oficial do país. (Lei 10.436/02)

cognitiva em públicos com características específicas” (LARGATO; MINEIRO, 2011, p. 144). Por “ordem cognitiva” entendemos aprendizado e por “públicos com características específicas” entendemos Surdos. Isso por que o texto trata sobre aspectos importantes para a melhoria do acesso dos Surdos aos conhecimentos acadêmicos presentes num curso de licenciatura e das ferramentas, meios e métodos utilizados durante o curso.

O curso é realizado na modalidade *b-learning* que segundo os autores é:

Um modelo de *b-learning* implica que a momentos de ensino presencial, em sala, se sigam períodos de estudo a distância, nos quais os alunos terão de interagir com as matérias de estudo, com seus colegas e com tutores de cada Unidade Curricular (UC) (LARGATO; MINEIRO, 2011, p. 146).

Dentro deste modelo algumas estratégias foram lançadas a fim de tornar este curso acessível aos alunos Surdos portugueses. Por exemplo, os alunos possuem aulas presenciais quinzenalmente que são preparadas com intuito de antecipar o conteúdo que será trabalhado na plataforma *online* (LARGATO; MINEIRO, 2011). Após as aulas presenciais os alunos passam por períodos de estudos sistematizados realizados na modalidade a distância. Nestes AVA's existem fóruns de dúvidas e fóruns temáticos, onde os alunos podem participar de forma a construir o conhecimento de forma compartilhada. É uma obrigatoriedade a participação nestes fóruns. Algumas ferramentas usadas no curso são: blogger, AVA, dvd, vídeos em LGP e a plataforma Blackboard.

Ponto de extrema importância e singularidade neste curso de licenciatura é a disponibilização do conteúdo das Unidades Curriculares (UC) um material impresso e em Língua Gestual Portuguesa (LGP), permitindo assim acesso pleno ao conteúdo da semana ou período a ser trabalhado. E dentro de todas as possibilidades existentes para dar acesso aos alunos um fato é ímpar neste processo, “a paridade das duas línguas oficiais portuguesas – a língua portuguesa e a língua gestual portuguesa” (LARGATO; MINEIRO, 2011). Isto é sem dúvida o maior ganho para estes sujeitos Surdos. Um lugar onde as línguas que circulam possuem o mesmo *status*, não havendo disputas de poder entre sujeitos, línguas e situações.

De acordo com Lagarto e Mineiro (2011) “constata-se que parte dos alunos não domina muito bem a segunda língua, pelo que seria contra indicado centrar o processo de aprendizagem apenas numa das línguas”. Isso nos faz acreditar que existem possibilidades de acesso ao mundo pelo sujeito Surdos na sua língua natural. Assim como a Lei de LIBRAS (10.436/02) prevê em seu artigo 4º parágrafo único “que a língua de sinais não substitui a língua portuguesa escrita” a Universidade Católica Portuguesa também adota sistema parecido, ou seja, as duas línguas permeiam o processo de aprendizagem dos graduandos Surdos portugueses, dando ênfase maior no acesso pela língua natural destes indivíduos.

Esse trabalho da Universidade Católica Portuguesa, em oferecer o material em LGP e acessível aos Surdos, está em consonância com o que Pivetta *et al.* (2013) nos diz que as “pessoas surdas geralmente encontram dificuldades ao interagir com interfaces digitais que foram projetadas para ouvintes”. Ou seja, pessoas surdas que possuem uma proficiência e fluência nas línguas de sinais e um conhecimento precário das línguas escritas. Isso dificulta o acesso a estas interfaces. Pivetta *et al.* (2013) cita um estudo realizado pela w3c.br/NIC.br que indica que somente 2% das páginas *web* governamentais são acessíveis.

Quando nos referimos ao internauta Surdo, usuário da LIBRAS, é preciso lembrar que ele é um indivíduo bilíngue, cujo domínio da Língua Portuguesa se dá como leitura em segunda língua. Dependendo de seu nível de proficiência, a leitura em Língua Portuguesa poderá se apresentar de maneira fragmentada e limitada, comprometendo a possibilidade de leitura imersiva (GOMES; GÓES, 2011, p. 6).

Diante disso Gomes e Góes (2011) nos mostram que:

O Art. 47 do Decreto 5.296/04 declara a obrigatoriedade de acessibilidade em portais e sítios eletrônicos da administração pública na internet, para o pleno acesso das pessoas com deficiência visual. Quanto às adaptações necessárias para o acesso à comunicação e informação para as pessoas surdas (Art. 49), não são apontadas estratégias visando acessibilidade na Web, mas apenas ações relativas à oferta de telefones adaptados, para uso público e privado; garantia de disponibilidade, em todo território nacional, de centrais de intermediação de comunicação telefônica em tempo integral; a garantia por parte das operadoras de telefonia móvel, da possibilidade de envio de mensagens de textos entre celulares de

diferentes empresas; além da garantia de utilização de legenda oculta e/ou da janela com intérprete de LIBRAS em programas televisivos e pronunciamentos oficiais. (GOMES; GÓES, 2011, p. 4)

Apesar de não haver apontamento das estratégias, percebe-se, por exemplo que os sites governamentais estão tentando se adaptar a esta nova realidade, os Surdos enquanto sujeitos de direito. Por exemplo, no site do Ministério da Educação (MEC – www.mec.gov.br) acessado em 06 de julho de 2016 – existe o ícone “Acessível em LIBRAS”. Isso mostra que há movimentos em prol de uma acessibilidade *web* para todos, uma vez que, para aqueles cujo domínio da língua escrita é precário a acessibilidade está na Língua de Sinais.

Na próxima seção iremos destacar alguns sites que foram encontrados durante a pesquisa que trazem alguns elementos de acessibilidade para estes Surdos sinalizadores⁸.

4.2 SITES ACESSÍVEIS:

Os resultados encontrados dos sites acessíveis são:

- Sites acessíveis (aproximadamente 11.300.000 resultados);
- Sites acessíveis para Surdos (aproximadamente 189.000 resultados);
- Sites acessíveis para deficientes auditivos (aproximadamente 89.200 resultados);
- Sites acessíveis em LIBRAS (aproximadamente 514.000 resultados);
- Sites acessíveis em Língua de Sinais (aproximadamente 307.000 resultados)
- Sites em LIBRAS (aproximadamente 570.000 resultados);
- Acessibilidade *Web* (aproximadamente 10.600.000 resultados);
- Acessibilidade *Web* para Surdos (aproximadamente 75.200 resultados);
- Acessibilidade *Web* em LIBRAS (aproximadamente 154.000 resultados);
- Acessibilidade *Web* em Língua de Sinais (aproximadamente 101.000 resultados);

⁸ Por Surdos sinalizadores, entende-se Surdos falantes da Língua de Sinais Brasileira.

- Acessibilidade *Web* para deficientes auditivos (aproximadamente 172.000 resultados);
- Acessibilidade *Web* + LIBRAS (aproximadamente 430.000 resultados)
- Janela de LIBRAS na *Web* (aproximadamente 437.000 resultados);

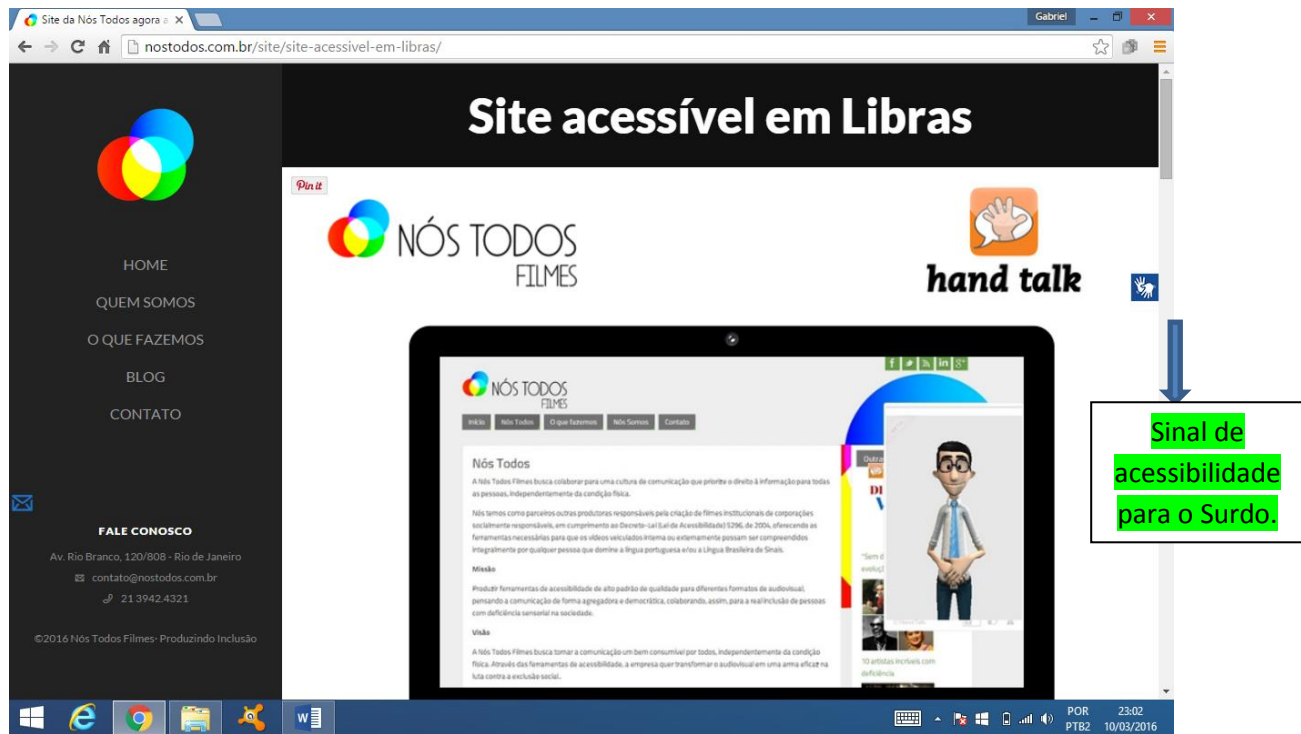
A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa, visitamos uma grande parte dos sites que se apresentavam entre as primeiras indicações do buscador e percebemos que nem todos possuem acessibilidade para Surdos. Segue abaixo alguns sites que apresentam acessibilidade para os Surdos, como por exemplo, nas figuras 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12 e 13.

FIGURA 4 – Site Projeto de Acessibilidade Virtual



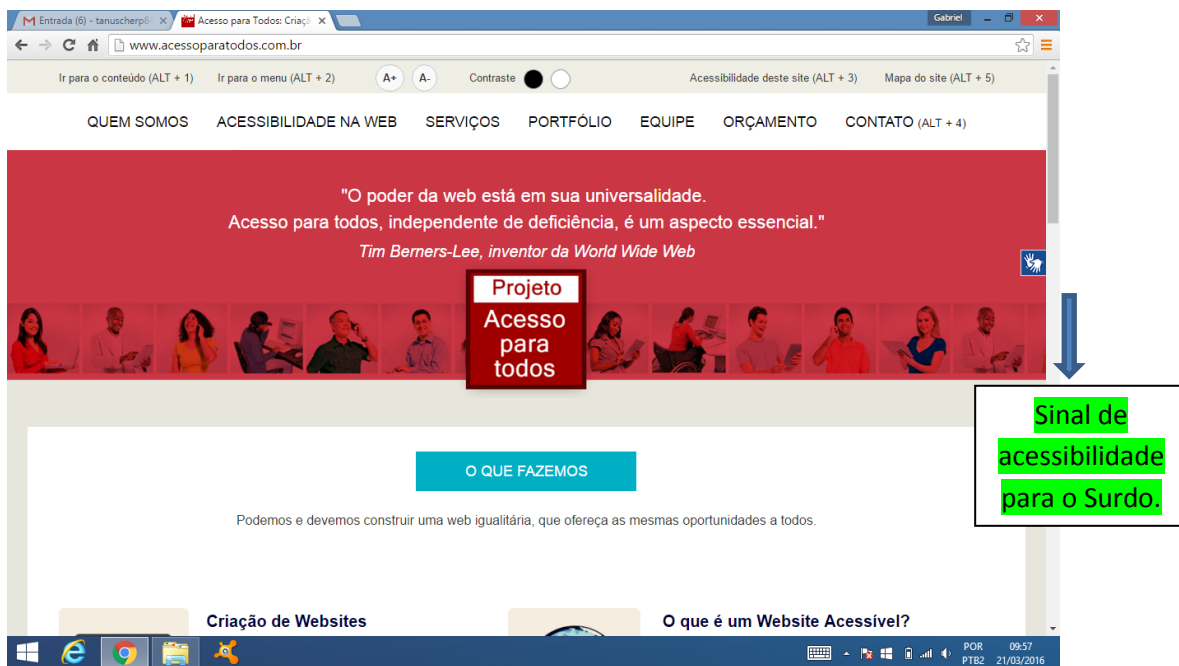
Fonte: <http://acessibilidade.bento.ifrs.edu.br/#> (Acesso em 10 de Março de 2016)

FIGURA 5 – Site Nós Todos



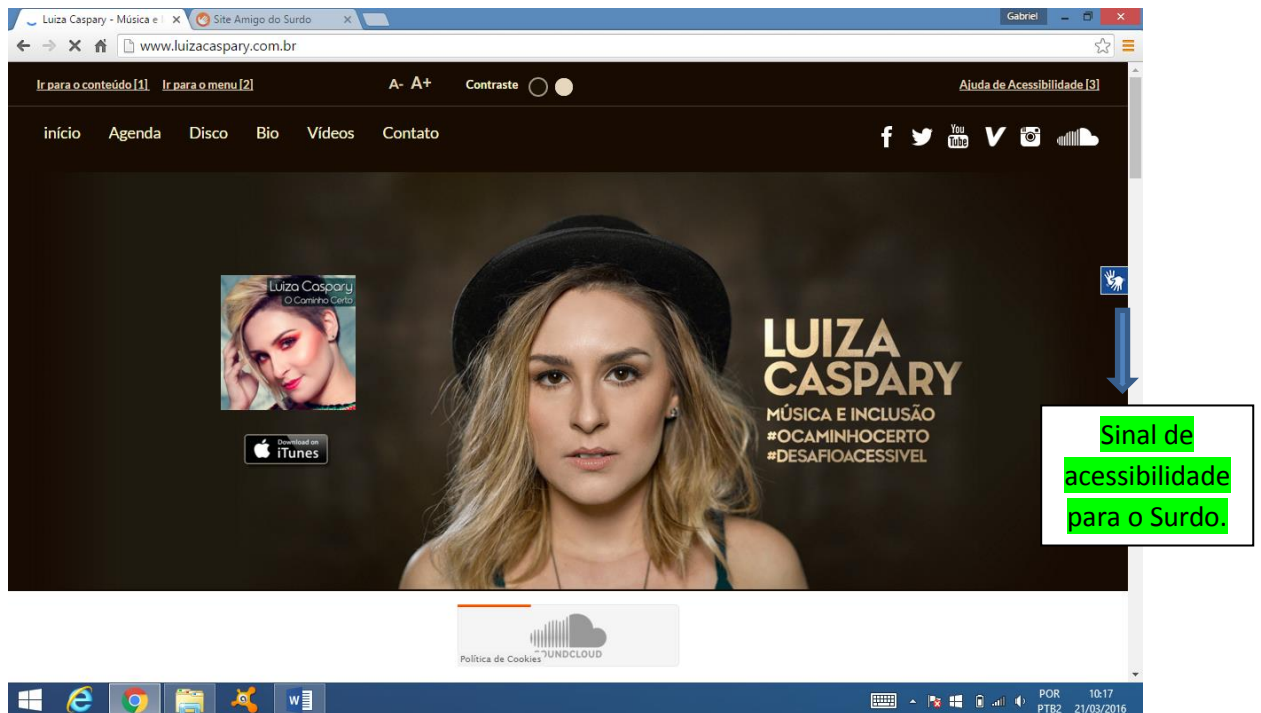
(Fonte: <http://nostodos.com.br/site/site-acessivel-em-libras/>, Acesso em 10 de Março de 2016)

FIGURA 6 - Print da tela acesso para todos



Fonte: <http://www.acesseparatodos.com.br/> - acesso em 21 de março de 2016 09:57.

FIGURA 7 – Exemplo de site Música e Inclusão



Fonte: <http://www.luizacaspary.com.br/> - Acesso em 21 de Março de 2016.

FIGURA 8 – Exemplo de site acessível



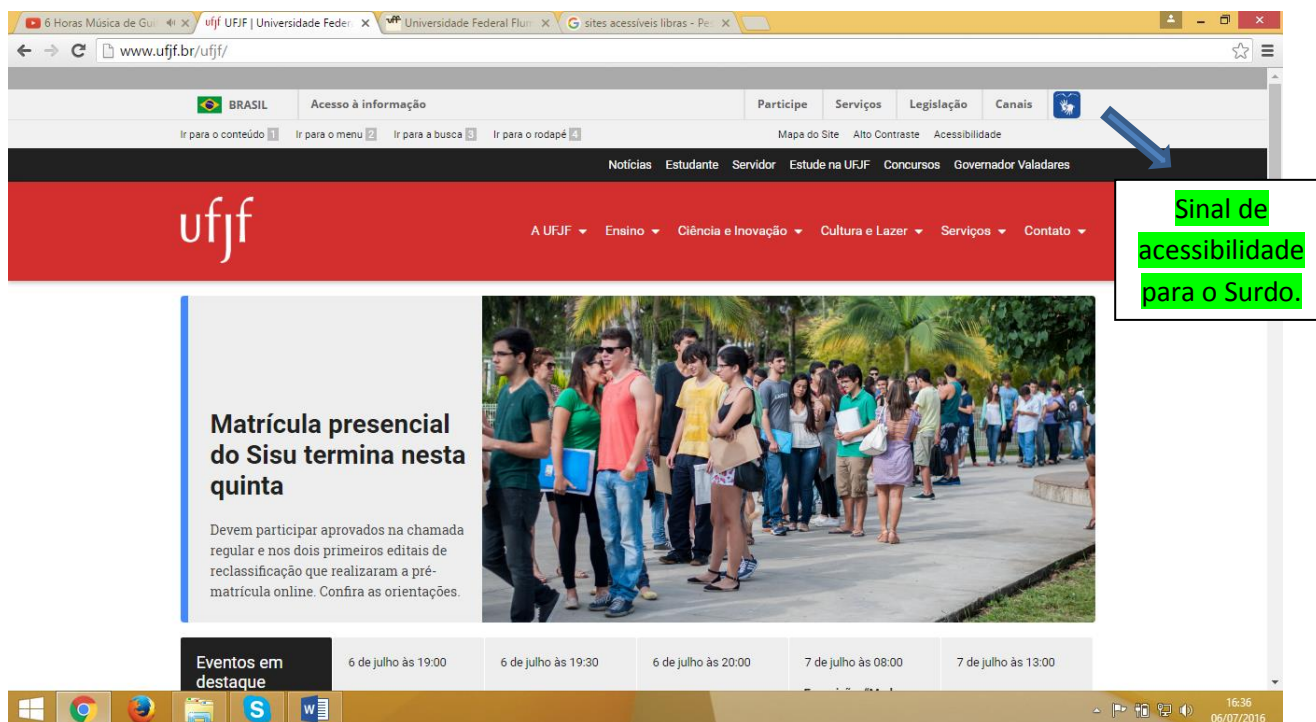
Fonte: <http://www.acessibilidadelegal.com/> - acesso em 21 de Março de 2016.

FIGURA 9 - Exemplo do site UTFPR



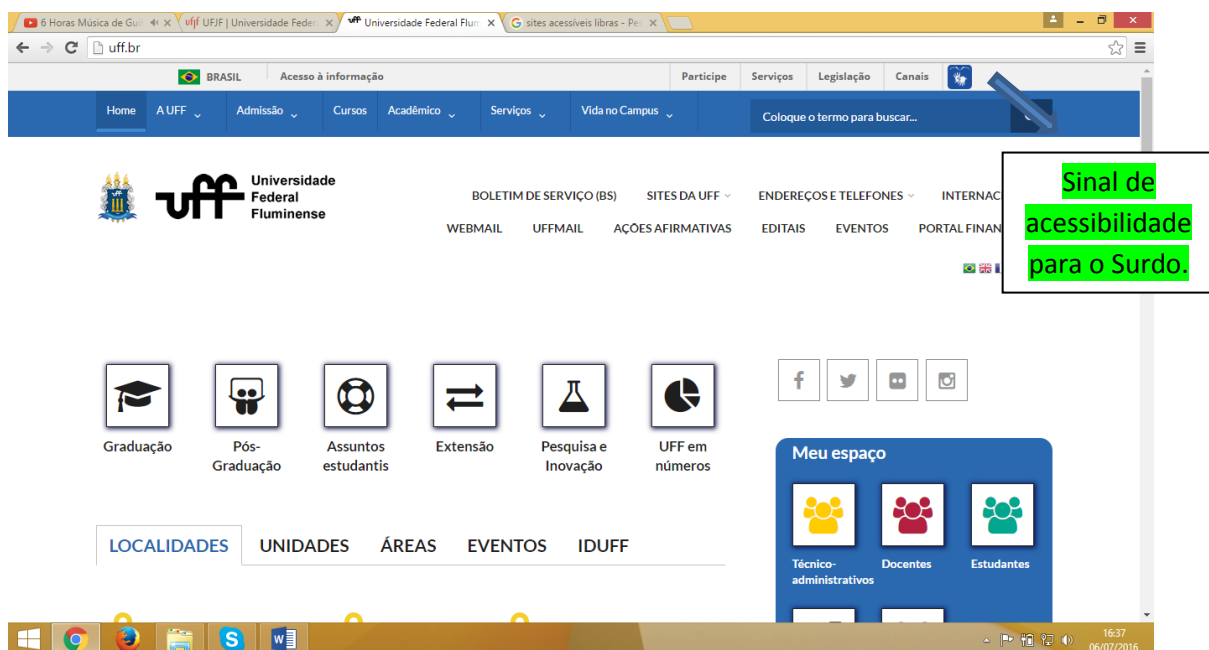
(Fonte: <http://www.utfpr.edu.br/index/#> Acesso em 09 de Maio de 2016).

FIGURA 10 – Exemplo do site da UFJF



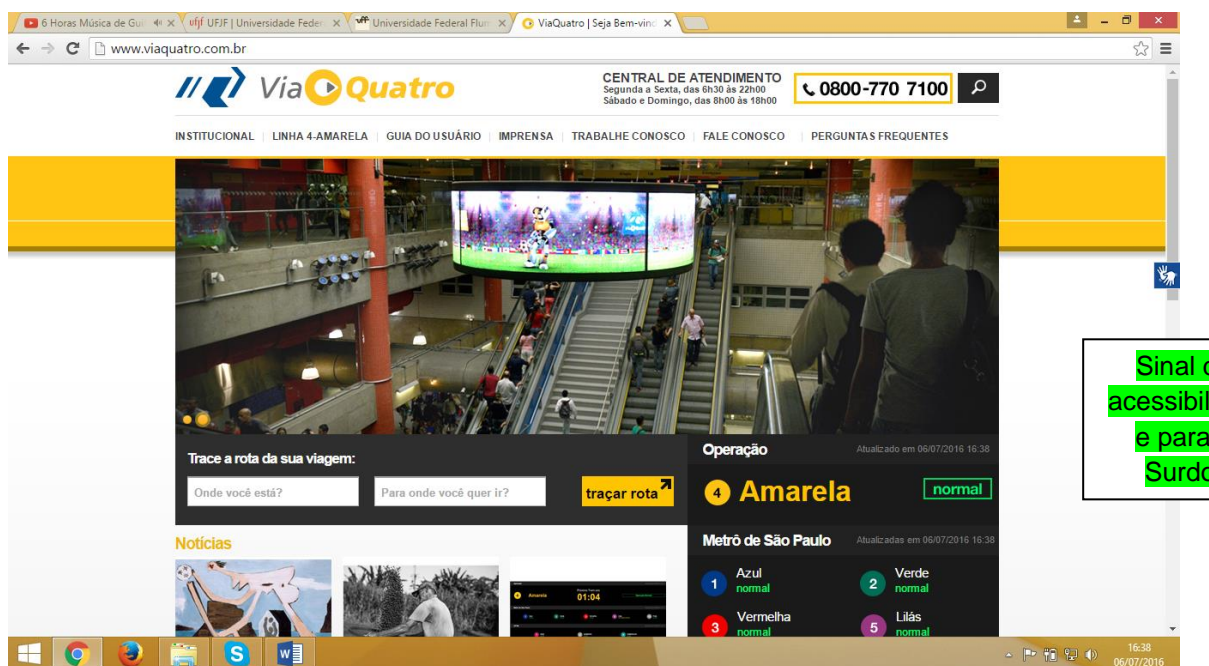
(Fonte: www.ufjf.br – acesso em 06 de Julho de 2016).

FIGURA 11 - Exemplo do site acessível da UFF



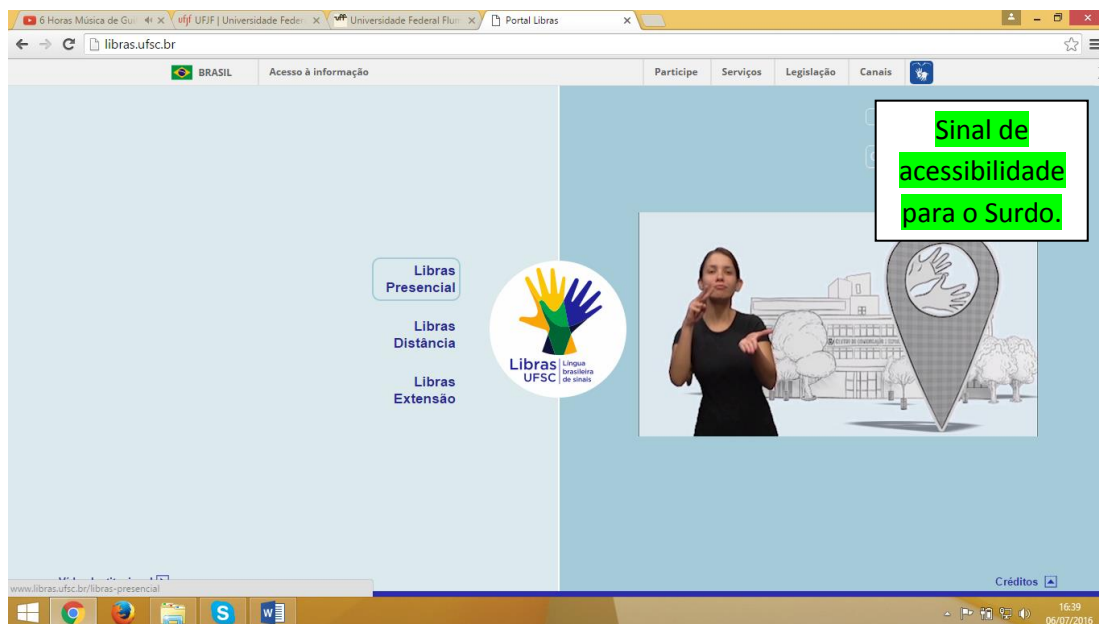
(Fonte: www.uff.br – acesso em 06 de Julho de 2015).

FIGURA 12 – Exemplo de site acessível Via Quatro



(Fonte: http://www.viaquatro.com.br/ - Acesso em 06 de Julho de 2016).

FIGURA 13 – Exemplo de site acessível do curso de Letras/LIBRAS da UFSC



(Fonte: <http://libras.ufsc.br/> - acesso em 06 de Julho de 2016).

Todos os sites destacados nesta seção possuem acessibilidade para Surdos. Ou seja, possuem em algum lugar específico da página, um ícone azul com duas mãos brancas. Este símbolo representa acessibilidade em LIBRAS. Neste momento gostaríamos de fazer algumas considerações acerca da acessibilidade *web* para Surdos apresentada nos sites acima.

Primeiramente esta acessibilidade parte de um pré selecionamento do texto a ser traduzido, ou seja, o Surdo precisa fazer ao menos uma leitura por inferência sobre o conteúdo que deseja acessibilidade. Segundo, a Língua Brasileira de Sinais é uma língua de modalidade espaço-visual cuja realização acontece pelas mãos, corpo e as expressões não manuais. Se tratando de avatares para fazerem as traduções/interpretações destas páginas, acreditamos que as expressões não manuais não são contempladas e a comunicação e entendimento podem ser prejudicados.

Dentre estes sites avaliados por nós, apenas o do curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), conforme a figura 13 apresenta uma tradução/interpretação realizada por humanos. Assim percebemos que a mensagem/informação a ser transmitida atende todos os cinco

parâmetros⁹ constituintes da LIBRAS para realização dos sinais e consequentemente entendimento completo e satisfatório da mensagem.

4.3 VÍDEOS PRODUZIDOS

Os vídeos produzidos foram destinados para a disciplina Atualização Profissional do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI); para a turma 2015, foram entregues aos professores da mesma e estão sendo utilizadas durante as aulas, no primeiro semestre de 2016, como apresentado na figura 14, 15, e 16. As demais filmagens foram alocadas no canal do *YouTube*. Os vídeos produzidos foram 8 (oito) sendo que os Surdos que participaram da disciplina deram o depoimento que isso os ajudou no entendimento das tarefas e do conteúdo.

Como se trata de uma disciplina do curso CMPDI, primeiramente, somente os 13 Surdos matriculados que tiveram acesso aos vídeos, assim podemos avaliar quanto a tradução estava em uma velocidade que permitia o entendimento.

Para que esta produção alcançasse a qualidade exigida num curso de Mestrado e também dentro de um processo de tradução e interpretação, foram despendidas horas de estudo e dedicação sobre os textos fonte (TF). Foi necessário buscar um conhecimento profundo sobre os temas que seriam traduzidos e interpretados, para que a nossa sinalização ficasse o mais fiel possível ao que as professoras pretendiam com as filmagens.

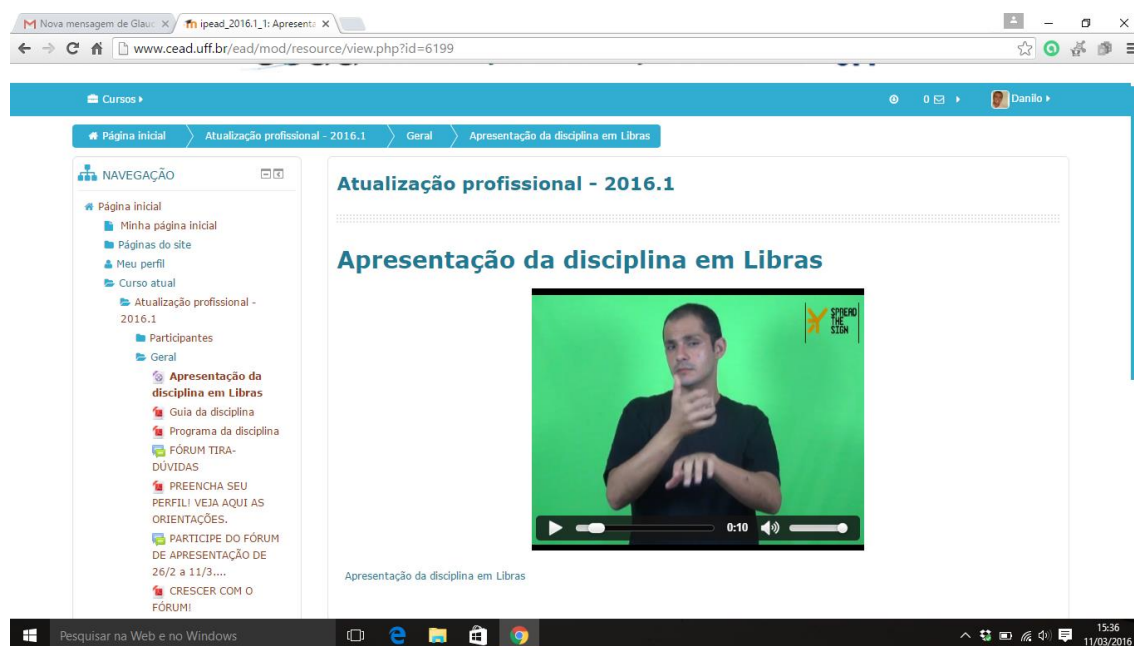
Após este primeiro período de estudo e pesquisa, aprofundamento e discussão, procuramos transformar o texto em português em glosas para que posteriormente fossem realizadas as filmagens. Ao enviar as glosas para as professoras da disciplina, as mesmas reuniram conosco para um “debate” sobre conceitos e sinais explícitos nas glosas que serviam para o sinalizante poder realizar as filmagens. Foi um trabalho que levou horas de discussão para que todos pudessem chegar a um denominador comum.

O objetivo de traduzir pequenos textos da disciplina, foi para tornar os objetivos e o assunto que iria ser trabalhado em cada semana acessíveis para os

⁹ Os cinco parâmetros da LIBRAS são: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação da Palma da Mão (O), Movimento (M) e Expressões Não Manuais (ENM).

alunos Surdos. Houve um respeito por parte dos docentes da disciplina em relação à primeira língua (L1) dos mestrando Surdos. Eles, por conseguinte, não deixaram de ler o material em língua portuguesa (L2) disponibilizado pelas discentes. Isso fez com que a disciplina alcançasse um nível desejado de acessibilidade para os sujeitos Surdos que dela participaram (figuras 14, 15 e 16).

FIGURA 14 – Apresentação da Disciplina Atualização Profissional 1º/2016



Fonte: www.cead.uff.br/ead/mod/resource/view.php?id=6199, acesso em 11 de Março de 2016.

FIGURA 15 – Página da Disciplina Atualização Profissional



Fonte: www.cead.uff.br/ead/mod/resource/view.php?id=178 (acesso em 11 de Março de 2016)

FIGURA 16 – Página da Disciplina atualização Profissional – apresentação da aula 1



Fonte: www.cead.uff.br/ead/mod/resource/view.php?id=6197 (acesso em 11 de Março de 2016)

4.4 O SPREADTHESIGN E SPREADBRAZIL

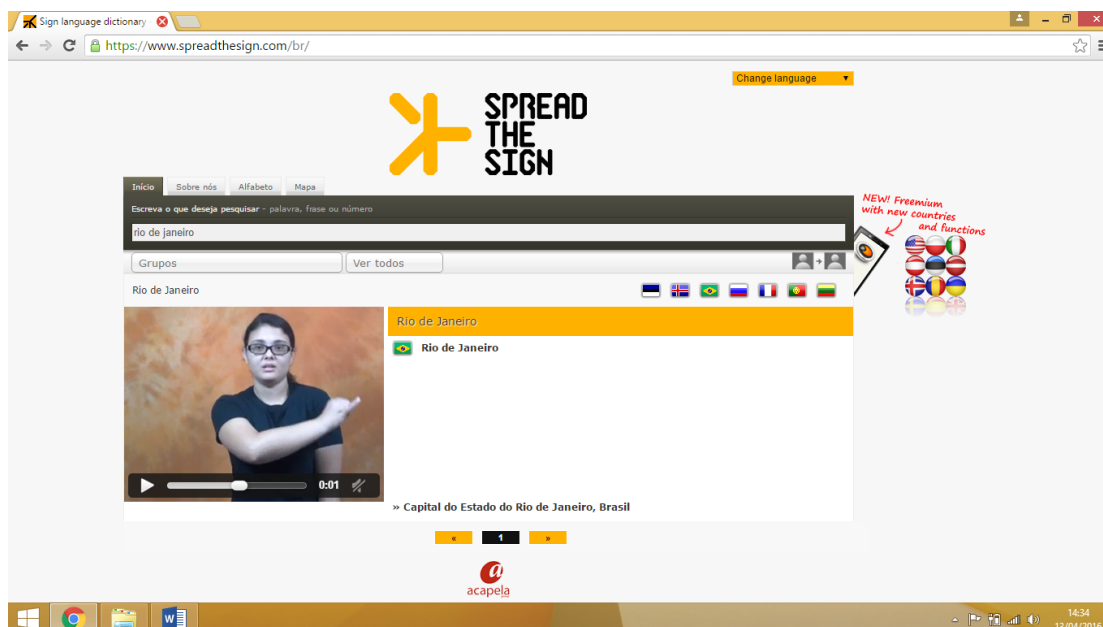
O *SpreadTheSign* é um projeto que busca a divulgação das Línguas de Sinais/ Gestuais, de diferentes países do mundo de forma gratuita e online (MARIANI, 2013). Este projeto serviu como modelo para a criação e implementação do *SpreadBrazil*. O laboratório do *SpreadBrazil* está instalado e funcionando na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Campus Valonguinho, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro. Atualmente 44 (quarenta e quatro) países fazem parte do *SpreadTheSign*, porém somente 25 (vinte e cinco) países tem seus verbetes visualizados pelos usuários do dicionário. Isto se dá em decorrência dos outros 19 (dezenove) países ainda não o terem alimentado com seus verbetes.

O spreadthesign.com é um dicionário internacional onde tornamos acessível as línguas de sinais de diversos países. Esta ferramenta de *auto-aprendizagem* (*grifo nosso*) pedagógica é de uso livre e não há limites para a sua utilização. O nosso objetivo é o de melhorar as competências linguísticas da comunidade surda e daqueles que se interessam pela linguagem de sinais quando vai ao exterior seja a trabalho ou a passeio. [...] Estamos constantemente ampliando nossa parceria com novos países e novos patrocinadores desta ferramenta de uso livre. Cada país representado tem sua equipe com a responsabilidade de divulgar a língua de sinais neste website. [...] O Spreadthesign.com ajuda milhares de pessoas todos os dias para encontrar o sinal que eles estão procurando. Ele também está disponível em smartphones, sob o nome de *Spread signs*. (www.spreadthesign.com/br/aboutus/ - acesso em 13 de abril de 2016 – 14:30)

O trecho acima, extraído do site do www.spreadthesign.com, página exemplificada pela figura 17, nos esclarece o que é e qual a função deste projeto mundial. Um projeto que é de responsabilidade do Centro Europeu de Língua de Sinais e tem como objetivo a divulgação das LS do mundo inteiro. Um detalhe que devemos nos atentar é para a “auto-aprendizagem”. Esse dicionário favorece a autonomia de cada usuário no tocante ao aprendizado das diferentes línguas gestuais/sinais (LG/S) existentes no mundo. Uma ferramenta que nos auxilia na busca por sinais desconhecidos e que nos aproxima de outras línguas enriquecendo nosso cabedal linguístico. O usuário poderá escolher qual a língua que ele quer ter acesso, clicando no ícone *change language*. Qualquer usuário seja Surdo ou ouvinte,

poderá fazer uma pesquisa neste site para saber a iconicidade dos gestos/sinais, ou buscar uma informação sobre o significado sobre um determinado verbete.

FIGURA 17 – Página do Spreadthesign



(Fonte: <https://www.spreadthesign.com/br/> (acesso em 13 de Abril de 2016))

O *SpreadTheSign* mostra ao mundo as variedades e variantes das LS existentes em nosso globo. Isto nos faz derrubar um mito de que a LG/S é universal. Percebemos que algumas línguas possam ser irmãs, devido sua origem, como por exemplo, a LIBRAS e a Língua de Sinais Francesa. Esta teve influência daquela em sua origem. Assim percebe-se também que as LG/S não são variações das línguas orais (LO) e muito menos uma sinalização gramatical da LO. Aqui no Brasil dá-se o nome de português-sinalizado, ou seja, sinaliza-se usando a estrutura gramatical da LP, não respeitando as especificidades da LIBRAS. Este movimento é prejudicial para as pessoas envolvidas no discurso comunicativo. A equipe da UFF esteve sobre a coordenação executiva da professora Ruth Mariani, conseguiu em três anos de projeto atingir a meta de 99% do site traduzido, 38% dos verbetes postados, e 58% dos verbetes traduzidos, atingindo assim 65% do site pronto. É importante mencionar isso, pois estes números provam o esforço da equipe nacional brasileira, em postar os verbetes como também as variações regionais da língua de sinais brasileira.

O *SpreadBrazil* é uma página da *web*, exemplificada na figura 18, contém informações sobre o laboratório *Spread* implementado na UFF, aqui no Brasil. Consta a história de como surgiu a ideia de implementação do mesmo dentro da Universidade Federal Fluminense, uma breve apresentação, informações sobre a equipe, além de localização, contato e horário de atendimento ao público.

Conforme a figura 19, podemos perceber que não foi possível tornar o site do *SpreadBrazil* acessível. Isto por que o sitio onde o site fica hospedado não comporta *upload* (postagem de vídeos na página) de vídeos em sua página. Conforme orientações técnicas, apresentadas pelo suporte de informática da Universidade Federal Fluminense, a possibilidade era colocar *links* na página em questão e postar os vídeos no *Youtube*. Assim quando o usuário clicasse em um determinado lugar na página o mesmo seria direcionado para o *Youtube* para ver a sinalização em LIBRAS do conteúdo em português. Acreditamos que esta estratégia não é possível, uma vez que, não compactua com o conceito de acessibilidade que defendemos.

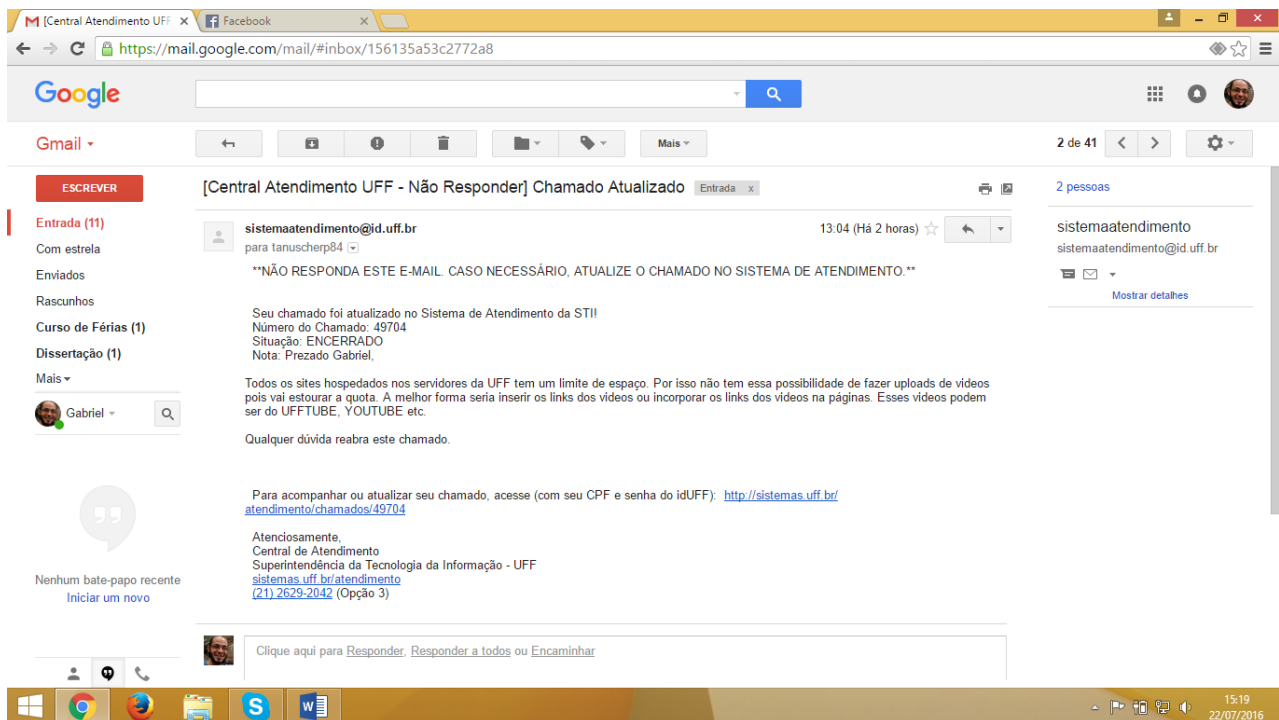
Assim a acessibilidade do site para Surdos não foi possível de ser realizada. Percebe-se que além de desconhecimentos acerca das especificidades linguísticas dos surdos o lado técnico também é um impedimento para que as páginas se tornem totalmente acessíveis para os Surdos.

FIGURA 18 – Página do SpreadBrazil



(Fonte: <http://www.spreadbrazil.uff.br/> (acesso em 10 de março de 2016))

FIGURA 19 – Print da tela do email da UFF



Acesso em 22/07/2016

4.5 ENTREVISTAS: QUAL A OPINIÃO DOS SURDOS SOBRE ACESSIBILIDADE

Após prévia conversa com alguns Surdos, mestrandos do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, sobre a possibilidade de participarem das entrevistas referentes a este estudo, três nos acenaram positivamente e com isso enviamos com antecedência as perguntas a serem respondidas e a solicitação de análise dos vídeos que foram postados no canal IncluirLibras no *Youtube*.

Os três são Surdos sinalizantes, ou seja, que usam a Língua de Sinais como meio para se comunicarem e fazem parte da comunidade Surda.

As perguntas foram sinalizadas e enviadas pelo aplicativo *WhatsApp* as respostas foram enviadas por email particular e pelo aplicativo mencionado anteriormente. As respostas e análises também foram gravadas em vídeos, ou seja, utilizamos a Língua de Sinais (LS) como língua de nossa entrevista. De posse destes vídeos, realizamos a tradução dos mesmos e iremos dialogar com os entrevistados nas linhas abaixo. Não utilizaremos os nomes dos participantes para que a identidade possa ser preservada. Os mesmos serão identificados por Entrevistado A, B e C.

Uma informação precisa ser explicitada neste ponto. A pergunta de número três (Você considerou importante a interpretação dos conteúdos da página do *SpreadBrazil?*) não foi possível de ser respondida, uma vez que, a acessibilidade no site da instituição (NTI/UFF) não foi possível de ser efetivada. Assim as perguntas respondidas, cujas respostas estarão sendo explicitadas abaixo serão as de número um, dois e quatro.

Em relação à primeira pergunta (Qual a importância da acessibilidade *web* para os Surdos?) a resposta foi unânime, ou seja, o principal meio de tornar a *web* acessível para os Surdos é através da inserção da LS nos *layouts* das páginas.

“A acessibilidade web é mínima, poucos sites a possuem. Falta acessibilidade para o Surdo sim. É preciso aumentar os sites acessíveis para que as informações cheguem até os Surdos. A web precisa desta acessibilidade. Pois os

Surdos amam navegar na internet, por exemplo: usam o WhatsApp, o Facebook, o Surdo usa muito. (Entrevistado A).

O que o primeiro depoimento nos mostra é uma insatisfação com a pequena quantidade de sites acessíveis para Surdos. O entrevistado A, aponta para a necessidade de se aumentar o número de sites acessíveis para que as informações cheguem até os Surdos.

Outro ponto que merece ser destacado na sinalização deste entrevistado é que, segundo ele: *“A EaD o Surdo usa também. Ele é visual, por isso precisa desta acessibilidade”*.

Chamamos a atenção para a EaD. Em diversos artigos de nossa pesquisa, nos deparamos com autores que trabalham na perspectiva de acessibilidade no uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), seja com a inserção de vídeos nas plataformas digitais ou na criação de glossário, por exemplo. (FAQUETI *et al.*, 2005; LAGARTO e MINEIRO, 2011; PIVETTA *et al.*, 2013).

Dentro desta mesma perspectiva, percebe-se que: *“a acessibilidade web é importantíssima. É necessário a janela de LIBRAS como L1 e as legendas em LP. Por exemplo, se tiver o texto mais a janela de LIBRAS é muito bom, importante para o Surdo, ou também em tópicos, com uma escrita mais fácil de ser compreendida, isso também é acessibilidade para Surdos* (entrevistado B).

Uma vez que temos o texto em Língua portuguesa na página (site) acreditamos que a legenda não é importante na janela de LIBRAS. Pensamos que o uso direto da LS sem intervenção (por qualquer que seja) da LP é mais importante, é dar acesso ao Surdo em sua L1. O uso de tópicos, acreditamos que é algo complexo de ser pensado e trabalhado na perspectiva da rede mundial de computadores, pensando apenas a partir deste questionamento: como resumir ou apresentar em tópicos os conhecimentos e informações veiculadas globalmente?

Um conceito que dialoga com a explanação do entrevistado B é a ideia de *infoexclusão* (grifo nosso) cunhado por Silva (2009)¹⁰ e citado por Gomes e Góes

¹⁰ Silva, Marco. **Infoexclusão e analfabetismo digital**: desafios para a educação na sociedade da informação e na cibercultura. In: FREITAS, Maria T. A. (org.) *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – Não foi possível consultar a obra na íntegra.

(2011), que trata de uma não qualidade no acesso à rede mundial de computadores (internet).

O indivíduo excluído das novas formas de comunicação e interatividade nas redes é privado da apropriação criativa do ambiente Web, se mantendo numa lógica de subutilização centrada na mera transmissão e recepção como nas mídias clássicas (GOMES e GÓES, 2011, p. 2)

E de acordo com Silva (2009, p. 81. In: GOMES; GÓES, 2011), “A esse excluído é negada a oportunidade de aprender a selecionar conteúdos, inferir, armazenar, imprimir, enviar, enfim, tratar a informação como espaço de manutenção e de negociação”.

Como negociar com um ambiente onde não há qualidade no acesso? Como tratar informação se desconsideram a língua de sinais no processo de divulgação dessa informação? Como pensar em ambientes inclusivos e/ou sites acessíveis para todos se a maior parte das informações contidas nos mesmos não são acessíveis? Se faz mister pensar e refletir sobre estes questionamentos, uma vez que a realidade que vivemos é informacional e a sociedade é diversa.

Um terceiro participante nos apresenta o seguinte argumento para a primeira questão: “*Acessibilidade web para Surdos é a LS. LS e LP, as duas, por que, se você ler o texto e não o compreender a sinalização o auxilia no entendimento da informação, isso faz com que os Surdos sejam auxiliados na aquisição de conhecimento e informação*” (Entrevistado C). Assim como o Entrevistado B, este entrevistado, acredita que as duas línguas nas páginas trazem acessibilidade aos Surdos. Isso aconteceria numa relação de dependência entre usuário e máquina, ou entre usuário e línguas. Nosso intuito é pensar páginas acessíveis sem que haja alguma relação de poder e/ou dependência entre as partes relacionadas. É pensar em uma página para tod@.

“*O importante é que a informação seja passada em LS e a maioria dos sites não possuem esta acessibilidade, não tem. Se existisse, seria perfeito*” (Entrevistado C). A LS novamente como a principal forma de se buscar a acessibilidade. Informação e conhecimento na L1 da comunidade Surda.

Neste primeiro momento, foi notória a sede por conhecimentos e informações em LS que os Surdos buscam. Eles apresentaram como fator primordial para a acessibilidade dos sites a inserção de vídeos em LIBRAS. E também fazem a leitura de que as páginas, em sua grande maioria, não possuem esta acessibilidade. De acordo com Corradi e Vidotti (2009) se proporcionarmos ambientes informacionais digitais acessíveis promoveremos qualidade no acesso, uso e permanência destes usuários nas interfaces digitais.

A segunda pergunta apresentada aos mestrandos Surdos é: A tradução e interpretação dos textos aconteceram de forma a respeitar as especificidades da língua alvo (LA), LIBRAS (nos vídeos postados no *youtube*)? Que na verdade não é literalmente uma pergunta e sim uma análise dos vídeos que estão disponibilizados no canal do *Youtube*.

Em relação ao uso dos fundo utilizados durante as filmagens apresentamos os seguintes relatos:

O entrevistado A disse que: *“... seus vídeos ficaram ótimos (...). O fundo está perfeito, você usou azul e verde, e a camisa preta. Essa combinação é perfeita. “O fundo ficou ótimo, a roupa ficou ótima”* (Entrevistado B). O entrevistado C teve uma outra percepção sobre o uso dos fundos utilizados para a realização das filmagens. *“Vi seus vídeos e percebi que o fundo das filmagens alguns são verdes e outros são azuis. Então... na minha opinião o melhor fundo é o azul, fica mais claro, o verde parece um pouco apagado, meio... sem vida, parece uma cor morta. O azul ele é mais vivo, realça a pessoa que está sinalizando. Com o verde parece que o ator e fundo se misturam, eu prefiro o azul.*

Percebe-se que o uso da cor de fundo pode causar reações diversas nos Surdos. Enquanto para uns o azul e o verde são boas cores para filmar, para outros o azul é melhor do que o verde. Utilizamos as duas cores por acreditar, assim como os entrevistados A e B, numa qualidade para a sinalização.

A cada obra pesquisada na internet percebe-se que não há um padrão em relação a cor de fundo. O que podemos observar é que não houve uma preocupação em perguntar ao surdo o que seria melhor para ele em termos visuais.

Segundo Pedrosa (1989, p.18): [...] o fenômeno da percepção da cor é bastante mais complexo que o da sensação. Se nesta entram os elementos físicos

(luz) e fisiológicos (o olho), naquela entram, além dos elementos citados, os dados psicológicos que alteram substancialmente a qualidade do que se vê.

Na próxima página pode-se observar o quadro 1, com os efeitos psicológicos de algumas cores segundo Grandjean que as cores exercem sobre as pessoas (1988, p.313).

Quadro 1 das influência das cores.

Cor	Efeitos de distância	Efeitos de temperatura	Disposição psíquica
Azul	Distância	Frio	Tranquilizante
Verde	Distância	Frio e neutro	Muito tranquilizante
Vermelho	Muito próximo	Quente	Muito irritante e intranquilizante
Laranja	Muito próximo	Muito quente	Estimulante
Amarelo	Próximo	Muito quente	Estimulante
Marron	Muito próximo/contenção	Neutro	Estimulante
Violeta	Muito próximo	Muito próximo	Desestimulante, intranquilizante e agressivo

Fez-se necessário um planejamento do que iremos filmar, conhecimento sobre o conteúdo e buscamos a integrar a luz natural com a artificial, a fim de se alcançar eficiência e conforto visual. Ainda não foram realizadas pesquisas sobre a influência das cores sobre a aprendizagem dos surdos, por isto observei na minha pesquisa que não existe ainda este ou aquela cor seria o melhor padrão.

No tocante a sinalização e até mesmo a edição e/ou diagramação dos vídeos segue abaixo as respostas dos entrevistados:

- *“Seus vídeos ficaram ótimos, sinalização clara. (...) sua sinalização foi clara, respeitando as pausas do discurso.”* (entrevistado A);
- *“(...) suas aulas no Youtube, muito bom mesmo, mas tem um problema, sinais diferentes, próprios do Rio, Minas Gerais, São Paulo existem dialetos.¹¹ Sua sinalização foi muito boa, mas faltou legenda. Quando você não encontra sinais para determinado termo, você faz uso da datilologia e de forma muito rápida. É preciso ter calma para usar este recurso. Algumas palavras não consegui compreender e precisei voltar o vídeo algumas vezes. Mas quando usava só sinais eu compreendia, mesmo quando usava dialetos. Se fizer uso da datilologia é preciso fazer com calma. Também a legenda é importante e as imagens. Isso é o principal, sinalizar e imagens. Por exemplo, para o nome dos professores seria importante colocar o nome deles na tela (parte inferior), pois você utilizou a datilologia de forma muito rápida. É preciso o nome na tela e a foto ao fundo. O uso da datilologia, da imagem e do nome na tela fica mais fácil e claro, ok.”* (entrevistado B);
- *“A sinalização ficou clara, pude perceber e compreender várias questões das disciplinas, ficou claro o conteúdo. É também um resumo do que aconteceu nas aulas, consegui compreender a sinalização de forma clara. (...) mas está bom, já auxiliou os Surdos, foi uma boa estratégia criada para nos ajudar. (...) na minha opinião as anotações e os vídeos são ótimos (...), sempre na história tínhamos nossas anotações e a interpretação era na hora e depois se perdia e como temos a gravação arquivada na internet é ótimo. Foi uma ótima estratégia. Diferenciada. Sabemos que quando precisar as filmagens estarão lá.* (entrevistado C).

Esses relatos mostram que apesar de todas as dificuldades os vídeos tornaram-se acessíveis aos Surdos e puderam e poderão contribuir para a formação destes, alcançando assim nosso objetivo para com os mesmos.

Alguns pontos precisam ser esclarecidos para que o leitor possa compreender nosso ponto de vista e também algumas questões imbricadas no processo de tradução e interpretação, assim como no uso da língua de sinais.

¹¹ Esses dialetos que o entrevistado B cita em sua análise é o que conhecemos como Variação Linguística.

O entrevistado B apresentou duas questões: a primeira se refere ao uso de legendas nos vídeos e a segunda diz respeito a seguinte questão: “(...)Quando você não encontra sinais para determinado termo, você faz uso da datilologia (...). Em relação às legendas, nosso intuito não foi colocar legendas em português nos vídeos, por dois motivos. Por privilegiar a Língua de Sinais e por que os Surdos receberam o material impresso com nossas anotações durante as aulas do curso de mestrado. Em relação à datilologia ou a Soletração Manual (segundo ponto apresentado pelo entrevistado B) é um recurso amplamente usado por sinalizantes da língua de sinais e encontramos respaldo teórico em Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2009). De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 88) “sinalizadores da língua de sinais brasileira soletram palavras do português em uma variedade de contextos, para introduzir uma palavra que não tem sinal equivalente”. E foi apropriando deste recurso e deste aporte teórico que utilizamos a datilologia ou soletração manual nos vídeos realizados.

Quadros e Karnopp (2004, p. 88) definem que:

“Soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”.
































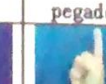
















































Gesser (2009, p. 29) destaca que:

“(...) é importante que se diga que o alfabeto manual tem uma função na interação entre os usuários da língua de sinais. Lança-se mão desse recurso para soletrar nomes próprios de pessoas, lugares, siglas, e algum vocábulo não existente na língua de sinais que ainda não tenha sinal”.

Dentro desta lógica podemos perceber que palavras da língua portuguesa podem ser emprestadas pela língua de sinais. A isso nomeamos de Empréstimo Linguístico, que segundo Quadros e Karnopp (2004) “todas as línguas orais e de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras”. Na figura 20 podemos ver a tabela de configuração de mãos, onde dentro destas existem as que

representam as letras do alfabeto em português. E a figura 21 apresenta o Alfabeto Manual.

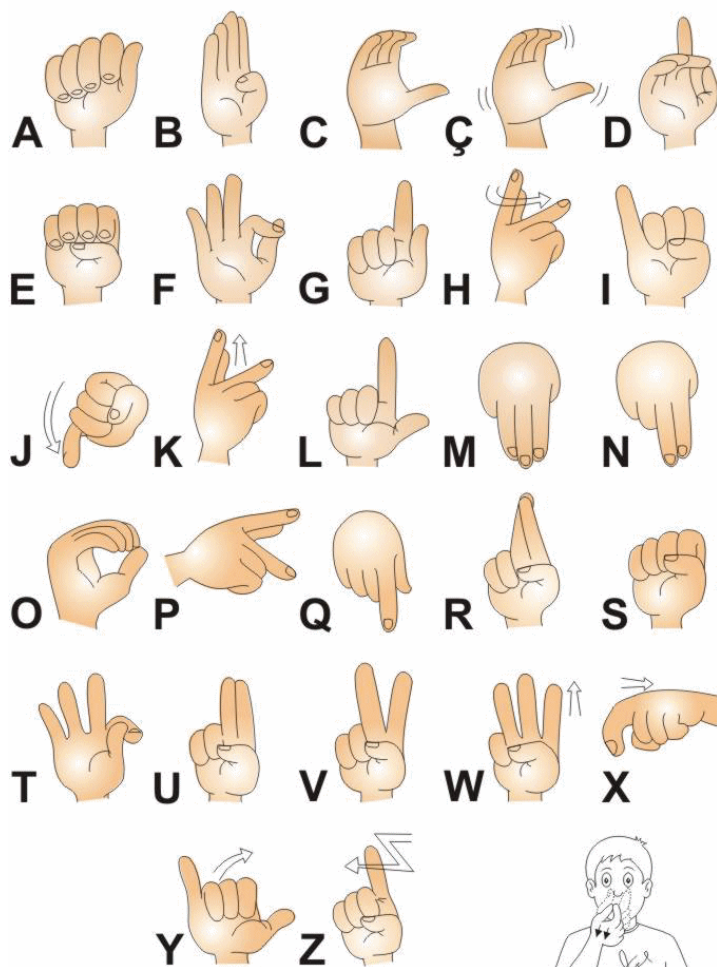
FIGURA 20 – Tabela de Configuração de mãos

 A	 AI	 AX	 Quase	 Figa	 A1	 Y	 Y com mínimo em X
 G	 Q, 7	 P, K, H	 L, 2	 L em C	 L em C diadema	 L em 60°	 L pegador
 L em O	 L em 0	 LU	 LU pegador	 LU em O	 LU em 0	 LV	 LV pegador
 L polegar e médio em O	 L5	 L5 em C	 LR	 LI	 LX	 S, 8	 Z, 1
 X	 X em flexão leve	 I, J	 I em X	 SDI	 Espalmada Separados (ES)	 ES cabeça	 ES garra
 ES pirâmide	 ES torre	 ES LC	 ES em LO	 ES em L0	 ES dedo médio em 90°	 ES médio e polegar em O	 ES médio e polegar em 0
 ES polegar e anular em O	 ES flexão com polegar em 1	 4	 F	 T	 Espalmada Juntos (EJ)	 EJ em 90°	 EJ em 90° + 1 polegar
 EJ em C + 1 polegar	 EJ em L	 B	 E	 C	 C aberto	 C pegador oval	 C pegador esférico
 O	 0	 D	 D1 em 0	 6, 9	 M	 M em boca	 W, 3
 W em flexão	 N, U	 V	 2	 R	 RY	 RIO	 ES médio e polegar em C

Fonte: FALCÃO (2014)

FIGURA 21 – Alfabeto Manual

ALFABETO MANUAL



Surdos On-Line
www.surdosol.com.br

João Félix
E-mail: jfelix@recife.pe.gov.br
jfelixfelipe@hotmail.com

Fonte: www.surdosol.com.br – Acesso em 31/07/2016

Outro aspecto importante e que merece destaque neste ponto do texto é sobre os *dialetos* citados pelo entrevistado B em sua análise. “(...) *mas tem um problema, sinais diferentes, próprios do Rio, Minas Gerais, São Paulo existem dialetos*. Esses dialetos estão presentes em todas as línguas humanas, sejam orais e de sinais (GESSER, 2009). Dentro desta perspectiva de variação linguística temos algumas que são mais marcantes como a geográfica, a social, a de educação por exemplo. No caso dos referidos vídeos a diferença é a geográfica, ou seja, sou um

sinalizador do estado de Minas Gerais e o entrevistado é um sinalizador do estado do Rio de Janeiro.

“Esse tema é importante porque, em algumas situações, alguns sinalizadores de línguas de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo algo como “*esse sinal é errado*” ou “*esse sinal não existe*”, quando se trata de variantes da língua (GESSER, 2006: 176). A língua de sinais, ao passar, literalmente, “de mão em mão”, adquire novos “sotaques”, empresta e incorpora sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade linguística está presente em todas as línguas vivas, em movimento. É justamente nas práticas sociais de uso da linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte que é possível enxergar o multilinguismo (variedades desprestigiadas em sinais, em português, em combinação de modalidades), as marcas da heterogeneidade nos sinais dos surdos-cegos, dos índios, dos ouvintes familiares (ou não) de surdos, dos surdos catarinenses, paulistas, pernambucanos..., ou seja, as *várias línguas em LIBRAS*”. (GESSER, 2009, p. 40 – 41).

Essa variedade é que traz a riqueza para as línguas, é essa vivacidade linguística, regional, social, sinalizada, falada que nos faz contemplar a capacidade flexível que as línguas nos presenteiam.

Para finalizar nosso diálogo com os participantes das entrevistas passaremos para as respostas elucidadas a partir do questionamento de número 4 (quatro): Qual a sua opinião sobre o *layout* das páginas da internet? Esse *layout* é de qualquer página da internet e/ou as mais acessadas pelos Surdos entrevistados. Assim como nós durante toda a pesquisa, que pouco encontramos sites acessíveis, os Surdos entrevistados disseram a mesma coisa, ou seja, se referiram que há uma pequena quantidade de sites acessíveis e corroboram com nosso discurso de uma urgente necessidade de acessibilidade na *web*.

- “*Precisa de acessibilidade sim. Poucos são os sites que possuem janelas de LIBRAS. A grande maioria dos sites tem textos em português, imagens, mas falta a Língua de Sinais. Onde está a Língua de Sinais? Falta acessibilidade. Precisa ter uma janela de LIBRAS para a sinalização de textos, fotos ou dos dois. Isso é muito importante para o Surdo. Poder ver o texto e a Língua de Sinais. É acessibilidade. Isto é importante.* (entrevistado A);

- *Acho importante texto e janela de LIBRAS, por que posso querer ler e depois ver em vídeo, os dois. Eu estou acostumada. Por exemplo, no curso de Letras Libras um texto e uma janela de LIBRAS com legenda. Imagens também são importantes no fundo da janela para significar conceitos ou realizar tópicos ou organizar um vídeo para que a apropriação do conceito se torne mais rápida, pois só em Língua de Sinais direto é cansativo. O principal é o visual. (entrevistado B);*
- *Então... a maioria das páginas as informações estão em LP, vejo alguma imagem, desenhos, vídeos, mas acontece que sempre em primeiro lugar é o texto e depois as imagens, os vídeos, as questões gráficas ficam em segundo plano, como se fossem usadas somente para ilustrar os textos escritos. Acredito que tanto para ouvintes quanto para Surdos o aspecto visual é importante. Seria bom colocar vídeos em língua de sinais na maioria dos sites. Sabemos que é ao contrário, ou seja, o principal é o texto, imagens e a Língua de Sinais é pouco utilizada... percebo que nos sites falta a L1 principal é o português. O layout é bom, mas pode melhorar. (...) Acessibilidade web para surdos é a Língua de Sinais. Língua de Sinais e Português, os dois, por que, se ler e não entender, a sinalização ajuda a esclarecer, isso faz com que auxilie os Surdos na aquisição de conhecimentos e desenvolvimento. O importante é a informação chegar ao Surdo através da Língua de Sinais e a maioria dos sites não tem acessibilidade em LIBRAS. Se existisse, seria perfeito. É a língua da comunidade surda e essa informação em LIBRAS é fundamental. (entrevistado C).*

Alguns pontos importantes a serem destacados. A opinião dos entrevistados em relação ao *layout* das páginas reflete o que eles têm internalizado como conceito de acessibilidade. Durante a pesquisa encontramos diversos conceitos de acessibilidade *web*, os entrevistados apresentaram pontos de vista diferentes. Na revisão bibliográfica encontramos desde a criação de glossários, dicionários (FAQUETI *et al.*,2005) até a criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para modelos de curso na modalidade de educação à distância (EaD) (LAGARTO; MINERO, 2011).

O entrevistado B cita o curso de Letras Libras se referindo a acessibilidade como sendo a apresentação em LIBRAS e o texto disponíveis, isso corrobora com as ideias de Lagarto e Minero (2011) quando apresentam a dinâmica e organização de um curso de licenciatura em LGP, apresentado no início do capítulo. Os entrevistados A e C apresentam que as questões da inserção da janela de LIBRAS nos sites, favoreceriam e muito a aquisição de informação e conhecimento por parte dos Surdos sinalizantes. Essa falta de acessibilidade apresentada (reclamada) por estes dois entrevistados está presente no texto de Flor *et al.* (2008) quando as autoras apresentam o seguinte argumento:

A WCGA 2.0 contempla apenas parte dos desafios da comunicação de surdos na *web*. Embora estabeleça diretrizes para que os conteúdos sonoros possam ser disponibilizados por meio de legendas e alternativas de mídia, essas recomendações quase sempre se traduzem para a língua oral de cada país, e apenas um, dos seis critérios de sucesso relacionados à surdez, refere-se à língua de sinais. Além disso, a língua de sinais é considerada pela WCAG 2.0 em nível de conformidade AAA, que significa que deve ser satisfeita apenas quando a legenda e alternativa de mídia (ambos textuais), que são de conformidade A, já estiverem plenamente atendidas. Por esse aspecto, percebe-se que a WCAG 2.0 não considera a língua de sinais como a língua materna dos surdos, visto que o texto escrito da língua oral é privilegiado (FLOR *et al.*, 2008, p. 167).

“A WCAG 2.0 é um conjunto de diretrizes elaboradas pela *World Wide Web Consortium - W3C* que visa a normatização do conteúdo *web* para pessoas com deficiência possam cada vez mais acessar e utilizar os mais variados serviços disponíveis na internet (FLOR *et al.*, 2008, p. 165)”. Percebe-se que um consórcio mundial que legisla sobre a acessibilidade *web* não valoriza a Língua de Sinais para a acessibilidade para os Surdos, desconhece toda e qualquer questão linguística que perpassa a vida desta minoria. A valoração da língua é essencial para o acesso dos Surdos aos bens culturais, informacionais existentes na *web*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a aprovação da Lei 10.436/2002 que oficializa a LIBRAS como língua da comunidade surda brasileira, o Movimento Surdo vem lutando, de forma mais incisiva, por acesso à educação, à saúde, ao esporte, ao conhecimento, à informação e entre tantos outros direitos que todo cidadão possui. E o acesso aos meios digitais é uma reivindicação desta comunidade e como percebemos é algo ainda bastante limitado, precário, que não satisfaz por completo as reais necessidades linguísticas desta minoria, uma vez que a LIBRAS é sua língua natural.

A maioria das páginas da *web*, como por exemplo, as páginas da Universidade Federal de Juiz de Fora, da Acessibilidade Legal, do Projeto Acesso para Todos, contém grande parte de seu conteúdo em língua portuguesa, com textos e mais textos, explorando pouco os recursos visuais, tais como imagens, fotos, vídeos e vídeos em LIBRAS. Essa pouca exploração de recursos visuais reflete numa carência de sites cuja língua de sinais esteja presente. Bens culturais, sociais e históricos são embarreirados aos Surdos por falta de acesso destes ao conhecimento veiculado nas redes. É imperioso que possamos ter uma maior valorização da LIBRAS e um maior aceite dos gestores de sites para que as informações cheguem ao Surdos de forma que satisfaça sua sede de conhecimento.

É necessário e urgente pensar em práticas, estratégias e ferramentas que busquem uma melhor criação de páginas para que os Surdos possam ser beneficiados com os conteúdos em sua língua natural assim como os ouvintes são. Os tão disseminados avatares trazem no seio de suas “práticas” erros de concordância, falta de expressões não manuais, ordem sintática equivocada, falhas e defeitos nas sinalizações, além de ser robotizada e automatizada a LIBRAS. Uma língua que apresenta inúmeras possibilidades aos seus usuários, não pode ser substituída por avatares.

Percebe-se que essa inserção no meio digital, informacional é um desafio, um novo caminho a ser trilhado por Surdos, pesquisadores, especialistas, a fim de, tornar a *web* um ambiente acessível para todos. Não

pretendemos com este trabalho encerrar as pesquisas nesse campo (*web acessível*), mas encorajar novos pesquisadores a desbravar está incrível selva de senhas, números, acessos e códigos que fazem parte de nosso cotidiano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT. Norma Brasileira ABNT NBR 9050:2004. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf

ABNT NBR 15290. **Acessibilidade em Comunicação na Televisão**. Primeira edição. Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005.

ALBRES, N.A. **Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva**. São Paulo: Harmonia, 2015

ANDRIOLI, M. G. P.; VIEIRA, C. R.; CAMPOS, S. R. L. **O Uso das Tecnologias Digitais Pelas Pessoas Surdas Como um Meio de Ampliação da Cidadania**. VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. 05 a 07 de novembro. Londrina, PR, 2013.

BRASIL. **Decreto nº 5296**, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000 e a nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.html.

_____. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf>

_____, **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.ufjf.br/acessibilidade/files/2009/08/Lei-n%C2%BA10436.pdf>

_____, **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D . **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. 1: Sinais de A a L. (3a ed.). São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2006.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. 2: sinais de M a Z. (3a ed.). São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2006.

CORRADI, J. A. M.; VIDOTTI, S. A. B. G. **Ambientes Informacionais Digitais Acessíveis a Minoria Linguísticas Surdas: Cidadania e/ou responsabilidade social.** X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência e Informação. “A responsabilidade social da ciência e da computação”. 25 a 28 de outubro – João Pessoa – PB, 2009.

CAMARGO, A. C. dos S. *et.al.* **Tradução Interlingual** – Análise dos procedimentos técnicos de tradução de língua portuguesa para LIBRAS do Cd-Rom As aventuras de Pinóquio. II Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais, 2010.

FALCÃO, L. A. **Surdez, Cognição Visual e LIBRAS:** estabelecendo novos diálogos. 4ª ed. revisada e ampliada – Recife: Ed. do Autor, 2014

FAQUETI, C. G.; *et al.*; **InfoLIBRAS** – O Uso da Web para o Aprendizado da Língua de Sinais com Termos da Informática. XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. “A Universalidade da Computação: Um Agente de Inovação e Conhecimento. 22 a 29 de julho – UNISINOS – São Leopoldo, RS, 2005.

FLOR, C. da S. SATO, D. S.; PIVETTA, E. M.; ULBRICHT, V. R.; VANZIN, T. **Recomendações da WCAG 2.0 (2008) e a Acessibilidade de Surdos em Conteúdos WEB.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v. 19, n.2, p. 161 – 168, Abr – Jun, 2013.

FREEMAN, R.; CARBIM, C.; BOESE, R. J. **Seu filho não escuta?** Um guia para todos os que lidam com crianças surdas. Santos: Brasília, 1999.

FREITAS, M. M. **Reflexões Sobre Ensino de Língua Portuguesa para Alunos Surdos.** Curitiba – PR: Editora Appris, 2014.

GESUELI, Z.M. **A Escrita Como Fenômeno Visual Nas Práticas Discursivas De Alunos Surdos.** In: LODI, A.C.B.; HARISSON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (org.). *Leitura e Escrita: no contexto da diversidade.* 4ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011. 111p.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIORDANI, L. F. **Encontros e Desencontros da Língua Escrita na Educação de Surdos.** In: LODI, A. C. B.; HARISSON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de (org.). *Leitura e Escrita no Contexto da Diversidade.* 4ª ed. – Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

GOMES, R. C.; GÓES, A. R. S. **E-Acessibilidade para Surdos**. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 07, n. 7, 2011.
<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/93/146>
- acesso em 21/02/2016.

GUARNIELLO, A. C. **O Papel do Outro na Escrita de Sujeitos Surdos**. 2ª ed. – São Paulo: Plexus, 2007.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas, SP. Papirus, 4ª reimpressão, 2014.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. **Ensino-aprendizagem do Português Como Segunda Língua: um desafio a ser enfrentado**. In: LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. (org.). Uma Escola, Duas Línguas. 4ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011. 160p.

LAGARTO, J.& MINEIRO, A. **O b-learning ao Serviço da Educação da Comunidade Surda**. Indagatio Didactica, Edição Especial, vol. 3(2), Universidade de Aveiro, Portugal, junho, 2011.

LODI, A.C.B. **Ensino da Língua Portuguesa Como Segunda Língua Para Surdos**. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (org.). Tenho um Aluno Surdo, e Agora? Introdução à Libras e educação de Surdos. 1ª reimpressão. São Carlos: Edufscar, 2013. 254p.

MARIANI, R. **LIBRAS e os Conceitos Científicos Sobre Ciências e Biotecnologia: Geração de um dicionário Científico Online**. 2012.

MARIANI, R.; COELHO, O. ; DELOU, C.; RUBIM, C.; PINTO, J. e CASTRO, H. C. **O dicionário on Line spread the sign: Integração Internacional de um Recursos digital para a Educação dos Surdos**, Instituto Nacional de educação de Surdos, Arqueiro nº27, Jan/Jun 2013, p: 28-37.

MARIANI, R ; **Libras - A construção e a divulgação dos conceitos científicos sobre o ensino de ciências e biotecnologia: integração internacional de um dicionário científico online**; Tese de doutorado do curso de Ciências e Biotecnologia da Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2014, p.1-136.

ONU. **Os Direitos das Minorias**. Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos 1995|2004. N°18, Ficha Informativa | Rev. 1.2008.

PAGURA, R. **A Interpretação de Conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** D.E.L.T.A., 19, esp. 2003. p.209-236.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente.* 5. ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano/UNB, 1989. 219p.

PIVETTA, E. M. *et.al.* **Contribuições para o Design de Interface de um Ambiente Virtual de Ensino Aprendizagem Acessível a Surdos.** São Paulo, Revista Brasileira de Design da Informação, v. 10, nº 2, p. 193 – 206, 2013.

QUADROS, R. M. **A escola que os Surdos Querem e a Escola que o Sistema “Permite” Criar:** estudo de caso do estado de Santa Catarina. In. XXVIII Reunião Anual da ANPED, 2005. Caxambu 19p.

QUADROS, R. M de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais:** instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira.** Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS & SCHMIEDT, m. L. P. **Ideias para ensinar Português para alunos Surdos,** Brasília MEC, SEESP, 2006, p: 13-44.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. **Ensino de Língua portuguesa para Surdos:** caminhos para prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2007 (volume 1 – 2ª edição).

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. **Ensino de Língua portuguesa para Surdos:** caminhos para prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2007 (volume 2 – 2ª edição).

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização:** do pensamento único à consciência universal. Record, Rio de Janeiro, 2000 (4ª edição, 2000).

SILVA, M. da P. M. **A Construção de Sentidos na Escrita do Aluno Surdo.** 4ª ed. – São Paulo: Plexus, 2001.

SILVA, M. **Infoexclusão e analfabetismo digital:** desafios para a educação na sociedade da informação e na cibercultura. In: FREITAS, M. T. A (org.) Cibercultura e Formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVÉRIO, C. C. *et al.* **Reflexões sobre o Processo de *Tradução-Interpretação* para uma Língua de Modalidade Espaço-Visual. 2012.** Acesso em 07/12/2015
<http://www.ufjf.br/interpretelibras/files/2014/02/REFLEX%C3%95ES-SOBRE-O-PROCESSO-DE-TRADU%C3%87%C3%83O-INTERPRETA%C3%87%C3%83O-PARA-UMA-L%C3%8DNGUA-DE-MODALIDADE-ESPA%C3%87O-VISUAL.pdf>

W3C, **Cartilha Acessibilidade na WEB.** [Livro Eletrônico]: Fascículo 1 – Introdução
– São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

7.APÊNDICES

7.1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: SpreadBrazil Acessível.

Pesquisador Responsável: Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

Instituição a que pertence o Pesquisadoro Responsável: Universidade Federal Fluminense

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos R.G. _____

O(A) Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de responsabilidade de Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins, cujo o número da Identidade é 12406245, aluno do Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense.

Esse projeto tem como objetivo principal tornar o site do Spread The Sign Brazil acessível para a população surda, intitulado: POR UM BRASIL MAIS ACESSÍVEL: ESPALHE OS SINAIS – LIBRAS.

Os participantes desta pesquisa responderão a questionários na forma de entrevistas, que abordarão questões de cunho de acessibilidade para Surdos.

As entrevistas serão gravadas e futuramente transcritas para obtenção de informações para a pesquisa, mediante a autorização do próprio participante e/ou seu responsável legal, com a devida autorização do uso de imagem. Este estudo não oferece qualquer risco à saúde dos participantes, visto que serão explorados apenas temas de cunho de acessibilidade e que os recursos didáticos a serem oferecidos são criados com materiais atóxicos, não alérgicos, que não são perfuro-cortantes. Não haverá nenhum custo para participar desta pesquisa e será garantido a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do sujeito da pesquisa.

A participação será livre, sendo liberado do projeto aquele que desejar não participar. Informações sobre o estudo poderão ser obtidas quando desejar, durante e após a execução do projeto através do e-mail tanuscherp84@gmail.com

Os participantes de pesquisa e comunidade em geral poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações:

E.mail: etica@vm.uff.br Tel/fax: (21) 26299189

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar.

7.2- AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Termo de Cessão de Imagem

Prezado(a) _____, venho convidá-lo(a) a **contribuir, participando cedendo o direito do uso de sua imagem para a produção e exibição do vídeo**, que está sendo realizado como parte do trabalho de mestrado de GABRIEL PIGOZZO TANUS CHERP MARTINS, portador da Identidade Nº 12406245 emitida pelo POLÍCIA CIVÍL/MG, aluno do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense. Peço também, a sua autorização de uso de imagem para inscrever e exibir o vídeo produzido por você, em festivais de vídeos nacionais e/ou internacionais. Esses vídeos também poderão ser postados em sites de redes sociais como o Youtube, facebook, entre outros.

Poderão ser veiculados fotografias, filmes e entrevistas que contenham a sua imagem e voz, em relatórios internos na UFF e na dissertação de mestrado de Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins, a fim de divulgar a metodologia do Trabalho intitulado POR UM BRASIL MAIS ACESSÍVEL: ESPALHE OS SINAIS – LIBRAS.

Caso não assine este termo, sua imagem e identidade serão totalmente preservadas, porém, a partir do instante em que conceder o direito ao uso de sua imagem para os fins declarados nesse documento, não mais será possível retroceder em sua decisão.

Se houver dúvidas o mestrando Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins estará à disposição para esclarecimentos pelo Email: tanuscherp84@gmail.com Esta pesquisa não oferece nenhum risco a você participante, visto que os materiais utilizados são inócuos.

Os participantes de pesquisa e comunidade em geral poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações:

E.mail: etica@vm.uff.br **Tel/fax:** (21) 26299189

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar.

UFF – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Biologia
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

8. ANEXOS

8.1. REGISTRO DAS AULAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA TURMA 2015 DO CMPDI E ALGUMAS PALESTRAS QUE OCORRERAM NO INÍCIO DO CURSO

-AULA DO DIA 20/08/15-

PROFESSORA CRISTINA ROCHA FERREIRA - UNIVERSIDADE DE COIMBRA – PORTUGAL

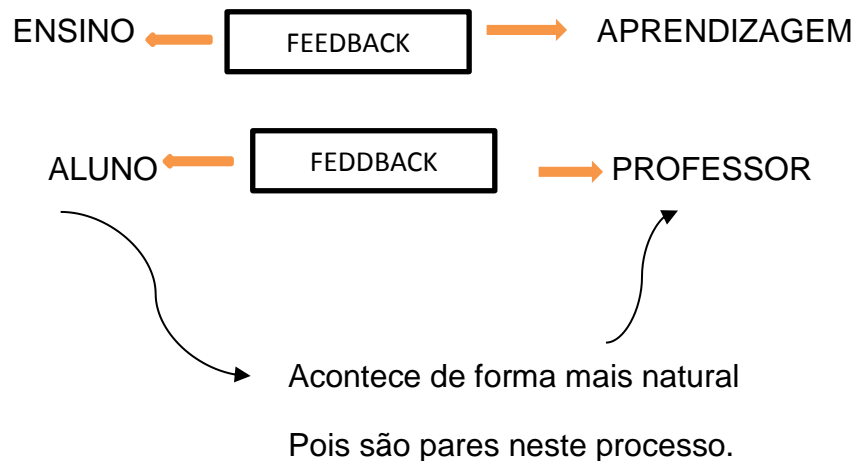
TEMA: Estratégias de Avaliação e Intervenção em Problemas de Motricidade e Cognição

- Aumento nos casos de autismo, Síndrome de Asperger e dislexia – O cérebro está mudando.
- Homogeneizar o máximo possível para que tenham condições de conviver de igual para igual com os outros.
- Em Portugal os alunos deficientes frequentam aulas de Educação Física, Artes e etc. E frequentam aulas de Português funcional, Matemática funcional, Ciências funcional. Nestas disciplinas funcionais os conteúdos são adaptados às especificidades de cada deficiência.
- Em Portugal Altas habilidades e Superdotação não são considerados casos para o atendimento educacional especializado.
- As crianças hoje são muito cinestésicas e/ou visuais = aprendem o mundo pela imagem.

PREPARANDO PARA APRENDER:

1. Respiração (mindfulness) – Limpar a mente, não pensar em nada.
2. Brain Buttons – Botões do cérebro (massagear as bolinhas do tórax)

3. Diálogo interno – o meu cérebro não filtra nada que eu diga a mim mesma. Ele compreende como uma ordem dada de mim para mim. OBEDECE (Lembrar da dinâmica das mãos aumentar/diminuir)
4. Estado natural de aprendizagem – Os olhos são o único órgão ligado ao cérebro. Ao olhar em 45° tenho um visual cinestésico que ativa o cérebro.
5. Música clássica – o cérebro funciona em ondas alfa. A música clássica emite ondas alfa o que ajuda no processo de aprendizagem. Principalmente Mozart.
6. SORRIR - libera serotonina e dopamina no cérebro. Estas duas substâncias auxiliam na aprendizagem.



➤ **PROGRAMAÇÃO NEURO LINGUÍSTICA:**

Nosso cérebro não processa a palavra NÃO.

A palavra NÃO não tem representação neurológica.

Tentar falar sempre na afirmativa.

O cérebro tem plasticidade.

Não há dois cérebros iguais.

Nosso cérebro desenvolve-se ao longo da vida.

Ex.:

a) TROCAR O **MAS** POR **E**

É um bom menino MAS vai

É um bom menino E vai

b) USAR O **AINDA** ANTES DO NÃO:

Você não sabe.

Você AINDA não sabe.

INTEGRAÇÃO ENTRE OS “CÉREBROS”

- O cérebro reptiliano = Tem a ver com nosso lado físico, de proteção, de sobrevivência.
 - O cérebro límbico = Tem a ver com nosso lado emocional, tem uma memória mais completa.
 - Neo córtex = Se divide em:
 - Hemisfério direito = .mais holístico, inconsciente, mais intuitivo.
 - Hemisfério esquerdo = mais focado, consciente, voltado para o trabalho
-

-AULA DO DIA 21/08/15-

PROFESSORA HELENA CARLA / UFF - TEMA: Orientações sobre o Mestrado e a Dissertação

- Secretaria do CMPDI = Cristina Delou – Coordenadora
Rejane – Vice- coordenadora
Sueli – Secretária
- Nosso curso na CAPES = Grande Área – Multidisciplinar
Área – Ensino
- IOMRDB
 - I – INTRODUÇÃO
 - O – OBJETIVOS – Não confundir com metas.
 - M – MATERIASI E MÉTODOS (COMO?) – Precisa passar pelo comitê de ética que analisa e avalia como foi feita a pesquisa.
 - R - RESULTADOS – Apresentar de forma direta, sem emitir opinião.
 - D – DISCUSSÃO – É aqui q acontece as citações, referências. Usar artigos dos últimos 3 a 5 anos no máximo. Usar pelo menos um artigo do ano da defesa.

B – BIBLIOGRAFIA – Tentar usar sempre fontes primárias.

-AULA DO DIA 27/08/15-

PROFESSORA CLÁUDIA MÁRCIA / UFF - DISCIPLINA: Práticas Profissionais e Processos na Diversidade e Inclusão

- Carga Horária = 60 horas

{	30 horas de encontros em sala de aula
	30 horas com atividades prática (com o orientador)
- Atividade em grupo: Responder as questões e depois dialogar com o grupo: Quais são as expectativas em relação a disciplina?
O que você entende por diversidade e inclusão?
O que você considera prática docente efetiva?
Cite três habilidades que você considera essenciais para a prática docente efetiva.
Identifique as suas fragilidades quanto às habilidades de avaliação, divulgação, produção de materiais didáticos, uso estratégico de materiais didáticos, planejamento e necessidades especiais no ensino ativo, considerando a diversidade e inclusão.
- Explicação sobre o que é MÉTODO ATIVO = O aluno é quem desenvolverá ou irá elaborar uma atividade intencionalmente pensada pelo professor.

PROFESSORA VERA CRISTINA SOARES LOPES - RELATO DE EXPERIÊNCIA – DIVERSIDADE E INCLUSÃO

- A professora foi aluna do CMPDI e defendeu sua dissertação neste ano.
- A professora apresentou seu produto = Mapas em relevo e descrição em braile da cidade de Campos de Goitacazes. Material acessível para pessoas com baixa visão ou cegos.

- AULA DO DIA 28/08/15-

PROFESSORA CRISTINA ROCHA FERREIRA - UNIVERSIDADE DE COIMBRA – PORTUGAL

TEMA: NEUROCIÊNCIA E PNL (Programação neuro linguística)

LEGISLAÇÃO EM PORTUGAL:

- Adequação curricular para atender os alunos com deficiência
- Em relação à matrícula, alunos com deficiência permanente podem estudar em escolas que atendam suas necessidades, independentemente de onde seja sua residência (No Brasil a LDB diz que é direito do aluno estudar na escola mais próxima da residência)
- Criança sem deficiência – a família escolhe 3 escolas que ela quer.
Não havendo vaga na primeira escola, vai para a segunda.
Não havendo vaga na segunda escola vai para a terceira opção.

Para a criança com deficiência é obrigatória a oferta de vaga. A criança estuda onde “escolher”. Haverá sempre vaga na escola escolhida!

RON DAVIS – Técnica do olho mental

- Técnica para trabalhar novas sinapses
- A a criança com dislexia ao controlar seu olho mental deixa de fazer as trocas.
- Técnica para a criança disléxica:

Visualizar a palavra BOLA.

Solettrar: B O L A

Ao contrário: A L O B

Ao fazer a soletração ao contrário temos a certeza que a criança visualizou. Para a criança disléxica isto é fundamental pois ela vê as letras em 3D.

- Confecção de letras em massinha de modelar ajuda na leitura.

SUGESTÃO DE LEITURA: “O dom da dislexia” – RON DAVIS

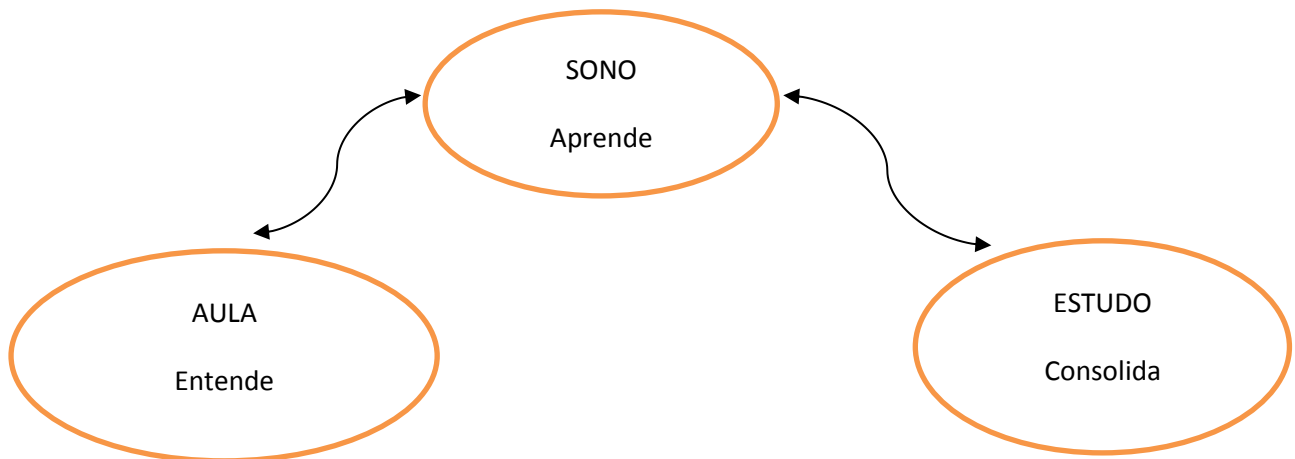
- O coração tem 40 mil neurônios.
- O coração tem um sistema nervoso particular.

❖ COERÊNCIA CARDÍACA:

- Heart focus (focar, ver o seu coração)
- Heart breath (respirar sentindo o ar entrar no coração)
- Hearth Feelling (Sentir o seu coração, os batimentos, o ritmo....)

➤ SONO REM

- Há a necessidade de 8 horas de sono. É neste período que levamos para a memória permanente todo o aprendizado, tudo que está na memória de curto prazo.
- SESTA: importante – 20 min. Se passar de 20 min é necessário esperar os 90 min, pois o sono REM acontece de 90 em 90 min.
- É nestes 20 min que há relaxamento e o cérebro se prepara para aprender.



VÍDEOS APRESENTADOS NA AULA:

- A Ciência da Felicidade (Shawn Achor)
- Quem somos nós

SUGESTÃO DE LEITURA:

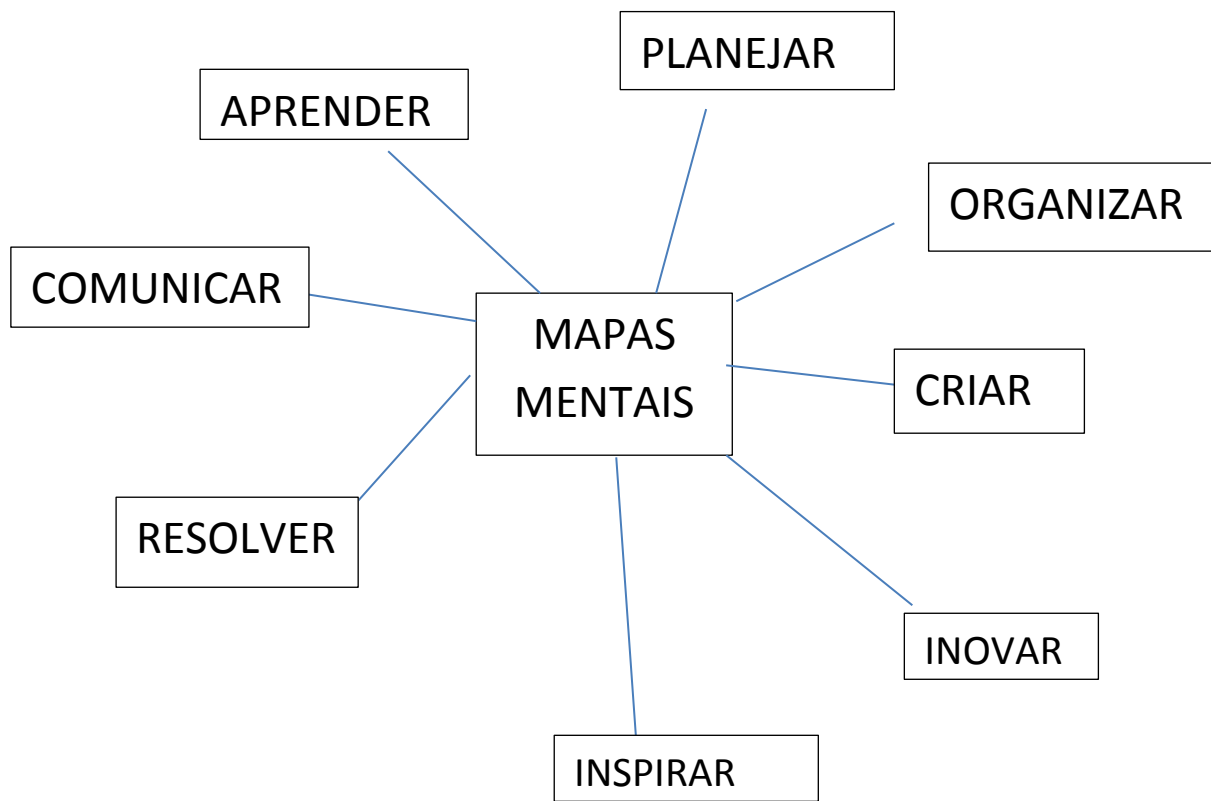
- “Liberte o gigante interior” - Anthony Robbins
- “O poder sem limites” - Anthony Robbins

DICA DE BLOG:

- Neurônio frito

➤ APRENDER É ESCREVER NO CÉREBRO

- PARA CRIAR OU ABANDONAR UM HÁBITO/VÍCIO O CÉREBRO NECESSITA DE 21 DIAS.



**-PALESTRA DO DIA 03/09/15-
WORKSHOP**

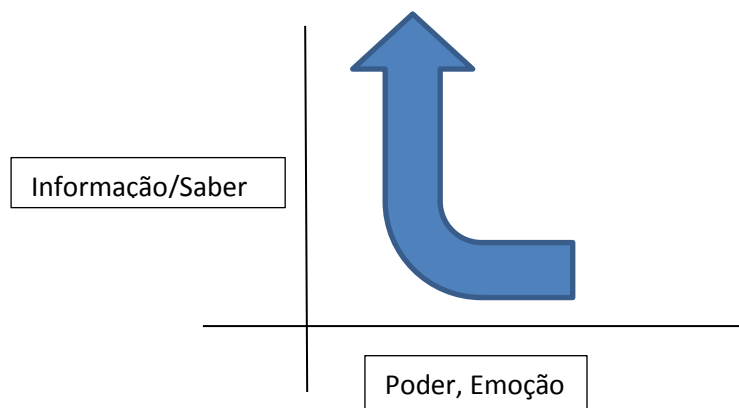
PROFESSOR: ARTUR PARREIRA - TEMA: O paradigma da complexidade face ao desafio da diversidade e o dilema da inclusão

- Autores que falam sobre o tema da complexidade:
 - Herbert Simon (1974)
 - Streufert (1978)
 - Guerreiro Ramos (1981)
 - Edgar Morin, Ilia Prigogine, Le Moigne, Kurt Godel, Schneider e Somers.
- DESAFIOS E DILEMAS – Questões para pensar
 - A diversidade é desafio para você? Por quê?
 - A inclusão é um dilema?

- De acordo com o professor Artur, o Universo é composto por 3 elementos:
 - MATÉRIA
 - ENERGIA
 - INFORMAÇÃO

➤ **Informação como instrumento de INCLUSÃO:**

Para promover real “igualdade” devemos caminhar no gráfico na VERTICAL. Exercer menos poder e promover mais informação, mais saber.



- PODER é instrumento de controle.
- Estruturas de poder EXCLUEM; estruturas de informação INCLUEM.
- Devemos eliminar o uso do poder, NÃO O PODER em si.
- Quando estamos com medo nossa capacidade de raciocínio é diminuída. O medo domina a inteligência. O medo nos aprisiona. Devemos criar a nossa volta áreas de NÃO MEDO para que os outros se sintam à vontade. Esta atitude interfere em nosso bem estar, nos dando melhor saúde.
- INSTRUMENTOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO
 - A informação é essencialmente um instrumento de dinamização que atua sobre as representações da realidade.
 - Informação é a base de toda a descentralização do controle – Eliminação do uso do poder.
 - Informação é a base da inclusão de toda a diversidade.

➤ TEORIA DA COMPLEXIDADE – Teorema de Godel

- O mais complexo entende o menos complexo. O menos complexo NÃO entende o mais complexo. Porém ele não sabe que não entende.
 - Quando o menos complexo analisa o comportamento do mais complexo, ele o entende como IRRAZOÁVEL (sem razão de acontecer). Isto porque este comportamento obedece a padrões que o menos complexo não conhece.
 - Esta teoria explica os processos de exclusão quando entendemos o mais complexo como aquele que tem mais informação e mais saber, aquele que não exerce poder sobre o outro.
- Nossa capacidade de criar meios de EXCLUSÃO tem a ver com nossas emoções. A emoção não nos deixa CAPITALIZAR a informação, ou seja, não nos permite dar valor a informação que temos e nem usá-la de forma adequada.
- NÃO DEVEMOS ELIMINAR A EMOÇÃO E SIM CONTROLÁ-LA, REGULAR NOSSAS EMOÇÕES.

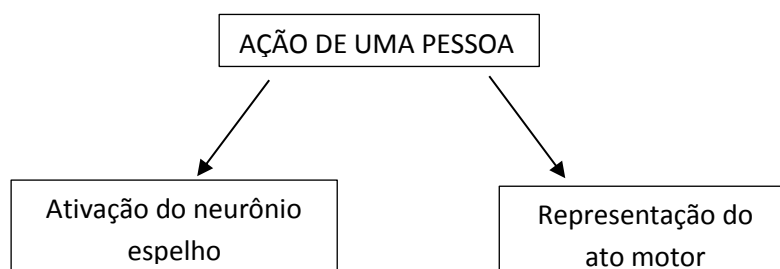
**-PALESTRA DO DIA 04/09/15-
WORKSHOP**

PROFESSOR LUIZ GAWRYSZEWSKI - TEMA: Neurônios-espelho, empatia e neuromania: A mente não mora na máquina

- NEURÔNIO ESPELHO: São neurônios que são ativados por uma ação. Isso facilita a reprodução da ação. Permitem que executemos atividades sem pensar nelas, apenas acessando um banco de dados na nossa memória.



- A ação reproduzida já existe em nossa memória. Ela é ativada pela ação de uma outra pessoa.
- A simples observação de ações de um outro indivíduo ativa as mesmas regiões do cérebro dos observadores normalmente estimuladas durante a ação do próprio indivíduo. Ao que tudo indica, nossa percepção visual inicia uma espécie de simulação ou duplicação interna dos atos de outros. Por exemplo quando vemos alguém bocejar temos a vontade de bocejar também. Isso porque os neurônios espelhos são ativados em nosso cérebro pela ação do outro.
- Como em uma sala de espelhos, o cérebro humano reflete ações praticadas por outras pessoas. Essa habilidade de alguns grupos de neurônios está relacionada ao comportamento social. Reproduzir, mentalmente, o que terceiros fazem demonstra compreensão e empatia, características prejudicadas em portadores de distúrbios como esquizofrenia e autismo.



-AULA DO DIA 17/09-

DISCIPLINA: Práticas Profissionais e Processos na Diversidade e Inclusão -

Professora: Cláudia Márcia

➤ RESPONDER AS QUESTÕES:

- Objetivo do Workshopp
- Como vocês se prepararam para alcançar seus objetivos?
- Os objetivos foram alcançados?
- O que você aprendeu?

➤ PLANEJAMENTO: O QUE É?

- OBJETIVOS → MÉTODO → REFLEXÃO
USADO
- Preciso ter claro meus objetivos, quais métodos e recursos serão utilizados, quais estratégias, técnicas, etc. Para tal preciso ter um arcabouço teórico bem fundamentado para sustentar minhas práticas e me conduzir ao meu objetivo de forma eficaz.
- JUSTIFICATIVA: Tenho que ter clareza da importância do que planejei para o outro, para a sociedade. Precisa fazer sentido para meu interlocutor, caso contrário não haverá interesse, não haverá aprendizagem.

➤ ESTRUTURA DE UM PLANEJAMENTO

- INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA
- OBJETIVOS (Geral e Específico)
- PROCEDIMENTOS/TÉCNICAS/MATERIAIS: Quando, como, com quem, onde a pesquisa se realizará.

-AULA DO DIA 18/09-

DISCIPLINA: Metodologia e Produção Científica - Professores: Suzete, Rejany e Gustavo

- O CMPDI na CAPES:
Grande área – Transdisciplinaridade

Áreas de Concentração: Ensino

- Carga horária = 30 horas Créditos = 1
- O Mestrado é “Profissional”= Há a verificação de um problema, estudar este problema e propor um a possível “solução”.
- Ler a ementa do curso – site do CMPDI

❖ TEMA 1 – Ciência e Senso comum: o que é produzir um texto científico?

QUESTÕES GERADORAS:

- Por que existe Arte, Filosofia, Religião e Ciência?
- O que é conhecimento?
- De onde nasce seu conhecimento sobre o mundo?
- Qual sua experiência profissional, acadêmica e científica?
- Contar caso é igual a análise uma situação?

A) INDIVIDUALMENTE

- 1) O que eu sei?
- 2) O que eu quero saber?
- 3) Como vou fazer para saber?

B) EM GRUPO

Apresentar-se, debater as perguntas e sistematizar por escrito reflexões do encontro com o outro.

C) Exposição dos docentes com debate

- 1) Qual o sentido do Mestrado e das perguntas propostas?
- 2) O que é produzir um estado científico?
- 3) Por que existe Arte, Filosofia, Religião e Ciência?
- 4) O que é conhecimento?
- 5) De onde nasce seu conhecimento de mundo?

D) Vídeo: ALEGORIA

E) Apresentação da bibliografia obrigatória e material para próxima aula.

TAREFA PARA CASA: Ler o texto “Alegoria” de Platão e “Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais” (páginas 19 a 25) do Professor Antônio Chizotte.

Buscar os dois textos no DROPBOX. Endereço:

metodologiaproducient@gmail.com

Senha: cmpdi2015

-AULA DO DIA 18/09-

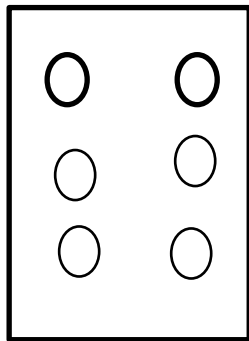
DISCIPLINA: Braille – Aprendendo uma Linguagem Escrita - PROFESSOR: Hélio F. Orrico

A EDUCAÇÃO DE CEGOS E A COGNIÇÃO

“Há que ser a interação para que haja aprendizagem”

- A aquisição de conhecimento em situação de cegueira:
 - *Visão é síntese= com um único olhar “percebo” toda a tela de uma TV, por exemplo. Visão global.
 - *Tato é análise= é “ponto a ponto”, em cima, embaixo, a esquerda, a direita. É um processo analítico, vou tateando.
- **VALENTIN HAUY** = Entendeu que o problema essencial na educação dos cegos consistia em fazer que o visível se tornasse tangível, ou seja percebido pelo tato.
- No século XVIII é que se iniciou de forma sistemática a educação de cegos.
- HAUY passou a dotar em sua escola o alfabeto comum, traçando em relevo as letras na expectativa de que com as pontas dos dedos os caracteres fossem percebidos pelos cegos. Para as avaliações ortográficas e redação eram usados caracteres móveis, ampliados e em relevo. Era um modelo muito lento.
- **O SISTEMA BRAILLE**
- Louis Braille (1809 – França) = feriu os olhos aos 3 anos de idade e teve uma infecção severa no ferimento o que ocasionou a cegueira.

- Frequentou a escola em sua aldeia beneficiando-se do contato com sus pares videntes.
- Em 1819, frequentou a escola de Hauy.
- Barbier introduziu os pontos em relevo. A grande dimensão dos pontos (amplitude) tornava difícil o primeiro contato para os cegos pois NÃO CABIAM nas pontas dos dedos. O processo era extremamente lento.
- Este processo dos pontos criado por Barbier, instrumentalizou Louis Braille para criar o SISTEMA BRAILLE. Pontos menores, mais fáceis de tatear.
- O BRAILLE é uma conquista social.
- O alfabeto tátil = NÃO É LÍNGUA. É UM CÓDIGO.
- No Brasil em 1854 é o ponto inicial da difusão do Sistema Braille pela “Fundação Imperial Instituto dos Meninos Cegos”
- O sistema Braille possui 63 sinais
- A Cella Braille



- Instrumentos para escrita Braille: Reglete, Punção, impressora Braille.
- SOROBÃ = Material usado no ensino da Matemática para cegos.
- LBI – LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO em seu artigo 3, inciso III trata da definição de Ajudas Técnicas.
- TIFLOTECNOLOGIA = Conjunto de técnicas, conhecimentos e recursos voltados a proporcionar aos cegos e deficientes visuais melhores condições de acessibilidade e aprendizagem.
- ADAPTAÇÕES DE USO PARA CEGOS e DEFICIENTES VISUAIS:
 - Sintetizadores de voz
 - Braille falado
 - Calculadoras científicas

- Livro falado
- Programas de ampliação na tela
- Telelupas

➤ **TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

- A tiflotecnologia é essencial porque melhora a qualidade do ensino.
 - Permitem a utilização de programas educacionais de computador com fins didáticos e pedagógicos.
 - Aumentam a independência e a autonomia.
- O contato e a interação entre cegos e videntes garantem a “Zona de desenvolvimento proximal” e as interações destacadas por Piaget. É nesta interação que podemos ajudar na autonomia e independência.

-AULA DO DIA 18/09-

DISCIPLINA: LIBRAS – uma língua brasileira a conhecer - PROFESSORA: Edicléia Mascarenhas

- Surdez leve = até 40 decibéis. Adquire normalmente a linguagem, mas pode apresentar dificuldade na fala e na escrita.
 - Surdez moderada = 40 a 70 decibéis. Atraso na linguagem, dificuldade para articulação de palavras. A criança passa a utilizar muito das pistas visuais para se comunicar.
 - Surdez severa ou profunda = 70 a 90 decibéis. Causa grande atraso na linguagem. A percepção visual é importante para a compreensão do contexto social.
- **TIPOS DE PERDA:**
- Surdez de condução = Acontece no tímpano, ossos, cóclea.... Possível “reconstruir”.
 - Surdez neurossensorial = envolve o nervo auditivo; ligação da audição mecânica com o cérebro.

-AULA DO DIA 25/09/15-

DISCIPLINA: Metodologia da Produção Científica

PROFESSORES: Suzete, Rejany e Gustavo

- Retomada das questões da aula anterior:
 - 1) Por que existe Arte, Filosofia, Religião e Ciência?
 - 2) O que é conhecimento?
 - 3) De onde nasce seu conhecimento sobre o mundo?
 - 4) Qual sua experiência profissional e acadêmico científica?
 - 5) Contar caso é igual à análise de uma situação?
 - 6) O que são conceitos e para que servem?
 - 7) Quais são as ciências presentes na escola/ensino?

- CONHECIMENTO TÁCITO: É o conhecimento do FAZER, do saber fazer.
CONHECIMENTO EXPLÍCITO: É o conhecimento do COMO FAZER.
É necessário que o conhecimento tácito seja passado adiante e torne-se explícito.
Na nossa sociedade o conhecimento tácito é repassado, principalmente, pela ESCRITA. É o meio de transformá-lo em conhecimento explícito.

- A Filosofia clássica trabalha o conhecimento como algo humano que precisa ser buscado pelo homem por meio da observação e da argumentação racional.
- PLATÃO faz distinção entre conhecimento filosófico e conhecimento comum:

DOXA



Conhecimento do *Homo Sapiens*
conhecimento
explicitar
construção mais
organizada.

EPISTEME



É a construção do conhecimento –
do *Homo Sapiens Sapiens* – que quer
este conhecimento. Tem uma
elaborada, mais

OPINIÃO



Está entre a DOXA e a EPISTEME

- Boaventura de Souza Santos denomina este momento como “Primeira Ruptura Epistemológica, onde o humano deixa de viver só com as imagens e passa a buscar compreender os fatos.
- No período da Filosofia Clássica havia uma interligação entre música e a matemática, entre o conhecimento dos astros e da natureza.
- IDADE MÉDIA: O conhecimento era ligado ao saber religioso. Havia um desenvolvimento técnico. (Conhecimento tácito)
- RENASCIMENTO: Retorno do conhecimento voltado ao homem. Há um resgate de muitos princípios filosóficos dos gregos. A técnica e a ciência se desenvolvem muito e passam a andar de forma mais conectada. (Conhecimento explícito)
- MODERNIDADE: Há uma ruptura da ciência e da técnica e um grande avanço das ciências. Há a necessidade de estruturar e organizar o conhecimento.

-AULA DO DIA 01/10/15-

PROFESSORA CLÁUDIA MÁRCIA / UFF - DISCIPLINA: Práticas Profissionais e Processos na Diversidade e Inclusão

➤ **CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO DE ENSINO:**

1. Flexibilidade
2. Planejamento
3. Expositivo (em geral o aluno tem menos chance de expor seus pensamentos)
4. Interativo (o aluno é protagonista, método ativo)

➤ Os Métodos Ativos levam a problematização, a resolução de problemas, fazendo com que o aluno seja construtor de seu conhecimento.

➤ A consequência do uso do método ativo é a METACOGNIÇÃO que é a capacidade de saber o que se conhece: ter uma habilidade e poder explicar como ela é realizada.

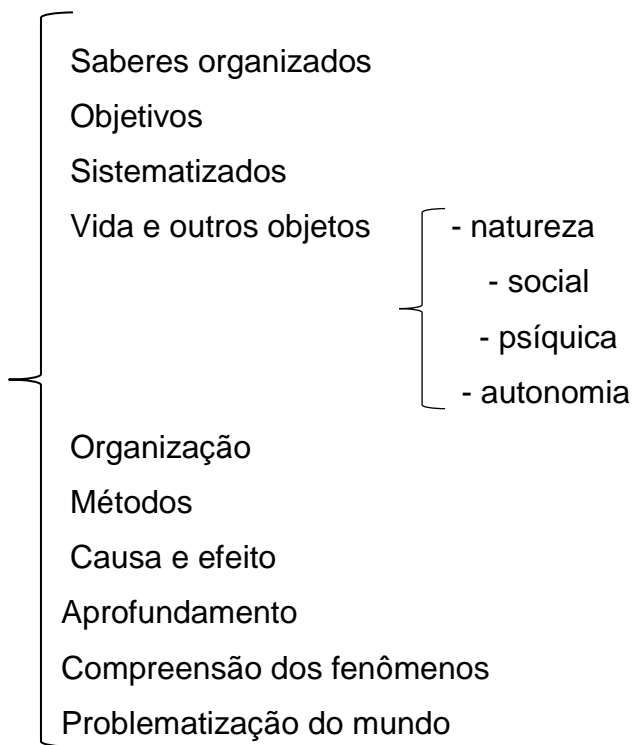
➤

FOI REALIZADA UMA ATIVIDADE SOBRE AVALIAÇÃO.

-AULA DO DIA 02/10/15-

DISCIPLINA: Metodologia da Produção Científica - PROFESSORES: Suzete, Rejany e Gustavo

- CIÊNCIAS: sempre foram iguais?
- A definição de ciências não pode ser considerada fora de seu contexto histórico, não pode ser ATEMPORAL.
- Ela tem uma lógica que responde às perguntas: COMO? POR QUE? ONDE?
- COHECIMENTOS



- PSEUDO: fingido, tenta ser o que não é.
Ex.: Alguns escritores usam outro nome, um pseudônimo, para não serem identificados. Fingem ser outra pessoa!
- Toda ciência tem que ser aberta a fatos novos. Qual melhor se adapta a fatos novos?

- VÍDEO: Cuidado com a Neurobobagem.

AULA DO DIA 08/10/15-

PROFESSORA CLÁUDIA MÁRCIA / UFF - DISCIPLINA: Práticas Profissionais e Processos na Diversidade e Inclusão

- ATIVIDADE:

1. Conceituar avaliação
2. Discutir em grupo o conceito de avaliação e constituir o conceito do grupo.
3. Comparar o conceito do grupo com o de GRONLUND (1976): “AVALIAÇÃO é o processo sistemático de determinar em que medidas objetivos educacionais foram alcançados”

- AVALIAR PARA QUE?

- Conhecer melhor o aluno – INICIAL OU DIAGNÓSTICA
- Julgar a aprendizagem durante o processo de ensino – CONTÍNUA
- Julgar o resultado de um processo didático – FINAL

- FORMAS DE AVALIAR:

CONHECIMENTO: somatório do que se sabe

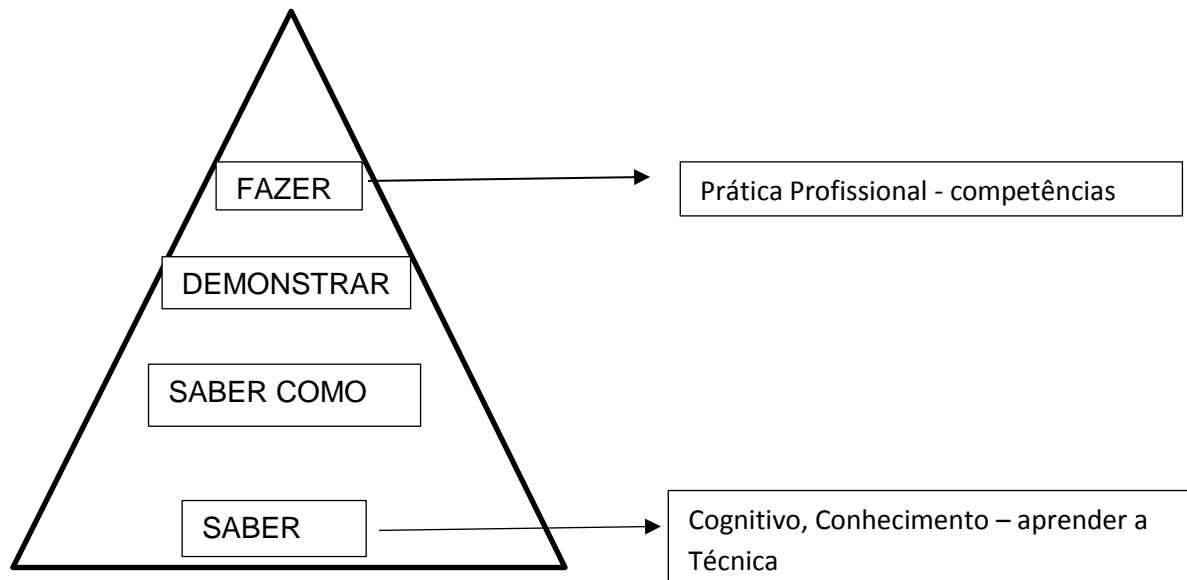
HABILIDADE: Atividades psicomotoras

COMPETÊNCIAS: operacionalização do conhecimento

- TAXONOMIA E OBJETIVOS NO DOMÍNIO COGNITIVO – 1956 – Benjamim Bloom

- Conhecimento
- Compreensão
- Aplicabilidade
- Análise
- Síntese
- Avaliação

➤ PIRÂMIDE DE MILLER



➤ ABP = Avaliação Baseada em Problemas

- Auto avaliação e avaliação interpares
- Habilidade para discutir o problema
- Habilidade para solucionar o problema

➤ ATIVIDADE EM SALA SOBRE AVALIAÇÃO.

-AULA DO DIA 09/10/15-

DISCIPLINA: Metodologia da Produção Científica - PROFESSORES: Suzete, Rejany e Gustavo

➤ O QUE É CONHECIMENTO CIENTÍFICO?

➤ EPISTEMOLOGIA: **Epistemologia** significa **ciência, conhecimento**, é o estudo científico que trata dos problemas relacionados com a **crença e o conhecimento**, sua natureza e limitações.

➤ Há diferentes correntes de pensamento em epistemologia:

PENSADORES CONTINUÍSTAS	PENSADORES NÃO CONTINUÍSTAS
POPPER, LAKATOS, FAYERE BAND (chamado de anarquista científico)	Khun e Bachelard

➤ .Conhecimento comum é DIFERENTE do conhecimento científico

➤ Exemplo:

MANIÇOBA – Prato típico da região norte do Brasil (Pará) feito com a folha da mandioca. A folha tem um “veneno” e muitos índios morreram ao ingerir este alimento. Mas hoje este prato é comum para os Paraenses. Como poderiam comê-lo sem morrer? Os índios descobriram. Como os índios descobriram isso? Eles usaram de ciência? Vejamos:

Descobertas pelos índios	Descobertas pelo cientista
Hipótese	Hipótese
Método	Método
Registro – descobriram que após ferver a folha por 7 dias os índios não morriam mais.	Registro – descoberta do cianeto na folha da mandioca.

➤ Na ciência moderna, além dos passos acima precisa-se ter o reconhecimento dos pares, da comunidade científica.

➤ Esquemáticamente podemos dizer que o conhecimento científico parte de 3 premissas:

1. Há uma realidade que independe de sua observação por nós;
2. É possível conhecer esta realidade (= produzir conhecimento);
3. A premissa 1 domina a premissa 2.

- A interpretação da realidade, cada um tem a sua. Mas a **COMPREENSÃO** desta realidade não pode e não deve estar condicionada a **NOSSA** interpretação da realidade.

-AULA DO DIA 23/10/15-

DISCIPLINA: Metodologia da Produção Científica - PROFESSORES: Suzete, Rejany e Gustavo

TEMA: Plágio

PLAGIUM – Vem do latim – ação de roubar uma pessoa.

Os romanos cunharam o termo *plagiato* e *plagiarum* que deram origem ao **PLÁGIO**, ou seja, roubo literário ou científico.

PLÁGIO – Imitação ou cópia fraudulenta (definição nos dicionários);

Violação dos direitos autorais de outrem;

Apropriação indevida da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma.

PLAGIADOR – 1) É aquele que a todo custo quer se autor e, não tendo gênio nem talento, copia, não só frases, mas também páginas e passagens inteiras de outros autores e tem a má fé de não os citar;

2) É aquele que reclama a honra da autoria da obra;

3) É aquele que também acrescenta uma única palavra e diz ser o autor da frase toda.

- **CATEGORIAS DE PLÁGIO:**

A) **ACADÊMICO:** Cópias de artigos, teses, dissertações, facilitado hoje em dia pela internet;

B) **DE IDEIAS:** Muito comum e de comprovação muito difícil;

C) **AUTO PLÁGIO:** Consiste na apresentação total ou parcial de textos já publicados pelo autor, sem as devidas referências aos trabalhos anteriores.

- **TIPOS DE PLÁGIO:**

- A) INTEGRAL: Cópia a fonte, palavra por palavra, sem indicar que é uma citação, sem referência;
- B) PARCIAL: Colagem resultante da seleção de parágrafos ou frases de um ou diversos autores, sem menção a obra;
- C) CONCEITUAL: Utilização da essência da obra do autor expressa de forma distinta da original;
- D) MOSAICO OU SUBMERSO: Não faz uma cópia diretamente da fonte, mas muda cada frase, muda umas poucas palavras em cada frase ou reformula levemente.

➤ **TIPOS DE PLÁGIO ACADÊMICO:**

- A) CLÁSSICO: Cópias extra dos textos;
- B) SEQUENCIAL: Usa muitos parágrafos em sequência, vindos de uma mesma fonte, mesmo citando à fonte;
- C) DE ALTA DENSIDADE E AMPLO: Pesquisa em poucas fontes e usa uma delas em excesso;
- D) DE ALTA DENSIDADE E RESTRITO: Cópia na íntegra os parágrafos inclusive com os autores citados pelo autor original do trabalho (cita o citado);
- E) SIMULADO: Cópia de um trecho, parafrazeando ou não, de uma obra de terceiro;
- F) ELEMENTOS ESPECIAIS: Cópia de elementos como tabelas, gráficos, figuras e etc de fontes externas.

➤ **LEGISLAÇÃO:**

- LEI 9610 DE 19/02/1998
- Código Civil – Art. 524
- Código Penal – Art. 7, 22, 24, 33, 101 110 e 184 a 186 (direitos do autor) e 299 (falsidade ideológica)

O autor lesado pode entrar na justiça com ação indenizatória.

As penas variam de 3 meses a 1 ano de reclusão ou multas.

MAS DE QUEM É A CULPA PELO PLÁGIO?

- DA INTERNET?

- MSN?
- REDES SOCIAIS?

Hoje o professor precisa usar de recursos tecnológicos que mensuram e indicam se houve ou não plágio; na internet há programas e serviços com este objetivo.

8.2 GLOSAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DAS AULAS DA DISCIPLINA “ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL”

Aula 1 – Ensino Tradicional X Ensino Ativo

F	“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.” Paulo Freire
PT	PESQUISA PRÓPRIO OBJETO NÃO É, PRÓPRIO HUMANO. CONHECER P-A-U-L-O F-R-E-I-R-E (SINAL)
F	Nesta aula vamos refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem
PT	AGORA NÓS REFLETIR ENSINO-APRENDIZAGEM
F	Discutindo diferentes teorias e perspectivas sobre o mesmo.
PT	DISCUTIR TEORIAS DIFERENTES (ASPAS) APONTAR (ENSINO-APRENDIZAGEM)
F	As teorias do processo de aprendizagem podem ser divididas em dois grandes grupo:
PT	TEORIAS DIVERSAS APRENDER 2 VIÉSES
F	Tradicionais (comportamentais) e Ativas (cognitivas/interacionistas).
PT	TRADICIONAL É COMPORTAR MÃO (BATER DORSO) LUTAR COGNIÇÃO INTERAÇÃO
F	Enquanto Skinner está entre os que forneceram o referencial teórico-prático para as teorias comportamentais,
PT	S-K-I-N-N-E-R (SINAL) PRINCIPAL APONTAR TRADICIONAL
F	Piaget e Vygotsky estão entre os mais conhecidos teóricos que fundamentaram as teorias cognitivistas/interacionistas.
PT	P-I-A-G-E-T (SINAL) V-Y-G-O-T-S-K-Y (SINAL) PRINCIPAL APONTAR (COGNIÇÃO INTERAÇÃO)
F	Embora muito se discuta em relação às últimas, a prática em sala de aula muitas vezes ainda se prende a metodologias comportamentais em todos os níveis de ensino.
PT	AGORA DISCUTIR APONTAR (COGNIÇÃO INTERAÇÃO) MAS ACONTECE DENTRO SALA (NIVEIS ENSINO) APONTAR (COMPORTAMENTO)

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Objetivos de Aprendizagem

F	1. Compreender os princípios do ensino tradicional e do ensino ativo e suas bases teóricas.
PT	COMPREENDER 5 APONTAR + BASES TEÓRICAS ENSINO TRADICIONAL E ENSINO ATIVO
F	2. Relacionar as práticas de ensino vivenciadas às suas classificações e efeitos sobre o aprendizado.
PT	PRÁTICAS TRADICIONAL ATIVO APRENDER ACONTECE OU NÃO RELACIONAR

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Aula 2 – Pensamento científico e reflexivo

F	Para Bachelard,
PT	B-A-C-H-E-L-A-R-D EXPLICA
F	a tarefa do professor [...]
PT	PROFESSOR RESPONSABILIDADE
F	“consiste no esforço de mudar de cultura experimental, de derrubar os obstáculos já montados pela vida cotidiana,
PT	QUEBRAR PARADIGMA IDEIA CIÊNCIA SABER CONHECIMENTO
F	de propiciar rupturas com o senso comum, com um saber que se institui da opinião e com a tradição empiricista das manifestações das impressões primeiras.
PT	OPINIÕES SENSO COMUM E FORTALECER CONHECER UNIÃO EXPERIÊNCIA APROFUNDAMENTO PESQUISA MÉTODOS
F	Assim, o epistemólogo tem de tornar os fatos como ideias, inserindo-os num sistema de pensamento.”
PT	PROFISSIONAL CIÊNCIA PRECISA COISAS VERDADES TRANSFORMAR IDEIAS ORGANIZAR O PENSAMENTO MUDAR (TESTA) CONHECIMENTO.
F	Para ele, “a opinião pensa mal; ela não pensa, traduz necessidades em conhecimentos.
PT	APONTAR OPINIÃO SENSO COMUM TROCAR CONHECIMENTO MAL
F	Ao designar os objetos pela sua utilidade, coíbe-se de conhecê-los.
PT	INSTRUMENTO FUNÇÃO SIGNIFICADO NÃO TEM AINDA
F	Nada se pode funda a partir da opinião; é necessário, antes de mais destruí-la. Ela constitui o primeiro obstáculo a ultrapassar.
PT	CIÊNCIA VERDADE É BASE SENSO COMUM NÃO É. APONTAR SENSO COMUM PRECISAR ABSTRATO
F	[...] O espírito científico, proíbe-nos de ter uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular claramente.
PT	PESSOA CIÊNCIA ACEITAR NÃO OPINIÃO ESCURO NÃO PRECISA

F	É preciso, antes de tudo saber formular problemas.
PT	COISAS CLARO ACEITAR TAMBÉM PESQUISAR OBJETIVOS
F	[...] É precisamente o sentido do problema que dá a marca do verdadeiro espírito científico.
PT	APONTAR (OBJETIVO) É PRÓPRIO PESSOA CIÊNCIA
F	Para um espírito científico, todo conhecimento é uma resposta a uma questão.
PT	PESSOA CIÊNCIA CONHECIMENTO E OBJETIVO
F	Se não houver uma questão, não pode haver conhecimento científico.
PT	NÃO TER DÚVIDAS NÃO CONHECIMENTO CIÊNCIA
F	Nada é natural.
PT	NATUREZA NADA
F	Nada é dado.
PT	DAR NADA
F	Tudo é construído.”
PT	TUDO DESENVOLVER
F	(Bachelard, 2006).
PT	PARÊNTESES B-A-C-H-E-L-A-R 2-0-0-6

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução – RT/ registro de tradução

Objetivos de aprendizagem

F	1. Listar os principais pontos da pedagogia científica de Bachelard;
PT	1. 5 PONTOS PEDAGOGIA CIÊNCIA B-A-C-H-E-L-A-R
F	2. Reconhecer que os pensamentos científico e reflexivo são parte integrante do processo de ensino e aprendizagem.
PT	2 ENSINO X APRENDIZAGEM DENTRO TEM PENSAR CIENTIFICO E REFLEXÃO

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução – RT/ registro de tradução

Aula 3 – Aprendizagem efetiva de conceitos

F	Segundo Veronezi,
PT	HOMEM AUTOR V-E-R-O-N-E-Z-I-EXPLICA
F	“A linguagem é instrumento do pensamento humano,
PT	LINGUAGEM DENTRO PENSAR
F	Uma vez que apropria conceitos e signos, e o plano da consciência não preexiste, mas se constrói e tem sua origem na vida social do homem.”
PT	PQ LINGUAGEM APROPRIA CONCEITOS E SIGNOS MAS CONSCIÊNCIA APARECER RELAÇÕES SOCIAL VIDA HUMANA
F	Assim, a comunicação depende do domínio da linguagem cuja língua usada pode ser a primeira ou a segunda, além da científica.
PT	POR ISSO DÁ COMUNICAR L1 E L2 E LINGUAGEM CIENTÍFICA MAS PRECISA SABER LINGUAGEM

F	Segundo Vygotsky,
PT	V-Y-G-O-T-S-K-Y EXPLICA
F	“A influência dos conceitos científicos sobre o desenvolvimento mental da criança é análogo ao efeito da aprendizagem de uma língua estrangeira,
PT	CRIANÇAS APRENDER CONCEITOS CIÊNCIA OU L.E IGUAL DESENVOLVER APONTAR (CRIANÇA) MENTAL
F	Um processo que é consciente e deliberado desde o início.
PT	DOIS PROCESSOS TEM CONSCIÊNCIA
F	Na língua materna, os aspectos primitivos da fala são adquiridos antes dos aspectos mais complexos
PT	APONTAR (CRIANÇA) ADQUIRIR LÍNGUA MATERNA ANTES SIMPLES DEPOIS COMPLEXO PESADO
F	Estes últimos pressupõem uma certa consciência das formas fonéticas, gramaticais e sintáticas.”
PT	APONTAR (COMPLEXO PESADO) PRECISA SABER PROFUNDO FONÉTICA GRAMÁTICA SINTAXE

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Objetivos de Aprendizagem

F	1. Relacionar práticas didáticas à efetividade do aprendizado de conceitos e às teorias cognitivas de aprendizagem;
PT	1. PRÁTICAS DIDÁTICAS APRENDIZADO VDD TEORIAS COGNITIVAS APRENDER RELACIONAR
F	2. Refletir sobre o processo de aprendizagem do conceito;
PT	2. CONCEITO (PALAVRA) APONTAR REFLETIR

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Aula 4 – Conceitos prévios e aprendizagem significativa

F	“é importante reconhecer que a distinção entre os aprendizados mecânico e significativo não é uma simples dicotomia,
PT	APRENDER TRADICIONAL APRENDER VDD SIMPLES NÃO É. MISTURAR VIDA SEMPRE
F	Mas antes um continuum, pelo fato de os indivíduos variarem no que se refere à quantidade e qualidade de sua bagagem de conhecimento relevante e à intensidade de sua motivação em procurar modos de incorporar conhecimento novo ao conhecimento que já possuem.
PT	POR CAUSA PESSOAS TER EXPERIÊNCIA CONHECIMENTO DIFERENTES N-I-V-E-L APOIAR (PARA MIM) VONTADE PESQUIASR NOVOS CONHECIMENTOS AGREGAR (EXTENSÃO)
F	A criatividade pode ser considerada um nível muito alto de aprendizagem significativa, conforme discutiremos mais adiante.”
PT	PESSOAS APRENDER VDD N-I-V-E-L ALTO É CRIAIVIDADE VAI

	ADIANTE EXPLICAR
F	(Novak e Cãnas, 2010)
PT	PARENTÊSES N-O-V-A-K C-Ã-N-A-S 2-0-1-0

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Objetivos de aprendizagem

F	1. Refletir sobre os tipos de aprendizagem (mecânica e significativa).
PT	1. APRENDER TRADICIONAL X APRENDER VDD 2 REFLETIR
F	2. Entender o modelo de Ausubel de assimilação de conceitos novos;
PT	2. COMPREENDER ADQUIRIR NOVOS CONCEITOS PRÓPRIO MODELO A-U-S-U-B-E-L
F	3. Identificar os elementos necessários à aprendizagem significativa.
PT	3.APRENDER VDD ENCONTRAR COMO ACONTECE

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Aula 5 – Mapa Conceitual

F	“As formas mais elevadas do intercâmbio humano só são possíveis porque o pensamento do homem, reflete a atualidade conceitualizada.
PT	RELAÇÃO HUMANA UNIÃO ACONTECER PQ PENSAMENTO DENTRO CONCEITO PRONTO
F	É por isso que certos pensamentos não podem ser comunicados às crianças mesmo quando estas se encontram familiarizadas com as palavras necessárias a tal comunicação.
PT	POR ISSO ALGUNS PENSAR CRIANÇAS CONTAR EVITAR APONTAR (CRIANÇA) JÁ SABE PALAVRA MAS FALTA PRONTO CONCEITO
F	Pode faltar o conceito adequado sem o qual não é possível uma compreensão total.
PT	ELA (CRIANÇA) NÃO COMPREENDER TOTAL PQ FALTA CONCEITO
F	Nos seus escritos pedagógicos, Tolstoy afirma que as crianças experimentam amiúde certas dificuldades para aprenderem uma palavra nova não pelo seu som, mas devido ao conceito que a palavra se refere.
PT	T-O-L-S-T-O-Y EXPLICA CRIANÇA DIFICULDADE SEMPRE APRENDER PALAVRA NOVA POR CONHECER NÃO CONCEITO
F	Há quase sempre uma palavra disponível – quando o conceito se encontra maduro.”
PT	SE CONCEITO PRONTO (DENTRO) CRIANÇA ENCONTRA SINÔNIMO
F	(Vygotsky, Pensamento e linguagem)
PT	V-Y-G-O-T-S-K-Y LIVRO (ASPAS) PENSAMENTO LINGUAGEM

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Objetivo

F	Reconhecer o potencial didático-pedagógico do mapa conceitual
PT	MAPA CONCEITUAL SABER IMPORTANTE DIDÁTICO PEDAGOGIA

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Aula 6 – Trabalhar em equipe

F	O nosso desafio agora é aprender a trabalhar em equipe.
PT	AGORA OBJETIVO SABER TRABALHAR GRUPO UNIÃO
F	Um conjunto de pessoas trabalhando em uma sala constitui um grupo.
PT	GRUPO TRABALHO DENTRO SALA É G-R-U-P-O
F	Entretanto, para que um grupo se torne equipe, os relacionamentos interpessoais deverão ser transformados em atitudes cooperativas e pró-ativas.
PT	MAS APONTAR GRUPO TRANSFORMAR E-Q-U-I-P-E PRECISA PROFISSIONAIS RELACIONAR ATITUDE AJUDAR E LUTAR
F	Assim, os indivíduos que participam do trabalho em equipe possuem metas compartilhadas, comunicação aberta, compromisso e responsabilidade coletivas,
PT	POR ISSO PESSOAS GRUPO UNIÃO TEM META COMPARTILHAR COMUNICAÇÃO CLARA COMPROMISSO REONSABILIDADE GRUPO
F	desenvolvimento de habilidades complementares.
PT	TAMBÉM DESENVOLVER HABILIDADES

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Objetivos de Aprendizagem

F	A aula “Trabalhar em equipe” tem como objetivos de aprendizagem:
PT	OBJETIVOS TEMA AULA TRABALHAR GRUPO UNIÃO
F	1. Conceituar trabalho em equipe.
PT	1. TRABALHO EQUIPE O QUE É
F	2. Identificar os princípios fundamentais do trabalho em equipe;
PT	2. TRABALHO GRUPO UNIÃO ENCONTRAR PONTOS
F	3. Identificar as principais etapas no trabalho em equipe;
PT	3. TRABALHO GRUPO UNIÃO ENCONTRAR ETAPAS COMO
F	4. Compreender o potencial desta estratégia educacional na promoção da aprendizagem significativa.
PT	4. TRABALHO GRUPO UNIÃO IMPORTANTE PARA APRENDER VERDADE

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

Aula 7 – FEEDBACK

F	“...A escola precisa se transformar em um sistema onde a essência não é mais um recurso predeterminado,
PT	SÓ UM RECURSO ÚNICO PRONTO ACABADO
F	Mas que se baseia em desequilíbrios, interações e transformações.
PT	ESCOLA DENTRO É DESEQUILIBRIO INTERAÇÃO TRANSFORMAÇÃO
F	Neste contexto, é preciso entender que avaliar é muito mais do que aplicar um teste, uma prova, fazer uma observação
PT	FAZER PROVA TESTE OBSERVAR AVALIAR É MAIS DO QUE
F	O essencial não é saber se o aluno merece esta ou aquela nota este ou aquele conceito,
PT	IMPORTANTE AVALIAR INSTRUMENTO AJUDA ELE (APONTAR) ALUNOS APRENDER
F	mas fazer da avaliação um instrumento auxiliar de um processo de conquista de conhecimento...”
PT	CONHECER NÃO É DAR NOTAS NÚMEROS CONCEITOS CONCRETO
F	Rabelo, Edmar e Henrique, 2004
PT	R-A-B-E-L-O E-D-M-A-R H-E-N-R-I-Q-U-E 2-0-0-4

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução – RT/ registro de tradução

Objetivos de Aprendizagem

F	Identificar o potencial do <i>feedback</i> na formação profissional.
PT	F-E-E-D-B-A-C-K (SINAL) SABER IMPORTANTE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

8.3. GLOSAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DA PÁGINA DO SPREADBRAZIL

APRESENTAÇÃO

F	O Spread The Sign Brazil é um projeto da Universidade Federal Fluminense,
PT	S-P-R-E-A-D (SINAL) PROJETO U-N-I-V-E-R-S-I-D-A-D-E F-E-D-E-R-A-L F-L-U-M-I-N-E-N-S-E (SINAL)
F	Que faz parte do dicionário internacional SpreadTheSign
PT	JUNTO UNIÃO DICIONÁRIO MUNDO SPREAD (SINAL)
F	Administrado pelo European Sign Language Centre (Centro de Línguas Gestuais Europeias), uma organização não governamental e sem fins lucrativos.
PT	CENTRO LS EUROPEA É GRUPO ONG INTERESSE DINHEIRO NÃO TEM É RESPONSÁVEL SPREAD (SINAL)
F	O principal objetivo deste Centro envolve não só tornar as línguas de sinais nacionais de todos os países acessíveis às pessoas surdas, mas também

	para todos os ouvintes.
PT	OBJETIVO PRINCIPAL SPREAD (SINAL) MOSTRAR LS MUNDO PAISES PARA SURDOS OUVINTES
F	A Universidade Federal Fluminense está representando o Brasil neste projeto mundial de divulgação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)
PT	AQUI (SEU) BRASIL UFF REPRESENTA SPREAD (SINAL) OBJETIVO DIVULGAR LIBRAS PRECISA
F	e conta com você para isso com qualidade.
PT	APONTAR FRENTE APOIO
F	Entre em contato conosco pelo email e saiba mais sobre esse projeto.
PT	CONTATO EMAIL INFORMAR SPREAD (SINAL)

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

HISTÓRIA DO SPREAD THE SIGN BRASIL

F	A história do Spread Sign Brazil surgiu com a tese da Sra. Ruth Mariani no
PT	SPREADBRAZIL (SINAL) APARECEU COM MULHER R-U-T-H M-A-R-I-A-N-I (SINAL)
F	Programa de Pós Graduação em Ciência e Biotecnologia
PT	PESQUISA DOUTORADO DENTRO UFF CURSO CIÊNCIA E B-I-O-T-E-C-N-O-L-O-G-I-A
F	orientado pelas Doutoradas Cristina Delou, Helena Castro da Universidade Federal Fluminense
PT	TER 3 ORIENTADORAS 1DRA C-R-I-S-T-I-N-A D-E-L-O-U (SINAL) 2 DRA H-E-L-E-N-A C C-A-S-T-R-O (SINAL) 2 UFF
F	e co-orientado pela Dra Orquidea Coelho da Universidade do Porto de Portugal
PT	3 DRA O-R-Q-U-Í-D-E-A C-O-E-L-H-O LÁ PORTUGAL (SINAL) UNIVERSIDADE P-O-R-T-O

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

SOBRE A EQUIPE

F	A equipe do Spread inclui:
PT	GRUPO SPREAD (SINAL) TEM
F	Coordenação Geral: Dra Helena C. Castro, Dra Cristina Delou
PT	CD GERAL H-E-L-E-N-A C C-A-S-T-R-O (SINAL) 1DRA C-R-I-S-T-I-N-A D-E-L-O-U (SINAL)
F	Coordenação Executiva: Sra. Ruth Mariani
PT	CD ADMINISTRAR R-U-T-H M-A-R-I-A-N-I (SINAL)
F	Equipe: Alunos Surdos do Instituto Professor Ismael Coutinho e alunos de graduação da UFF
PT	GRUPO ALUNOS I-N-S-T-I-T-U-T-O P-R-O-F-E-S-S-O-R I-S-M-A-E-L C-O-U-T-I-N-H-O (IEPIC SINAL) E ALUNOS FACULDADE UFF

F/ frase texto fonte – PT/ projeto de tradução

As expressões abaixo foram traduzidas, interpretadas e filmadas, julgamos não necessitar de organizá-las em glosas.

LOCALIZAÇÃO E CONTATO

Atendimento:

- Segunda a Sexta, das 10:00 às 15:00 horas

ENDEREÇO:

Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Campus Valonguinho

Rua Outeiro São João Batista

Centro, Niterói, RJ, Brasil

TELEFONES:

+ 55 (21) 2629-2352

+ 55 (21) 2629-2376

9. ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL TRIBUNA DE MINAS EM 2016

O jornal Tribuna de Minas é um periódico local com circulação na cidade de Juiz de Fora e algumas outras cidades da Zona da Mata Mineira. Durante o ano de 2016 foram realizadas quatro publicações na seção “Artigo do Dia”, cuja a temática foi a Educação de Surdos e o uso das Tecnologias. Segue abaixo os artigos com suas referidas datas de publicação e os links para acesso na página do referido jornal. Para acessar o texto no site do jornal é necessário realizar um cadastro.

Texto publicado em autoria com Ana Paula Xavier, no dia 22 de janeiro de 2016.

<http://www.tribunademinas.com.br/um-professor-de-libras/>

UM PROFESSOR DE LIBRAS

Acreditamos que renomadas universidades brasileiras, principalmente aquelas que oferecem cursos de GESTÃO, sabem ou deveriam saber sobre a importância de UM PROFESSOR DE LIBRAS. Isso por que os SURDOS (e não SURDO-MUDO) frequentam bares, restaurantes, UNIVERSIDADES, lojas, trabalham em empresas de grande porte, ou seja, possuem uma VIDA IGUAL À DAS PESSOAS OUVINTES. Sendo a única diferença, a diferença linguística. Diferença esta, pautada somente na língua. Uma língua de gramática, sintaxe, fonética e tantas outras características iguais às das línguas orais.

Mas que língua é essa? Uma língua reconhecida oficialmente em nosso País em 2002. Seu nome: Língua Brasileira de Sinais, ou mais conhecida como LIBRAS. A Lei: 10.436 ou LEI de LIBRAS.

Gestor que se preze, deveria ser conhecedor dessa legislação. Gestor que se preze, deveria capacitar seus funcionários para se comunicarem com os sujeitos Surdos, que por ventura frequentasse o lugar por ele gerido. Isso é a tão

sonhada agilidade e efetividade, “no atendimento das demandas da sociedade”, que as empresas devem buscar, ou seja, acessibilidade comunicacional (BRASIL, 2000).

Este “fiscal”, que avaliou esta “universidade renomada, que oferece excelentes cursos de gestão”, merece TODOS os APLAUSOS do mundo. Uma universidade renomada que não possui em seu quadro de profissionais, UM PROFESSOR DE LIBRAS, é viver no TRADICIONAL, ancorado em um passado preconceituoso, burocrático, meritocrático, visando apenas gerir resultados e não gerir pessoas.

Desafios? Sim. Inúmeros. Acreditamos que o principal deles é ter UM PROFESSOR DE LIBRAS, numa renomada universidade. Outro desafio é “mudar” a concepção de que nós professores (de LIBRAS e de tantas outras ciências) somos desnecessários.

Entender o **necessário** como parte constituinte de uma sociedade que se quer dinâmica, equânime e com as engrenagens lubrificadas para que a roda da evolução continue girando, precisamos SIM de.... PROFESSORES DE LIBRAS!!

Texto publicado em autoria com Ana Paula Xavier, no dia 09 de março de 2016
<http://www.tribunademinas.com.br/reflexao-inovacao-x-tecnologia/>

Reflexão: Inovação x Tecnologia

Inovação e tecnologia, tecnologia e inovação. Acredito ser impossível falar isoladamente destas duas “ferramentas” imprescindíveis para a vida em sociedade. Na atualidade, o homem tem se tornado refém das novas tecnologias (ferramentas), que com uma certa dose de inovação (criatividade) nos descortinam o mundo. Nos apresentam tempos e espaços de diferentes maneiras e sob diferentes perspectivas.

Não se pode pensar em tecnologias apenas pelo prisma dos valores (inovadores atuais) a elas agregados. Por exemplo, o arado, o carro de boi, a lança de pedra, o giz, a roda, dentre outros, são exemplos de tecnologias que num

determinado contexto histórico, social e cultural tiveram seu apogeu e sua importância, ou melhor, continuam importantes e úteis para a sociedade.

Encontramos sociedades cujos recursos tecnológicos de baixo valor agregado são de tamanha utilidade quanto os nossos mais velozes e potentes computadores e lava-louças. Agregamos valor a essas criatividades materializadas em ferramentas tecnológicas à medida que nos sucumbimos a um mercado persuasivo e perverso. A futilidade e a liquidez destas novas tecnologias nos fazem consumir a nós mesmos, em troca de uma comodidade tecnológica e de uma breve sensação de ter/pertencer.

Pensar em inovação (criatividade) é pensar em estratégias. Estratégias criadas para facilitar a vida humana. É pensar em fazer, agir, criar. (re) fazer, agir novamente, (re) criar. É mudança e movimento. Sonho e realidade. Fazer o novo, novidade. Ter o objetivo de potencializar. Potencializar o impossível, o desacreditado, o que está fadado ao fracasso. Criatividade (inovação) é imaginação. Imaginar e concretizar. É tornar eficaz, eficiente, ágil. É compartilhar, interagir, relacionar. Fazer circular ideias, ideologias, sonhos e fantasias. É fazer sorrir e chorar. Amar e odiar. Um apaixonar diário pelo novo. Todas estas manifestações da inovação se materializam nas tecnologias.

Afinal, o que são as tecnologias? Ferramentas? Instrumentos? Objetos? É algo concreto ou abstrato? Nuvem??? Rede? Interligações? Vassoura? Giz? Livro? Smartphone? Código? Tecnologia são manifestações da inovação (criatividade) em forma de instrumentos (e todos os seus sinônimos) que visam contribuir para a vida em sociedade.

Gostar de tecnologias não significa se apaixonar pelo superultramega computador do ano. Gostar de tecnologia é sentir prazer em ler um livro, segurar um lápis, cozinhar com uma colher de pau. É mergulhar num mundo de simplicidade, de cumplicidade, de amizade. É ter o mundo a um toque. É conhecer Paris, Tóquio, Londres sem precisar sair do quarto. É sentir o cheiro de um café fresco pela manhã e poder pedalar numa alameda florida.

E ainda que o lado obscuro dessa tecnologia exista (a poluição, a obscuridade, a ilegalidade...) - e ele existe! - aspiro sempre que, a vontade humana utilize o seu potencial criador como alavanca favorável a impulsionar o progresso

coletivo. E que este pensamento seja disseminado de geração a geração. Tecnologia e inovação é acessibilidade. É comunicação. É transporte. É conhecimento. É informação. É vida! Vida que se transforma e se reinventa, que cria novas necessidades para seu conforto, para aguçar sua criatividade, seu instinto de fazer para se sentir bem, atendido em seus prazeres.

Texto publicado por mim, dia 03 de junho de 2016

<http://www.tribunademinas.com.br/em-tempos-de- crise-e-a-educacao/>

Em tempos de “Crise”: e a Educação?

Há uns anos atrás ignorei os conselhos de meu pai. Ele, profissional competente, um ótimo professor, o melhor que conheci. Seu conselho? Para que eu não prestasse vestibular para licenciatura. Ignorei. Claro! Nasci e cresci dentro da sala de aula. Vivi até aquele período cercado por livros, papéis, listas de chamadas, aulas, vídeos e tantos outros aparatos tecnológicos, ideológicos e de luta da classe do magistério. Prestei vestibular, passei e ingressei num curso de licenciatura. Por uns tempos, eu e meu pai não tocamos no assunto profissão.

No decorrer da graduação ele percebeu meu envolvimento e disponibilidade para tal e quando fui defender meu Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, lá estava ele. Ao meu lado, me defendendo. Mesmo não podendo opinar, ele queria que aquele momento fosse um momento de glória, de vitória, de conquista.

O tempo passou e ingressei no magistério, como professor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) / Língua Portuguesa (LP), tendo como grande incentivador, meu pai. Ele percebeu que, tudo o que havia construído durante sua vida profissional era um incentivo pra mim. E mesmo assim, depois de alguns anos, compreendo todos os argumentos que meu ídolo usava para que eu escolhesse outra área de atuação e formação.

Ouvir de colegas de profissão que ainda não está preparado para atuar com alunos com deficiência, em pleno século XXI, não dá. Ouvir de colegas de profissão que, se comunicar com alunos Surdos é parecido como conversar com

cachorros, não dá. Ouvir de colegas de profissão que o aluno não sabe nada, não dá. Este não “saber nada” é não saber o que? O que a escola quer ensinar? Ou o que nós queremos ensinar? Complexo? Crise? Quem se responsabiliza? Ensinamos para alunos Surdos numa língua que não é a dele e ainda os culpamos por estarem na escola? Absurdo!!!!

Mario Sergio Cortella diz que em tempos de crises, de momentos graves, temos momentos grávidos. Momentos que podem surgir novas ideias, novos rumos, novas estratégias. O momento é agora. Mudança. Aceitação. Alteridade. Precisamos deixar este velho, mas ainda latente discurso, de “falta de preparo”, no passado. Onde ele deveria ter ficado. Precisamos mudar nossas concepções e compreender que a educação, mesmo que para alguns ainda não seja, é SIM, para todos.

Nós profissionais da rede pública de ensino, deveríamos ter orgulho de poder atuar com o que de mais belo temos, a diversidade humana. Um universo de amor, carinho, respeito, educação, amizade, sonhos, crenças, esperanças.... Somos para muitos de nossos alunos, modelo (assim como meu pai foi e ainda é para mim). E o que fazemos para sermos bons modelos? O que fazemos pelo futuro de nossos alunos? O que fazemos por uma educação melhor? O que fazemos???

Em tempos de crise, agradeço ao meu PAI, pelo exemplo!!!

Texto publicado em autoria com Ana Paula Xavier, no dia 16 de junho de 2016

<http://www.tribunademinas.com.br/a-invisibilidade-da-pessoa-aluno-Surdo/>

A invisibilidade da pessoa (aluno) Surdo

Se pesquisarmos nos dicionários da língua portuguesa o conceito de invisível, encontraremos algo do tipo: “aquilo que não se vê; o que não se pode ser visto; que não se deixa ver”. E em educação, o que podemos chamar de invisível? Ou melhor, na educação de/para/com/dos Surdos, o que significa invisibilidade? Quem são invisíveis neste processo? Por que são? São por que não se deixam ver ou por que não os vemos? Se vemos, os enxergamos?

Há tempos trilhamos este árduo e prazeroso caminho: a educação de/para/com/dos Surdos. Algumas posturas, ou não posturas, vem nos incomodando um pouco (ou melhor, muito). Percebemos que durante o processo de escolarização básica os alunos Surdos não são vistos dentro do ambiente escolar. Ai você, leitor, nos perguntará: como não são vistos, se na escola perto da minha casa tem um@ alun@ surd@? Percebeu? Perto da sua casa tem “um@”. Não muit@s. Sozinh@s. Isolad@s. Numa escola que não fala sua língua (Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS). Uma escola que foi toda pensada por ouvintes e para ouvintes. Onde os materiais são preparados por ouvintes e para ouvintes. Onde as aulas são ministradas para ouvintes e por ouvintes. Onde os métodos, as estratégias, os recursos são pensados para ouvintes e por ouvintes. Todos com foco na Língua Portuguesa. Língua essa majoritária em nosso país, constituindo, assim, um monolíngüístico. Uma contradição, não acha? Um país de dimensões continentais, com uma população de mais de 200 milhões de pessoas e apenas uma língua é privilegiada na escola. Poder?

Retornando à invisibilidade, é possível você entender, agora, o porquê nossos alunos Surdos são invisíveis? Alunos frequentando ambientes cuja língua natural não tem *status* de língua e sim de linguagem. Professores usando metodologias tradicionais, não se importando com o processo de aprendizagem “formal” destes alunos. Aluno Surdo recebendo instrução numa língua que não é a dele. “Sendo” (com muitas aspas) alfabetizado numa segunda língua sem ter aprendido uma, a sua, a LIBRAS. Alunos aprovados à revelia, enquanto outros se mantêm longos períodos num mesmo ano escolar. Docentes não preparados (em pleno século XXI e com diplomas) atuando junto à estes alunos.

Essa é uma realidade nacional. Nós que atuamos na educação de/para/com/dos Surdos, lutamos por uma educação de qualidade e uma qualidade na educação destes sujeitos. Qualidade esta, adquirida quando oferecemos espaços onde as línguas envolvidas possuem o mesmo *status quo*, onde cada uma delas tem seus papéis definidos. Onde é respeitada a subjetividade, linguística, a identidade e a cultura deste alunado. Onde a língua de instrução seja a LIBRAS e onde toda a estrutura seja pensada pra eles e por nós (Surdos e ouvintes). Uma educação para tod@s. Uma educação que possa oferecer oportunidades e não tirá-la.

No atual cenário da educação de/para/com/dos Surdos, nos recordamos de uma frase proferida pelo Sr. Dr. Ladreit de Lacharrière, Presidente do Comitê de Organização (Seção de Ouvintes) do Congresso Internacional para Estudos das Questões de Educação e de Assistência de Surdos Mudos, que ocorreu em 1900 na cidade de Paris na França: “Enquanto o ingresso na escola é um direito para o que escuta, é um favor para o Surdo-mudo”. Perguntamos novamente para você leitor: essa educação é um favor? Ou a escola deve, realmente, ser para TOD@S?